

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**Significados sociais da variação teu/seu: investigando percepções e avaliações  
sociolinguísticas na variedade carioca**

**Brenda Gonçalves Tosi**

**2024**

**SIGNIFICADOS SOCIAIS DA VARIAÇÃO TEU/SEU: INVESTIGANDO  
PERCEPÇÕES E AVALIAÇÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS NA VARIEDADE  
CARIOCA**

**Brenda Gonçalves Tosi**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Laurentino de Oliveira

**Rio de Janeiro  
2024**

**Significados sociais da variação teu/seu: investigando percepções e avaliações sociolinguísticas na variedade carioca**

Brenda Gonçalves Tosi

Orientador: Prof. Dr. Thiago Laurentino de Oliveira

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Examinada por:

---

Presidente, Prof. Dr. Thiago Laurentino de Oliveira – UFRJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Manuella Carnaval – UFRJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leila Maria Tesch – UFES

---

Prof. Dr. Diego Leite de Oliveira – UFRJ (Suplente)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Violeta Virginia Rodrigues – UFRJ (Suplente)

Rio de Janeiro  
Fevereiro de 2024

TOSI, Brenda Gonçalves. Significados sociais da variação teu/seu: investigando percepções e avaliações sociolinguísticas na variedade carioca. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2024

## RESUMO

A presente dissertação se propõe a investigar a *percepção* e a *avaliação* dos falantes do Português Brasileiro (PB) - naturais da cidade do Rio de Janeiro - diante dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular (2SG) *teu* e *seu*. São explorados nesse estudo os significados sociais indexicalizados ao uso dessas variantes, sobretudo a variante *teu*, forma historicamente vinculada ao paradigma do pronome pessoal *tu*. Nossa investigação se fundamenta nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]), uma vez que assumimos que as formas possessivas *teu* e *seu* estão em variação no PB. Também nos baseamos no postulado de significados sociais da variação (Eckert, 2012; 2019), tendo em vista que acreditamos que variáveis linguísticas podem indexicalizar significados sociais diversos, podendo expressar valores como ‘intimidade’, ‘juventude’, ‘modernidade’, entre outros. São objetivos desta pesquisa: (i) analisar a *percepção* e a *avaliação* dos falantes diante da variação entre as formas possessivas de segunda pessoa do singular *teu* e *seu*; (ii) comparar dados de *percepção linguística* com os resultados de estudos anteriores que investigaram dados de *produção linguística* (Pereira, 2016; Tosi, 2021); e também (iii) identificar quais significados sociais estão sendo indexicalizados ao uso dessas variantes possessivas. Hipotetizamos que: (i) os falantes *percebem* e *avaliam* as formas possessivas *teu* e *seu* de maneiras distintas, sendo mais sensíveis sociolinguisticamente à presença da forma possessiva *teu*; (ii) os resultados de *percepção* dialogam com os resultados das pesquisas de *produção* (Pereira, 2016; Tosi, 2016) no que diz respeito ao índice de *formalidade*; (iii) o possessivo *teu* indexa significados sociais diversos e é *percebido* e *avaliado* como o possessivo mais *grosseiro* e *informal*, e o possessivo *seu* transitaria de forma mais fluida entre esses registros, figurando em usos mais genéricos e pouco específicos. Em termos metodológicos, foram adotadas duas abordagens experimentais diferentes, intencionando investigar de forma adequada os aspectos subjetivos do fenômeno em questão. Dito isso, nossa análise se dividiu em duas etapas. No primeiro momento, adotamos a metodologia que se enquadra no que Freitag (2018) classifica como *abordagem direta*; nessa, os falantes são interpelados pelos pesquisadores a emitirem, de maneira aberta e livre, suas opiniões acerca do fenômeno linguístico em investigação. Em um segundo momento, foram aplicados dois experimentos baseados na tarefa de julgamento com escala de diferenciais semânticos (cf. Schütze; Sprouse, 2014). Os dois experimentos que foram aplicados possuíam o mesmo formato estrutural, apenas se diferenciavam pelos estímulos auditivos utilizados. Tais experimentos funcionavam da seguinte forma: os participantes foram expostos a diferentes estímulos sonoros contendo frases em que apareciam os pronomes *teu* e *seu*, e tiveram que julgá-los segundo um conjunto de índices estilísticos tais como *agressividade*, *gentileza* e *masculinidade*. Com isso, intencionávamos captar as nuances subjetivas no julgamento dos falantes, que eram registradas automaticamente com a utilização da escala Likert de cinco pontos. Os resultados obtidos nos experimentos forneceram evidências favoráveis às hipóteses em análise, uma vez que temos observado que os falantes cariocas *percebem* e *avaliam* as formas possessivas *teu* e *seu* como estratégias possessivas dissemelhantes. Além disso, foi observado que o pronome *teu* foi associado a diferentes *significados sociais*, tais como *grosseria* e *informalidade*, enquanto a forma possessiva *seu* se apresentou como uma variante menos marcada, de caráter genérico, sendo mais bem aceita em diferentes situações comunicativas.

Palavras-chave: pronomes possessivos; variedade carioca; avaliações; percepções; significados sociais.

TOSI, Brenda Gonçalves. Significados sociais da variação *teu/seu*: investigando percepções e avaliações sociolinguísticas na variedade carioca. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2024

### ABSTRACT

The present study aims to investigate the *perception* and the *evaluation* of Brazilian Portuguese speakers - natives of the city of Rio de Janeiro - regarding the second person singular (2SG) possessive pronouns *teu* and *seu*. This investigation intends to explore the social meanings indexed to the use of these variants, especially the variant *teu*, a form historically linked to the paradigm of the personal pronoun *tu*. Our investigation is based on the assumptions of Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]), since we assume that the possessive forms of *teu* and *seu* are varying in Brazilian Portuguese. We were also based on the postulate of social meanings of variation (Eckert, 2012; 2019), considering that we verified that linguistic variables can index different social values, being able to express values such as 'intimacy', 'youth', 'modernity', among others. The specific objectives of this research are: (i) to analyze the *perception* and *evaluation* of speakers regarding the variation between the second-person singular possessive forms of *teu* and *seu*; (ii) compare linguistic perception data with the results of previous studies that investigated linguistic production data (Pereira, 2016; Tosi, 2021); and also (iii) identify which social meanings are being indexed to the use of these possessive variants. We hypothesize that: (i) speakers *perceive* and *evaluate* the possessive forms *teu* and *seu* in different ways, being more sociolinguistically sensitive to the presence of the possessive form *teu*; (ii) the perception results dialogue with the results of production research (Pereira, 2016; Tosi, 2016) with regard to the formality index; (iii) the possessive *teu* indexes diverse social meanings and is *perceived* and *evaluated* as the *rudest* and most *informal* possessive, and the possessive *seu* would move more fluidly between these registers, appearing in more generic and less specific uses. In methodological terms, two different experimental approaches were adopted, intending to adequately investigate the subjective aspects of the phenomenon. That said, our analysis was divided into two stages. Initially, we adopted a methodology that fits into what Freitag (2018) classifies as a direct approach; In this, speakers are asked by researchers to express, openly and freely, their opinions about the linguistic characteristics under investigation. Secondly, two experiments were applied based on the judgment task with a semantic differential scale (cf. Schütze; Sprouse, 2014). The two experiments that were applied had the same structural format, they only differed in the auditory stimuli used. These experiments worked as follows: participants were exposed to different sound stimuli containing phrases in which the pronouns *teu* and *seu* appeared, and had to judge them according to a set of stylistic indices such as *aggressiveness*, *kindness* and *masculinity*. With this, we intended to capture the subjective nuances in the speakers' judgment, which were automatically recorded using the five-point Likert scale. The results obtained in the experiments provided detailed evidence for the hypotheses under analysis, since we observed that Rio speakers perceived and evaluated the possessive forms *teu* and *seu* as different possessive strategies. Furthermore, it was observed that the pronoun *teu* was associated with different social meanings, such as *rudeness* and *informality*, while the possessive form *seu* is presented as a less marked variant, of a generic nature, being better accepted in different communicative situations.

Keywords: possessive pronouns; carioca variety; evaluation; perceptions; social meanings.

## AGRADECIMENTOS

Chego até aqui muito realizada. Me sinto muito grata por conseguir cumprir mais um desafio, principalmente este que eu jamais imaginei que seria capaz. Me apaixonar pela pesquisa é uma surpresa deliciosa, e esse amor me ajudou a atribuir sentido as coisas. Hoje me sinto mais madura como aluna, filha, professora e pesquisadora. Me orgulho muito por ser apaixonada pelo que eu faço, e pelo que eu me proponho a fazer. Construir uma dissertação e concluir um mestrado são realizações muito excepcionais e que não estavam nem nos meus sonhos mais ambiciosos. Então essa dissertação também é sobre os meus encontros e milagres.

Passando por essa vida que corre sempre apressada, tive e tenho o prazer de preenchê-la com muitas pessoas que amo e que me amam. E, nesse momento, escrevo aqui em agradecimento a todos aqueles que me acompanharam e que foram essenciais pra mim durante todo esse processo. Sou muito feliz por continuar caminhando, não só, mas muito bem acompanhada. Sei que dificilmente eu estaria onde estou agora sem todo esse suporte, seja ele subjetivo ou concreto. Obrigada a todos vocês, por cada abraço, cada gesto, cada companhia, cada conversa e acolhimento. Obrigada por me amarem incondicionalmente.

Agradeço, primeiramente, aos mais importantes de toda essa jornada, meus pais. Vocês fazem com que toda essa conquista seja ainda mais grandiosa. Agradeço, especialmente, por acreditarem em mim acima de tudo. Agradeço por todo suporte, ele fez com que essa etapa da minha vida fosse cumprida com excelência. Agradeço a minha mãe Eleni, obrigada pela companhia, paciência e pelo amor imensurável. Você é, além de mãe, minha melhor amiga. Agradeço ao meu pai, o homem mais forte que eu conheço. Sem você, eu jamais seria quem eu sou hoje. Obrigada por acreditar em mim e me incentivar todos os dias a dar o meu melhor em tudo que eu me proponho a fazer. Espero um dia poder retribuir tudo o que vocês fazem e fizeram por mim.

Agradeço também a ela, minha saudade sem fim, minha avó. Dedico essa dissertação também a você, meu imperecível amor. Prometo continuar tentando ser a melhor que posso, todos os dias, por você. O motivo, a razão e a causa, você atribui sentido a tudo. Me sinto muito honrada por ter sido e ainda ser sua neta. Espero que você esteja orgulhosa de mim, esteja onde estiver. Agradeço também ao meu querido irmão Rennan, que me cuida de longe e do jeitinho dele. Ainda que distante, sei que ele se aproxima pela confiança e pelo cuidado. Obrigada pelo incentivo e pelo amor.

Ao meu grande amor, Jasmine, também agradeço. Como eu sempre digo, tenho muita sorte de ter a mulher mais linda, engraçada, cheirosa e inteligente do mundo ao meu lado. Nosso amor me dá algo que as pessoas passam a vida inteira procurando. Agradeço pelo incentivo

gigantesco, pela admiração, pela companhia e pelas risadas de doer a barriga. Sou muito feliz por ter você ao meu lado. Obrigada por ser a melhor parte de mim.

Agradeço também à minha segunda família, meus tios Elcio e Adriana, e a minha irmã de alma Nathália, a confiança de vocês em mim sempre tornará minha estrada ainda mais fácil de ser trilhada. Toda essa distância apenas nos aproxima. Eu amo muito vocês. Agradeço aos anjinhos da minha vida, meus afilhados. A inocência de vocês me enche de alegria e de esperança. Beijos infinitos para a minha princesa Lavínia, para o meu príncipe Christopher e para o meu rei Brian. A toda minha família, agradeço muito por todo carinho, amor e confiança.

Durante a minha graduação, eu tive a maior sorte do mundo e encontrei duas pessoas muito especiais, que deram origem ao meu trio favorito. Paula e Marcela são o meu melhor presente acadêmico. Fomos de meninas superpoderosas, à apenas amigas de Paula, mas sempre, impreterivelmente, juntas. Eu sou muito feliz por ter encontrado vocês, vocês são incríveis, e sem vocês eu estaria perdida (vamos combinar). Eu amo compartilhar a minha vida com vocês, e é uma delícia ver vocês crescendo junto comigo.

Agradeço às minhas grandes e eternas amigas, por toda confiança, todo amor e toda companhia. Conheço vocês desde que o mundo é mundo, e vocês me aguentam desde então. Sou viciada em amar vocês. O tempo passa, e a gente fica! E juntas, nós vamos muito longe. Eu amo crescer ao lado de vocês, e amo mais ainda ver vocês crescendo. Anseio passar o resto dessa vida na companhia de vocês. Um beijo especial para Paula, Rafaela, Nathasha, Thayane, Camila e Evelyn. Agradeço a todos os amigos e amigas que me cuidam, de perto ou de longe, sou grata por todos os encontros. Obrigada pelas risadas, pelos choros, pelo afago, pela confiança e pelo amor.

Agradeço também à grande mente que está por trás desta pesquisa, sem ele nada disso aqui se tornaria possível, Thiago, meu orientador, que além de um grande instrutor, se tornou um grande amigo. Sou muito grata por nossos caminhos terem se esbarrado. Saiba que eu te admiro muito, não só como profissional, mas também como ser humano. Obrigada pela paciência, pelo cuidado, pela dedicação e especialmente pela confiança. Obrigada mesmo por todo suporte, sinto que ainda vamos fazer coisas muito grandiosas juntos.

Deixo aqui também agradecimento especial para a professora Manuella Carnaval, que nos últimos meses dessa caminhada me auxiliou bastante na construção desta pesquisa. Manuella me mostrou novos caminhos possíveis a serem seguidos e esteve sempre disponível para me auxiliar da melhor forma. Muito obrigada pela dedicação, pelo tempo, pelo carinho, pela orientação e pela confiança. Ser pesquisadora se tornou uma grande paixão pessoal, e é muito bom ter pessoas que sonham junto comigo.

Por fim, agradeço também ao apoio financeiro da bolsa CAPES, sei que o amor é um grande pilar, mas o apoio financeiro fez com que tudo isso aqui, na prática, se tornasse possível. Esse investimento permitiu que eu pudesse me dedicar de forma apropriada a minha pesquisa, e cumpri-la da maneira mais adequada. É preciso que a pesquisa no Brasil seja sempre valorizada, e que as instituições continuem investindo em pesquisadores. Sem conhecimento, nós nada seríamos. É preciso que nunca esqueçamos que no mundo há, e sempre haverá, muito a aprender.



*“Existe um certo milagre nos encontros. Não é tolo dizer que o amor é sagrado.”*

Carla Madeira

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA</b>	<b>19</b>
<b>2.1. Percurso histórico dos possessivos: definição do objeto de estudo</b>	<b>19</b>
2.1.1. Um breve resumo sobre a posse	19
2.1.2. Como ocorre o surgimento da variação <i>teu e seu</i> ?	21
<b>2.2. Estudos sobre o tema</b>	<b>24</b>
2.2.1. O que a tradição gramatical diz sobre o tema?	25
2.2.2. O que dizem os estudos sobre o tema na variedade carioca?	26
2.2.2.1. Pereira (2016)	27
2.2.2.2. Tosi (2021)	31
2.2.3. O que os estudos de outras regiões do Brasil dizem sobre o tema?	33
<b>3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b>	<b>39</b>
<b>3.1. Sociolinguística Variacionista</b>	<b>39</b>
<b>3.2. Ondas dos estudos de variação</b>	<b>42</b>
<b>3.3. Conceitos dos estudos de 3ª onda: <i>significados sociais, identidade e estilo</i></b>	<b>45</b>
<b>4. METODOLOGIA</b>	<b>50</b>
<b>4.1. Primeira etapa – definição dos índices estilísticos</b>	<b>50</b>
<b>4.2. Segunda etapa – elaboração e aplicação dos experimentos</b>	<b>55</b>
4.2.1. 1ª fase – gravação do <i>corpus</i>	61
4.2.2. 2ª fase – elaboração do experimento	66
4.2.3. 3ª fase – aplicação do experimento	69
<b>4.3. Questões, hipóteses e previsões</b>	<b>73</b>
<b>5. ANÁLISE DOS RESULTADOS</b>	<b>75</b>
<b>5.1. Resultados</b>	<b>76</b>
<b>5.1.1. Contexto <i>neutro</i></b>	<b>77</b>
5.1.1.1. Índice <i>grosseria e irritação</i>	77
5.1.1.2. Índice <i>gentileza e delicadeza</i>	80
5.1.1.3. Índice <i>formalidade</i>	83
<b>5.1.2. Contexto <i>agressivo</i></b>	<b>85</b>
5.1.2.1. Índice <i>grosseria e irritação</i>	85
5.1.2.2. Índice <i>gentileza e delicadeza</i>	88
5.1.2.3. Índice <i>formalidade</i>	90
<b>5.1.3. Contexto <i>gentil</i></b>	<b>92</b>
5.1.3.1. Índice <i>grosseria e irritação</i>	92
5.1.3.2. Índice <i>gentileza e delicadeza</i>	94
5.1.3.3. Índice <i>formalidade</i>	97
<b>5.1.4. Os índices de <i>masculinidade e feminilidade</i></b>	<b>98</b>
<b>5.2. Síntese dos resultados</b>	<b>101</b>
<b>5.3. Observações gerais acerca dos resultados dos experimentos</b>	<b>102</b>
<b>5.3.1. Interação entre percepção e aspectos suprasegmentais</b>	<b>102</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>115</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>119</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>128</b>

## Índice de gráficos, quadros e figuras

### Gráficos

<b>Gráfico 1:</b> Distribuição de frequência de <i>tu</i> e <i>você</i> em 100 anos de produção epistolar: de 1870 a 1970 (Extraído de Souza, 2012, p. 90) .....	21
<b>Gráfico 2:</b> Uso de <i>teu</i> e <i>seu</i> ao longo da diacronia analisada por Pereira (2016) .....	28
<b>Gráfico 3:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>grosseria</i> no contexto <i>neutro</i> no primeiro experimento .....	77
<b>Gráfico 4:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>grosseria</i> no contexto <i>neutro</i> no segundo experimento .....	77
<b>Gráfico 5:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>irritação</i> no contexto <i>neutro</i> no primeiro experimento .....	77
<b>Gráfico 6:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>irritação</i> no contexto <i>neutro</i> no segundo experimento .....	77
<b>Gráfico 7:</b> Distribuição das notas atribuídas pelas participantes do sexo/gênero feminino para o índice <i>grosseria</i> no contexto <i>neutro</i> do primeiro experimento .....	79
<b>Gráfico 8:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>gentileza</i> no contexto <i>neutro</i> no primeiro experimento .....	80
<b>Gráfico 9:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>gentileza</i> no contexto <i>neutro</i> no segundo experimento .....	80
<b>Gráfico 10:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>delicadeza</i> no contexto <i>neutro</i> no primeiro experimento .....	80
<b>Gráfico 11:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>delicadeza</i> no contexto <i>neutro</i> no segundo experimento .....	80
<b>Gráfico 12:</b> Notas atribuídas para o índice <i>gentileza</i> no contexto <i>neutro</i> do segundo experimento segundo o tipo de pronome .....	82
<b>Gráfico 13:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>formalidade</i> no contexto <i>neutro</i> no primeiro experimento .....	83
<b>Gráfico 14:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>formalidade</i> no contexto <i>neutro</i> no segundo experimento .....	83
<b>Gráfico 15:</b> Notas atribuídas para o índice <i>formalidade</i> no contexto <i>neutro</i> no primeiro experimento segundo o tipo de pronome .....	84
<b>Gráfico 16:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>grosseria</i> no contexto <i>agressivo</i> no primeiro experimento .....	85

<b>Gráfico 17:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>grosseria</i> no contexto <i>agressivo</i> no segundo experimento .....	85
<b>Gráfico 18:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>irritação</i> no contexto <i>agressivo</i> no primeiro experimento .....	86
<b>Gráfico 19:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>irritação</i> no contexto <i>agressivo</i> no segundo experimento .....	86
<b>Gráfico 20:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>gentileza</i> no contexto <i>agressivo</i> no primeiro experimento .....	88
<b>Gráfico 21:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>gentileza</i> no contexto <i>agressivo</i> no segundo experimento .....	88
<b>Gráfico 22:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>delicadeza</i> no contexto <i>agressivo</i> no primeiro experimento .....	88
<b>Gráfico 23:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>delicadeza</i> no contexto <i>agressivo</i> no segundo experimento .....	88
<b>Gráfico 24:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>formalidade</i> no contexto <i>agressivo</i> no primeiro experimento .....	90
<b>Gráfico 25:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>formalidade</i> no contexto <i>agressivo</i> no segundo experimento .....	90
<b>Gráfico 26:</b> Notas atribuídas para o índice <i>formalidade</i> no contexto <i>agressivo</i> no primeiro experimento segundo o tipo de pronome .....	91
<b>Gráfico 27:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>grosseria</i> no contexto <i>gentil</i> no primeiro experimento .....	92
<b>Gráfico 28:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>grosseria</i> no contexto <i>gentil</i> no segundo experimento .....	92
<b>Gráfico 29:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>irritação</i> no contexto <i>gentil</i> no primeiro experimento .....	93
<b>Gráfico 30:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>irritação</i> no contexto <i>gentil</i> no segundo experimento .....	93
<b>Gráfico 31:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>gentileza</i> no contexto <i>gentil</i> no primeiro experimento .....	94
<b>Gráfico 32:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>gentileza</i> no contexto <i>gentil</i> no segundo experimento .....	94
<b>Gráfico 33:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>delicadeza</i> no contexto <i>gentil</i> no primeiro experimento .....	95

<b>Gráfico 34:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>delicadeza</i> no contexto <i>gentil</i> no segundo experimento .....	95
<b>Gráfico 35:</b> Distribuição das notas atribuídas pelas participantes do sexo/gênero feminino através do índice de gentileza no contexto <i>gentil</i> do primeiro experimento .....	96
<b>Gráfico 36:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>formalidade</i> no contexto <i>gentil</i> no primeiro experimento .....	97
<b>Gráfico 37:</b> Distribuição das notas atribuídas para o índice <i>formalidade</i> no contexto <i>gentil</i> no segundo experimento .....	97
<b>Gráfico 38:</b> Notas atribuídas para o índice <i>masculinidade</i> no primeiro experimento em correlação com os contextos prosódicos controlados .....	98
<b>Gráfico 39:</b> Notas atribuídas para o índice masculinidade no segundo experimento em correlação com os contextos prosódicos controlados .....	98
<b>Gráfico 40:</b> Notas atribuídas para o índice <i>feminilidade</i> no primeiro experimento em correlação com os contextos prosódicos controlados .....	99
<b>Gráfico 41:</b> Notas atribuídas para o índice <i>feminilidade</i> no segundo experimento em correlação com os contextos prosódicos controlados .....	99

## Quadros

<b>Quadro 1:</b> Quadro pronominal presente nas gramáticas tradicionais. (Baseado em: Bechara, 2009; Cunha & Cintra, 2017; Rocha Lima, 2011) .....	25
<b>Quadro 2:</b> Frequências e percentuais gerais de ocorrência das variantes (adaptado de Tosi, 2021) .....	32
<b>Quadro 3:</b> Associações realizadas pelos falantes acerca da variante <i>teu</i> .....	54
<b>Quadro 4:</b> Projeção das condições experimentais a partir das variáveis independentes .....	58
<b>Quadro 5:</b> Síntese dos resultados estatísticos coletados a partir do primeiro experimento ...	101
<b>Quadro 6:</b> Síntese dos resultados estatísticos coletados a partir do segundo experimento ...	101
<b>Quadro 7:</b> Síntese dos resultados gerais da investigação .....	121

## Figuras

<b>Figura 1:</b> Novo quadro pronominal do Português Brasileiro. Adaptado de Lopes <i>et. al.</i> (2018, p.147) .....	24
<b>Figura 2:</b> Nuvem de palavras associadas ao uso de <i>teu</i> pelos falantes cariocas .....	54
<b>Figura 3:</b> Nuvem de palavras associadas ao uso de <i>seu</i> pelos falantes cariocas .....	54
<b>Figura 4:</b> Tela dos índices dos experimentos .....	68

<b>Figura 5.</b> Tela principal e inicial dos experimentos .....	72
<b>Figura 6.</b> Tela final dos experimentos .....	72
<b>Figura 7:</b> Enunciado “João, <i>teu</i> casaco ficou no <i>teu</i> carro” sendo pronunciado com entoação <i>agressiva</i> pelo falante do sexo masculino .....	107
<b>Figura 8:</b> Enunciado “João, <i>teu</i> casaco ficou no <i>teu</i> carro” sendo pronunciado com entoação <i>agressiva</i> pela falante do sexo feminino .....	107
<b>Figura 9:</b> Enunciado “João, teu casaco ficou no carro” sendo pronunciado com entoação neutra pelo falante do sexo masculino .....	108
<b>Figura 10:</b> Enunciado “João, <i>teu</i> casaco ficou no carro” sendo pronunciado com entoação <i>neutra</i> pela falante do sexo feminino .....	109
<b>Figura 11:</b> Enunciado “João, <i>teu</i> casaco ficou no carro” sendo pronunciado com entoação <i>agressiva</i> pelo falante do sexo masculino .....	110
<b>Figura 12:</b> Enunciado “João, <i>teu</i> casaco ficou no carro” sendo pronunciado com entoação <i>agressiva</i> pela falante do sexo feminino .....	110
<b>Figura 13:</b> Enunciado “João, <i>teu</i> casaco ficou no carro” sendo pronunciado com entoação <i>gentil</i> pelo falante do sexo masculino .....	112
<b>Figura 14.</b> Enunciado “João, <i>teu</i> casaco ficou no carro” sendo pronunciado com entoação <i>gentil</i> pela falante do sexo feminino .....	113

## 1. INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, intencionamos discutir e analisar a *percepção* e a *avaliação* dos falantes do Português Brasileiro (PB) – tendo como enfoque principal os falantes do Rio de Janeiro – diante das formas possessivas pronominais *teu* e *seu* (e suas respectivas flexões de gênero) referindo-se à segunda pessoa do singular (2SG). Abaixo, vejamos alguns exemplos<sup>1</sup> dos pronomes possessivos em questão:

- (1) “João, *seu* casaco ficou no carro”
- (2) “João, *teu* casaco ficou no carro”
- (3) “João, *sua* camisa ficou na cama”
- (4) “João, *tua* camisa ficou na cama”

É possível encontrar, no âmbito das pesquisas sobre o sistema pronominal do PB, uma vasta quantidade de estudos acerca dos pronomes possessivos (Faraco, 1982; Oliveira e Silva, 1982; Kato, 1985; Perini, 1985; Dantas, 2008), especialmente no que tange aos estudos sobre as formas possessivas que fazem referência à 3ª pessoa do singular (Silva, 1984; Lacerda, 2010; Guedes, 2015; 2017; 2021; Lopes, Guedes, 2020). No entanto, quando nos referirmos aos estudos sobre o fenômeno variável das formas possessivas que fazem referência à 2ª pessoa do singular *teu* e *seu* na variedade carioca, a literatura sobre o tema ainda se mostra bem restrita (Pereira, 2016; Tosi, 2021). Faz-se necessário ressaltar, ainda, que a maioria dos estudos encontrados investiga a distribuição desses possessivos apenas nos estados da região sul do Brasil (Soares, 1999; Arduin, 2005; Sbalqueiro, 2005; Mendes, 2008; Vargas, 2014). Ademais, é possível encontrar também outros trabalhos que investigam esse fenômeno, porém, nas regiões do nordeste brasileiro (Barbosa, 2018; Silva, 2023).

É válido pontuar que a variedade carioca foi intencionalmente selecionada por nós por diferentes razões. Primeiramente, nossa intenção era dar continuidade ao trabalho que já tinha sido iniciado em Tosi (2021); sendo assim, seria coerente manter nossa investigação a partir da mesma variedade já observada anteriormente. Além disso, a investigação deste fenômeno a partir de outras variedades, como a baiana, por exemplo, não seria proveitosa ou eficaz, tendo em vista que o uso de *seu* nessa variedade é quase categórico (cf. Lopes *et al.*, 2018, p. 178). Em contrapartida, a variação entre os pronomes *seu* e *teu* na variedade carioca do século XXI se faz bem presente, fato evidenciado por Machado (2011) e Tosi (2021). Logo, observar os aspectos dessa variação nessa variedade específica será muito produtivo. Por fim, como já declaramos anteriormente, não há um número significativo de estudos sobre esse fenômeno

---

<sup>1</sup> As frases dos exemplos (1-4) fizeram parte do experimento 1 desta dissertação, conforme detalharemos no capítulo 5.

considerando a variedade carioca, portanto, fez-se necessária e oportuna a investigação desses possessivos priorizando tal variedade.

No que se refere à investigação da *percepção* e *avaliação* dos falantes acerca das estratégias possessivas em questão, há uma lacuna consideravelmente maior na literatura, pois ainda não temos notícias de pesquisas que tenham explorado tais aspectos a partir da variação pronominal *teu* e *seu*, em qualquer variedade. Isto posto, a bibliografia sobre este tema restringe-se a estudos de *produção*, e estes não priorizaram uma análise dos *significados sociais* que poderiam estar indexicalizados a essas variantes. Segundo Freitag (2018),

os estudos de produção sociolinguística têm por objetivo responder por que e como formas linguísticas e significados sociais se vinculam. Já os estudos de percepção sociolinguística tentam verificar como isso afeta a percepção do falante e o processamento linguístico. Enquanto os estudos de produção têm natureza observacional, os estudos de percepção são predominantemente experimentais. (...) E, enquanto os estudos de produção sociolinguística têm descrito os padrões de recorrência de uma variante em uma dada comunidade, os estudos de percepção têm desvelado os julgamentos dos falantes (Freitag, 2018, p. 2-3)

Sendo assim, é conclusivo que pouco se sabe sobre a *percepção* e *avaliação* dos falantes em relação às formas possessivas variantes de 2SG. Com isso, ao investigar, neste trabalho, em específico, os *significados sociais* que estão potencialmente vinculados ao uso dessas variantes pronominais possessivas, principalmente à estratégia possessiva *teu*, intencionamos recobrir parte desta lacuna existente acerca dos estudos voltados para a *percepção* e *avaliação* desses possessivos no PB.

Nesta pesquisa, buscamos nos aprofundar em questões mais estilísticas acerca do tema, priorizando o estudo dos *significados sociais* das variantes, retomando uma questão já antiga no âmbito da Sociolinguística (Labov, 1963), mas que, por certo tempo, acabou ficando em segundo plano na maior parte dos trabalhos da área. Para esse propósito, utilizamos como fundamentação teórica os pressupostos gerais da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]), visto que assumimos a variabilidade das formas possessivas *teu* e *seu*. Além disso, nos embasamos no conceito de *significados sociais* da variação (Eckert, 2012; 2019), visto que acreditamos que variantes linguísticas podem indexicalizar *significados sociais* diversos, podendo expressar valores como *intimidade*, *juventude*, *rispidez* e entre outros.

Como estratégia metodológica, são adotadas duas abordagens experimentais distintas, e, por essa razão, nossa análise se divide em duas partes. Primeiramente, seguimos a metodologia que se enquadra no que Freitag (2018) classifica como *abordagem direta*: nesta, os pesquisadores interpelam os falantes a emitirem, de maneira aberta e livre, suas opiniões acerca do fenômeno linguístico em investigação. Depois, em um segundo momento, foram



realizados dois experimentos diferentes, embora ambos se configurem como uma *tarefa de julgamento com escala de diferenciais semânticos* (cf. Schütze; Sprouse, 2014). Foram utilizados estímulos auditivos diferentes em cada um deles. Em tais experimentos, os participantes foram expostos a estímulos sonoros específicos com enunciados em que ocorrem os pronomes *teu* e *seu* e tiveram de julgá-los segundo um conjunto de índices estilísticos específicos, tais como *agressividade*, *gentileza* e *formalidade*. Através das tarefas mencionadas, intencionamos coletar as impressões e crenças dos falantes cariocas acerca do fenômeno linguístico em investigação.

São objetivos desta pesquisa: (i) analisar a *percepção* e a *avaliação* dos falantes cariocas diante das formas possessivas de segunda pessoa do singular *teu* e *seu*, (ii) comparar dados de *percepção* linguística com os resultados de estudos anteriores, que observaram dados de *produção* (Pereira, 2016; Tosi, 2021) e (iii) identificar quais são os *significados sociais* indexicalizados ao uso dessas variantes possessivas. Hipotetizamos, acerca do fenômeno em análise, que: (i) os falantes, além de *perceberem* e *avaliarem* as formas possessivas variantes *teu* e *seu* de maneiras distintas, são mais sensíveis sociolinguisticamente à presença da forma possessiva *teu*, tendo em vista que esta aparenta ser uma variante fortemente indexicalizada a *significados sociais* e a contextos de uso específicos, e, em oposição, o possessivo *seu* se apresentará de forma mais fluida, sendo *percebido* e *avaliado* de forma mais neutra; (ii) os resultados de *percepção* dialogam com os resultados das pesquisas de *produção* (Pereira, 2016; Tosi, 2016) no que diz respeito ao índice de *formalidade*; e, (iii) o possessivo *teu* indexa *significados sociais* diversos e seu uso poderá envolver tanto uma questão de *grosseria*, quanto uma questão de *informalidade*, por outro lado, o possessivo *seu* transitaria de forma mais fluida entre esses registros, por figurar em usos mais genéricos e pouco específicos.

Com o propósito de trazer reflexões, debater sobre o fenômeno e cumprir com os nossos objetivos de pesquisa, esta dissertação está dividida em cinco capítulos, além da introdução, que serão descritos, de maneira breve, a seguir. No capítulo dois, no primeiro momento, será realizada uma revisão da literatura sobre o tema, na qual iremos discorrer acerca do percurso histórico dos possessivos, prezando por uma definição ampla do nosso objeto de estudo. Depois, iremos retomar alguns trabalhos de *produção* anteriores (Pereira, 2016; Tosi (2021) que se debruçaram a analisar a variação possessiva *teu* e *seu* na variedade carioca, destacando seus apontamentos e contribuições, especialmente acerca da variante *teu*, nosso principal enfoque desta pesquisa.

No terceiro capítulo serão apresentados os pressupostos teóricos que fundamentam a presente análise, como a Sociolinguística Laboviana (Weinreich; Labov; Herzog, 1968; Labov,

1972; 1994; 2001), e os conceitos essenciais para os estudos de *terceira onda*, denominação sugerida por Eckert (2012) para se referir aos estudos linguísticos que se debruçam em retomar algumas concepções sociolinguísticas trazidas na década de 1960 por Labov, questões estas a respeito da variação atrelada aos *significados sociais*. Isto posto, em tal capítulo iremos visar a definição de conceitos importantes para uma análise mais estilística, como os conceitos de *significados sociais*, *identidade sociolinguística* e *estilo*.

Nossa metodologia será apresentada no quarto capítulo, que será dividido em duas partes. Na primeira parte, descreveremos a primeira etapa de nossa estratégia metodológica, que nos serviu de alicerce para uma elaboração eficiente e adequada de nossa segunda etapa. Na segunda parte, descreveremos todos os passos necessários para a elaboração e aplicação de nossos experimentos, além de descrever como foi realizada a análise estatística dos resultados encontrados. Neste capítulo então, serão apresentados, em resumo, nossas estratégias metodológicas como um todo, e todas as etapas dos experimentos desenvolvidos serão descritas. No capítulo cinco, os resultados gerais e específicos obtidos através de nossos experimentos serão apontados e devidamente analisados. Para encerrar a presente dissertação, trataremos, no capítulo seis, nossas considerações finais acerca da pesquisa como um todo. Nessa sessão, serão colocadas todas as observações e levantamentos importantes que foram elaborados ao decorrer deste estudo.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, faremos uma breve introdução do nosso objeto de estudo, os pronomes possessivos de 2ª pessoa do singular *teu* e *seu*. No primeiro momento, descreveremos brevemente o percurso histórico desses possessivos, detalhando alguns aspectos sobre a posse no geral e discutindo sobre o surgimento da variação *teu* e *seu* especificamente. Posteriormente, alguns trabalhos mais atuais sobre o tema serão revisitados, com o propósito de sintetizar o que as obras observaram até o momento a respeito do comportamento dessas formas possessivas na variedade carioca. Em especial, daremos um maior enfoque aos achados mais recentes sobre a forma possessiva *teu*.

### 2.1. Percurso histórico dos possessivos: definição do objeto de estudo

Esta seção será dividida em duas. Primeiramente, faremos uma síntese sobre a posse no Português Brasileiro. Depois, será realizado um breve resumo histórico para contextualizar o surgimento da variação dos pronomes possessivos *teu* e *seu* de segunda pessoa.

#### 2.1.1. Um breve resumo sobre a posse

No Português, é possível expressar a noção de posse através de diversas possibilidades. Uma das mais comuns, que corresponde ao objeto de estudo deste trabalho, é expressá-la através do uso de estruturas nominais mediante o emprego de pronomes possessivos, como em “Eu gostei muito do *seu* carro”. Pensando em termos morfossintáticos, neste caso, é possível que os possessivos apareçam: em posição pré-nominal, como em “*seu* filho”; em posição pós-nominal, como em “filho *teu*”; com o núcleo nominal elíptico, como em “ontem eu falei com o meu *pai*, você também deveria falar com o *seu*”; e dentro de um contexto de predicativo, como em “O carro é *teu*”.

Além disso, também é possível transmitir o sentido de posse através de: estruturas preposicionadas com valor genitivo como em “Eu gosto do *carro da Vanessa*”; ou ainda, através de pronome relativo como em “Essa é a Vanessa, *cujo* carro eu comprei”; ou, por fim, através de verbos que a indiquem, como em: “A Vanessa *possui um* carro”, ou “A Vanessa *tem um* carro”, por exemplo.

Em Tosi (2021), a autora também mencionou outras formas de expressar posse, como as explicitadas na gramática de Bechara (2009):

(...) através do uso de uma locução (*Os problemas que temos*), ou pela substituição de um possessivo por um artigo definido (*Ele perdeu o juízo*). Além disso, comenta sobre o emprego do pronome de 3ª pessoa para se referir a um possuidor de sentido

indefinido, como em “(...) *a gente, às vezes, tem cá as suas birras (...)*” [AH.4, II, 158 apud BECHARA, 2009, p. 185], sobre a estratégia de repetição do possessivo, como em: “*Foi tua dignidade real, a tua justiça, o teu nome (...)*” e, por fim, acerca do possessivo *seu* de 3ª pessoa do singular para fazer referência a um possuidor de expressão de tratamento como *vossa excelência, vossa majestade, vossa senhoria* entre outros (“*Vossa Excelência conseguiu realizar todos os seus propósitos [e não: todos os vossos propósitos]*”) (Bechara, 2009, p.186). (Tosi, 2021, p. 13)

Com isso, é possível perceber a gama de possibilidades linguísticas que podem ser utilizadas para a expressão de posse no PB, e, por essa razão, não iremos tentar descrever todas elas, pois esse não é o propósito de nosso estudo. Contudo, considerando todas as possibilidades apontadas anteriormente, faz-se perceptível que a mesma noção básica de posse se mantém em todas: de modo implícito ou explícito, existe a ideia de que há uma entidade que está sendo *possuída*. E essa, necessariamente, se relaciona com uma outra entidade que, de modo real ou metafórico, *a possui* (Huerta flores, 2009).

Ressaltamos ainda, que nos casos em que a flexão é permitida, é prescrito, pela gramática normativa que os possessivos devem, necessariamente, concordar em gênero e número com a forma possuída, como, por exemplo, em *seu(s)/casacos(s)* e *sua(s)/irmã(s)*, reforçando ainda mais essa relação intrínseca entre quem/o que possui (*o possuidor*) e algo ou alguma coisa a ser possuída (*o possuído*). Julgamos importante salientar também que, neste trabalho, compreendemos que uma forma possessiva pode transmitir mais do que a simples ideia de que alguém/algo possui algo/alguém já que acreditamos que as variantes linguísticas de posse pronominal de 2SG do PB poderão abarcar outros significados, como valores de *cunho social e estilístico*, que podem estar indexicalizados a elas.

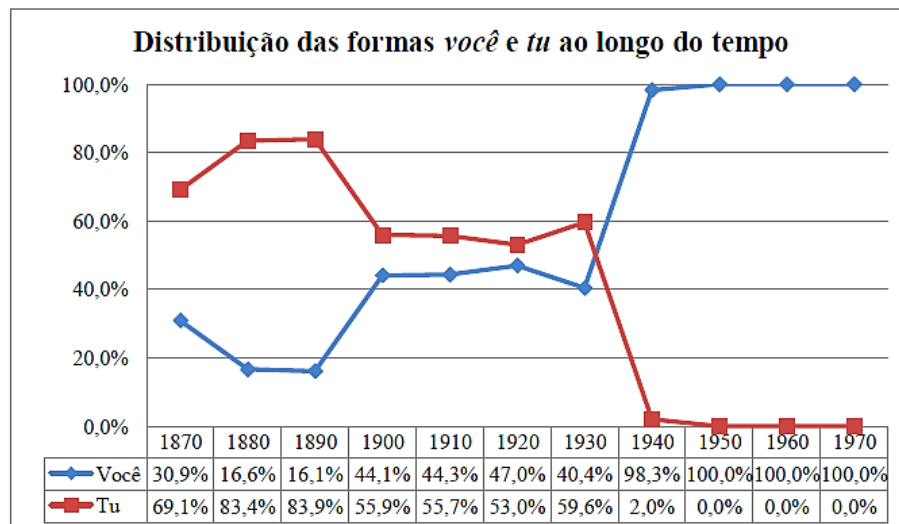
Em conclusão, ressaltamos que a intenção da presente dissertação é investigar a expressão da posse pronominal, com os pronomes, especificamente, em posição pré-nominal. Ademais, considerando os fins experimentais definidos para a realização da análise, nossa investigação se deu a partir das posses prototípicas de propriedade - dentre os vários outros tipos de posse que podem ocorrer. Esse grupo de posse se enquadraria no que Tosi (2021) define como: “formado por nomes que representam itens, bens, pertences etc., do possuidor, tais como celular, carro” (Tosi, 2021, p. 35). Para exemplificar <sup>2</sup>, temos “João, *sua camisa* ficou na *sua cama*”.

---

<sup>2</sup> Frase utilizada no experimento 2 desta dissertação, conforme detalharemos no capítulo 5.

### 2.1.2. Como ocorre o surgimento da variação *tu* e *seu*?

Entre 1930 e 1970, ocorre uma grande mudança no quadro pronominal do português brasileiro (PB). Souza (2012), ao investigar cartas pessoais escritas durante os anos de 1870 e 1970, observou a implementação de *você* no sistema pronominal durante a virada do século. Segundo a autora, é possível identificar três fases distintas que evidenciam o diferente comportamento da forma inovadora *você* dentro do sistema pronominal do PB, sendo essas: (i) 1ª fase, de 1870 a 1890, na qual o *você* era menos produtivo do que o pronome *tu*; (ii) 2ª fase, de 1900 a 1930, na qual a distribuição das duas formas se modificou e ambas apresentaram índices de frequência similares; (iii) 3ª fase, de 1930 a 1970, na qual a forma inovadora *você* passa a ter uso majoritário, resultando no declínio do pronome canônico *tu*. Esse mapeamento fica evidente no gráfico 1, extraído da dissertação da autora:



**Gráfico 01.** Distribuição de frequência de *tu* e *você* em 100 anos de produção epistolar: de 1870 a 1970 (Extraído de Souza, 2012, p. 90)

Sendo assim, como podemos notar, a partir da segunda metade do século XX (entre 1940 e 1970), “o *você* suplanta a forma *tu*, ocorrendo como estratégia absoluta de referência ao interlocutor” (Souza, 2012, p. 137). Com isso, a inserção de *você* como pronome de tratamento íntimo de segunda pessoa ocasiona uma mudança crucial na língua (Perini, 1998; Menon, 1995; Souza, 2012), causando uma reconfiguração morfológica e sintática no português moderno, além de impulsionar a migração de algumas formas pronominais de terceira pessoa para segunda pessoa.

Concomitantemente ao relevante crescimento do pronome de tratamento *você* no paradigma de segunda pessoa, nota-se também, no trabalho de Pereira (2016), o aumento do uso de *seu* como uma estratégia possessiva de segunda pessoa, o que define um forte indicativo de que a entrada de *você* na posição de sujeito gerou um crescimento relevante do uso de *seu*

como forma possessiva. Alguns estudos, como os de Oliveira e Silva (1984, 1991, 1998), Perini (1985), Menon (1995), Pereira (2016) e Lopes *et al.* (2018), relacionam a entrada do pronome *você* no paradigma pronominal do português brasileiro ao aumento no uso do possessivo *seu* como estratégia possessiva de segunda pessoa. Para Pereira (2016),

Não se pode afirmar que enquanto o pronome *você* inseria-se no quadro de pronomes do português brasileiro, ao mesmo tempo, o possessivo *seu* passava a referir-se à segunda pessoa. Em verdade, os resultados delineados nesta tese parecem apontar para o efeito “dominó” já tão comentado por diferentes linguistas: a entrada de *você* funciona como um gatilho para diferentes mudanças pronominais que ocorreram e ocorrem no sistema. Assim sendo, não se pode afirmar de forma categórica que o pronome *seu* acompanha a entrada do pronome *você* no sistema pronominal, mas *seu* só passa a referir-se à segunda pessoa a partir do momento em que *você* entra nesse sistema como variante de *tu*. (Pereira, 2016, p.172)

Posto isso, não é possível afirmar que o uso de *seu* acompanha a entrada do pronome *você*, mas, como foi observado pela autora, o possessivo *seu* só passa a ser utilizado como uma estratégia possessiva de 2ª pessoa quando *você* passa a funcionar como um concorrente direto da estratégia *tu*. Teríamos, então, uma relação de correlação entre aumento do uso de *você* e aumento de uso de *seu*, que evidencia a recategorização sofrida por este último quanto à informação gramatical de pessoa. Isso não comprova, entretanto, que houve uma relação de causa e efeito, no sentido de a difusão de *você* no sistema ter causado a recategorização gramatical de *seu* (da 3ª pessoa para a 2ª pessoa).

No estudo de Menon (1995, p. 94), é possível observar que *você*, antes de passar a representar uma forma pronominal de segunda pessoa, era uma forma de tratamento de terceira pessoa. Segundo Souza (2012), *você* sofreu uma espécie de desbotamento semântico, a considerar que essa forma, “à medida que deixou de marcar fortemente deferência e distanciamento, tornou-se uma estratégia que não era nem tão íntima e nem tão distanciada” (p. 137). De acordo com Menon (1995), “no Brasil, diferentemente de Portugal, a forma *você* (s) passou a ser a forma de tratamento íntimo em quase todo o país, provavelmente em decorrência do uso, desde o início da colonização, de formas variantes de *Vossa Mercê* para o tratamento da segunda pessoa” (p. 95).

Além disso, por conta dessa recém-adquirida carga semântica de neutralidade, *você* também, segundo Marcotulio (2013), “tornou-se uma estratégia ‘coringa’ para os novos papéis sociais das sociedades contemporâneas, principalmente em uma cidade cosmopolita como o Rio de Janeiro” (Marcotulio, 2013, p. 2). Paralelo a isso, por conta dessa reestruturação do quadro pronominal, a forma possessiva *seu*, que corresponde ao paradigma original do pronome *você* (Lopes *et al.*, 2018, p.177), assimila algumas características semânticas deste pronome,

adquirindo também uma carga semântica *neutra*, aspecto este que foi observado no estudo Pereira (2016, p. 172): “talvez, o que tenha feito com que o pronome possessivo permanecesse no sistema pronominal, de forma bastante produtiva, inclusive, é a sua *neutralidade* e capacidade de estar presente em diferentes situações comunicativas”.

Sendo assim, por conta desse desbotamento semântico, o possessivo *seu*, que era originalmente empregado para referir-se à terceira pessoa do discurso, como afirma Lopes *et al.* (2018), passou a ser empregado também como pronome de segunda pessoa, acompanhando o comportamento do pronome *você*. Ressaltamos também que, ainda que o possessivo *seu* também tenha sofrido, em certa escala, uma alteração semântica, ele não perde completamente sua função como estratégia possessiva de terceira pessoa. Em vez disso, torna-se um possessivo de caráter semântico “ambíguo” e passa a poder ser utilizado tanto como uma estratégia de terceira (Guedes, 2021), quanto como uma estratégia de segunda pessoa.

No que se refere ao pronome possessivo *teu*, este pertencia originalmente ao paradigma do pronome *tu* (Lopes *et al.*, 2018). Sendo assim, historicamente, *teu* sempre fez referência à segunda pessoa. É possível notar, inclusive, no gráfico 2 (apresentado mais adiante), a utilização consideravelmente produtiva deste pronome como possessivo de 2SG desde 1870. Segundo Menon (1995),

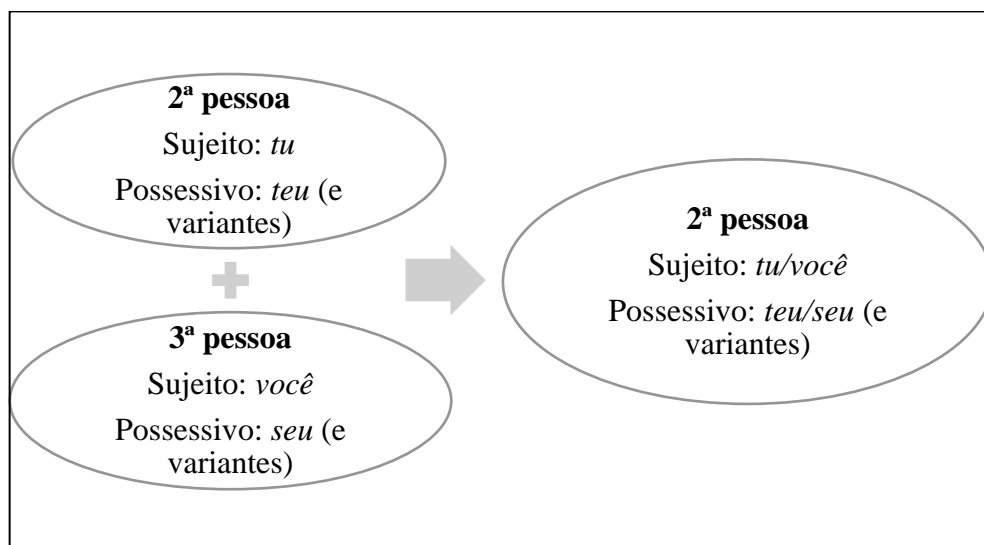
O tratamento com *tu* era reservado para os iguais ou de superior para inferior, sendo, por conseguinte, bem marcado. Para se entender a noção de marca, deve-se levar em conta que uma pessoa não podia empregar *tu* ao se dirigir a outra, desconhecida. Isso seria violar as regras de conduta da sociedade da época, por ter a forma *tu* um uso bem específico, em casos bem determinados. (Menon, 1995, p.93)

Dessa forma, é importante dizer que, assim como há, a nível semântico, uma relação entre o possessivo *seu* e *você*, pronome do qual ele pertence ao paradigma, há também um vínculo entre o possessivo *teu* e o pronome *tu*. Portanto, *teu* também assimilaria algumas características semânticas de *tu*, inclusive a carga semântica de ser a estratégia possessiva mais marcada, aspecto apontado por Menon (1995). Segundo Carvalho (2019), *você* atualmente corresponde à forma pronominal preferencial e não-marcada para tecer referência à 2SG no Rio de Janeiro. Por outro lado, também de acordo com a autora, o pronome *tu*, por se manter restrito a situações de maior intimidade e informalidade, se configura como o “pronome mais marcado” (p.65). Sendo assim, seguindo esse raciocínio, atualmente, as formas possessivas para tecer referência à 2SG no Rio de Janeiro, *teu* e *seu*, correspondem, respectivamente, à uma forma mais marcada e outra menos marcada.

Ademais, além de *teu* ser o possessivo mais marcado, este também é frequentemente associado a situações de maior intimidade e informalidade entre os falantes (Pereira, 2016; Tosi,

2021), assim como o pronome *tu* (Rumeu, 2004; Lopes e Duarte, 2007; Souza, 2012; Paredes Silva, 2003; Carvalho, 2019). Mencionemos também, que estreita relação entre os pronomes *você* e *tu* com os possessivos *seu* e *teu* se evidencia através de seus usos. Segundo Pereira (2016), há uma intensa correlação entre o uso dos pronomes possessivos e o uso dos pronomes de tratamento na posição de sujeito. Lopes *et al.* (2018), por exemplo, afirmam que “a presença de *você* no sujeito favorece a ocorrência de *seu*” (p.184), e Tosi (2021) observou que a o pronome *teu* teve seu uso favorecido “quando os atores utilizavam, na posição de sujeito, apenas o pronome *tu* ou este em variação com *você*” (p. 54).

Para concluir, considerando os apontamentos realizados nesta seção, entendemos que a inserção de *você* no sistema pronominal possibilitou o surgimento de novas possibilidades de uso dos possessivos referentes à segunda pessoa, inclusive o uso concomitante das variantes *seu* e *teu* como estratégias de posse de 2SG. Com isso, entende-se que um novo quadro pronominal no Português Brasileiro é formado, e este prevê o surgimento da variação dos possessivos de 2SG *teu* e *seu* (cf. Lopes, 2007). Para encerrar, vejamos na figura 1, uma representação desse novo quadro pronominal apresentado por Lopes *et al.* (2018):



**Figura 1:** Novo quadro pronominal do Português Brasileiro.  
Adaptado de Lopes *et. al.* (2018, p.147)

## 2.2. Estudos sobre o tema

Nesta seção, que será subdividida em duas, pretendemos, no primeiro momento, discutir brevemente sobre o que a tradição gramatical declara sobre o tema (Bechara, 2009; Cunha; Cintra, 2017; Rocha Lima, 2011), tendo em vista a importância de revisitar materiais que expõem normas prescritivas, para que saibamos o que a tradição gramatical produziu sobre o assunto em voga. Depois, iremos revisitar e apresentar alguns estudos linguísticos



que já observaram e investigaram a variação dos possessivos *teu* e *seu* (Soares, 1999; Arduin, 2005; Pereira, 2016; Tosi, 2021; Silva, 2023).

### 2.2.1. O que a tradição gramatical diz sobre o tema?

A forma possessiva *seu* com referência ao interlocutor existe na língua e é, indubitavelmente, muito produtiva no Português Brasileiro, como têm demonstrado diversos estudos (Soares, 1999; Machado, 2011, Arduin, 2015; Pereira, 2016; Tosi, 2021). Entretanto, as gramáticas tradicionais, como as de Bechara (2009), Cunha e Cintra (2017) e Rocha Lima (2011) apresentam um quadro pronominal que não inclui ou reconhece esse uso<sup>3</sup>. No quadro 1, é possível observar o quadro possessivo-pronominal que é apresentado nas três obras gramaticais citadas acima:

Pronomes possessivos		
Número	Pessoa	
Singular	1 <sup>a</sup>	meu, minha, meus, minhas
	2 <sup>a</sup>	teu, tua, teus, tuas
	3 <sup>a</sup>	seu, sua, seus, suas
Plural	1 <sup>a</sup>	nosso, nossa, nossos, nossas
	2 <sup>a</sup>	vosso, vossa, vossos, vossas
	3 <sup>a</sup>	seu, sua, seus, suas

**Quadro 1.** Quadro pronominal presente nas gramáticas tradicionais (Baseado em: Bechara, 2009; Cunha & Cintra, 2017; Rocha Lima, 2011)

É possível constatar que as três gramáticas adotam o mesmo quadro pronominal, que prevê a forma *seu* apenas para a 3<sup>a</sup> pessoa do singular e do plural e a forma *teu* como a única forma possessiva possível de 2<sup>a</sup> pessoa do singular. Tais autores apenas mencionam, em suas obras, de forma sucinta e superficial, a possibilidade de ambiguidade da forma possessiva *seu*, reconhecendo que seu uso poderá, em algumas situações, exprimir mais de uma interpretação semântica possível, ou seja, que o *seu* poderá fazer referência tanto à segunda pessoa do discurso quanto à terceira pessoa, fato esse que já vai além do que eles preveem em seus quadros pronominais do PB.

Os autores alegam que o possessivo *seu* de 2<sup>a</sup> pessoa tenderá a ser substituído pelas formas *dele* (*e flexões*), *de você* e *do senhor* para que essa ambivalência semântica deixe de

<sup>3</sup> Importante mencionar que ainda que as gramáticas mais clássicas e tradicionais apresentem um quadro possessivo-pronominal que não inclui ou reconhece esse uso, é possível encontrar em algumas gramáticas descritivistas, como a de Castilho (2010), um quadro possessivo-pronominal condizente com a atual realidade linguística do PB. A gramática de Castilho (2010), por exemplo, exibe um quadro possessivo-pronominal construído a partir de dados coletados pelos inquiridos do Nurc (Projeto da Norma Urbana Oral Culta) que apresenta e reconhece o uso de *seu* como uma estratégia possessiva de 2<sup>a</sup> pessoa.

existir. Em Bechara (2009), por exemplo, o autor postula “Em algumas ocasiões, o possessivo *seu* pode dar lugar a dúvidas a respeito do possuidor. Remedeia-se o mal com a substituição de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, pelas formas *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, de *você*, *do senhor* etc.” (p.181).

Então, ainda que esses materiais mencionem que exista na língua o uso do possessivo *seu* para tecer referência à 2SG, eles não o integram nos quadros possessivos-pronominais apresentados em suas obras. Como pontua Lopes (2007) “Os manuais didáticos raramente fazem alusão às novas formas pronominais quando descrevem o quadro de pronomes pessoais” (p.115). Sendo assim, formas que se mostram bastante produtivas na fala brasileira – nesse caso, a forma *seu* fazendo referência à 2ª pessoa -, frequentemente não são inclusas nos materiais que são utilizados dentro de sala de aula como referência para o ensino de Língua Portuguesa. Por essa razão, como pontuam Lopes e Cunha (1994),

(...) nossas crianças percebem sempre, e não é à toa que comentam: “mas não é assim que a gente fala”. Em geral, a ideia do aprendiz – não por culpa sua – se forma a partir de um juízo bastante negativo: a língua dos livros é a certa e a que frequenta a nossa boca é uma corruptela, um apanhado de usos imperfeitos. (Lopes e Cunha, 1994, *apud* Lopes, 2007, p. 105).

É sabido que a tradição gramatical intenciona prescrever as formas de uso padrão na língua, considerando especialmente a modalidade escrita. Entretanto, também sabemos que “a norma gramatical dos manuais escolares não serve de espelho para ‘a língua como ela é.’” (Lopes e Cunha, 1994, *apud* Lopes, 2007, p.105), tendo em vista que esses materiais ainda persistem em prescrever normas que se referem a um padrão lusitano, que se encontra muito distante da realidade linguística brasileira.

### 2.2.2. O que dizem os estudos sobre o tema na variedade carioca?

Quando nos referimos ao fenômeno variável das formas possessivas de 2ª pessoa *teu* e *seu*, é possível perceber que a literatura sobre esse tema ainda continua bastante limitada, especialmente no que diz respeito à investigação desses possessivos em relação à variedade carioca (Pereira, 2016; Tosi, 2021). Até o momento não temos notícias de outros estudos que tenham explorado a variação *teu* e *seu* nessa variedade, ou muito menos a *percepção* e/ou a *avaliação* desses pronomes em qualquer outra variedade que não seja a carioca. Sendo assim, a bibliografia sobre o tema, que já é relativamente limitada, restringe-se a estudos de *produção*.

Por essa razão, no que tange à *percepção*, é difícil que encontremos mais informações acerca dos *significados sociais* possivelmente associados a esses possessivos, já que ainda

não há uma obra completa sobre o assunto. Com isso, nossa análise se construiu a partir de algumas suposições acerca das estratégias *teu* e *seu*, que foram estabelecidas através da análise dos estudos de *produção* sobre o assunto e a partir dos julgamentos avaliativos que foram atribuídos por falantes cariocas às formas pronominais *você* e *tu*, na posição de sujeito da oração, investigadas no trabalho de Carvalho (2019).

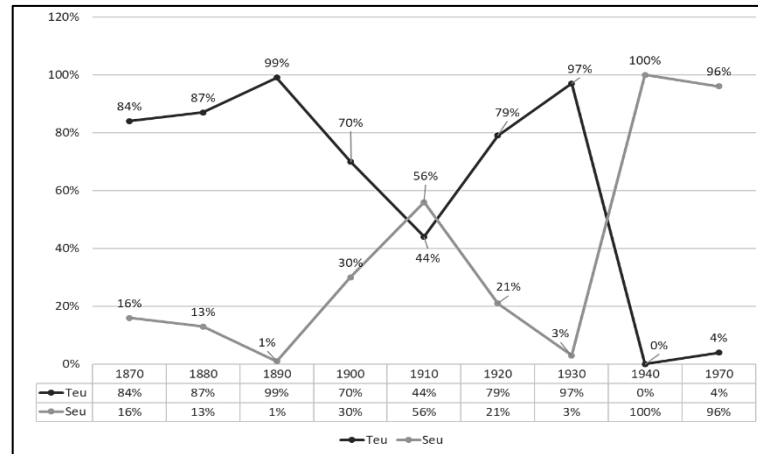
Dessa forma, intencionamos aqui, nesta seção, compor uma síntese de tudo que foi exposto a respeito do comportamento desses possessivos nos trabalhos de produção que visaram a variedade carioca, em especial, acerca do uso de *teu*, para que posteriormente possamos confrontar os resultados de percepção obtidos com os dados de produção (Pereira, 2016; Tosi, 2021).

#### 2.2.2.1. Pereira (2016)

Pereira (2016), em sua tese intitulada *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*, se propôs a investigar a variação existente entre as formas possessivas *teu* e *seu* diacronicamente no português brasileiro, observando, em especial, o comportamento do pronome *seu*. Intencionando explicitar quais seriam os fatores que motivariam tal variação, a autora analisou o fenômeno variável em questão a partir de cartas pessoais brasileiras produzidas entre os séculos XIX e XX (1870 - 1970). Ao todo, foram 363 cartas pessoais examinadas, e a maior parte das missivas

(...) foi recolhida no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (Família Penna, Família Land Avelar, Família Pedreira Ferraz-Magalhães, Família Cupertino, Família Brandão), já as cartas da Família Cruz foram obtidas através do Departamento de Arquivo e Documentação (DAD) da Casa de Oswaldo Cruz (COC), também no Rio de Janeiro. As demais missivas foram retiradas do acervo do Projeto Labor Histórico (Família Lacerda, “Jayme e Maria, casal dos anos 30”, Acervo Washington Luis, Amostra Robertina de Souza e Casal Ottoni). (Pereira, 2016, p.39)

Nestes materiais, a autora encontrou um total de 1.376 ocorrências de formas possessivas simples, sendo 335 dados de *seu* (24%) e 1.041 dados de *teu* (76%). O mapeamento da distribuição dos pronomes possessivos *teu* e *seu* ao longo da diacronia considerada pela autora pode ser verificado no gráfico 2:



**Gráfico 2:** Uso de *teu* e *seu* ao longo da diacronia analisada por Pereira (2016) (adaptado de Pereira, 2016 *apud* Tosi, 2021, p.23)

Nele, é possível observar que ainda que a autora aponte a presença significativa do possessivo *teu* nos resultados gerais, é possível observar, que este possessivo não se distribuiu de maneira regular ao longo dos 100 anos, tendo, inclusive, um momento de completa redução de uso no início da década de 40.

Para sua análise, Pereira (2016) se baseou nos pressupostos da sociolinguística variacionista (Labov, 1994; Weinreich; Labov, Herzog, 1968), controlando diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos, a fim de verificar quais deles poderiam influenciar a variação entre *seu* e *teu*. As variáveis linguísticas controladas pela autora foram: (i) *número da forma possessiva*, (ii) *gênero da forma possessiva*, (iii) *referente do possessivo*, (iv) *correlação entre sujeito e possessivo (simetria do tratamento)*, (v) *pronome sujeito mais próximo*, (vi) *tipo de posse*, (vii) *animacidade do sintagma possessivo*, (viii) *posição do possessivo em relação ao nome* e (ix) *localização do possessivo no documento*. E as extralinguísticas: (x) *gênero*, (xi) *faixa etária*, (xii) *parentesco dos missivistas*, (xiii) *período*, (xiv) *o subgênero da carta particular* e (xv) *localidade*.

No que tange à variável *sujeito na totalidade da carta*, primeira variável apontada pelo programa estatístico *Goldvarb X* (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005) como relevante para a análise, a autora observou que o emprego dos pronomes possessivos estava intimamente ligado ao uso do pronome que era utilizado na posição de sujeito nas missivas. Sendo assim, nas cartas em que apenas o pronome *tu* era utilizado, houve o uso exclusivo da forma possessiva *teu*, ao passo que nas cartas cujo sujeito era *você*, havia apenas o emprego do possessivo *seu*. Além disso, vale mencionar, que

nas cartas sem sujeito explícito, o emprego do pronome possessivo era definido pelo teor das cartas. Assim, missivas que expressavam maior *intimidade* e *proximidade* entre os interlocutores tendiam ao uso de *teu*, enquanto que cartas em

que ficava latente o maior *distanciamento* entre remetente e destinatário, geralmente, havia emprego de *seu*. (Pereira, 2016, p. 174)

Quanto à variável *tipos de posse*, foi observado que o uso de *seu* se mostrou mais produtivo com posses alienáveis e com posses de sentido estendido; em contrapartida, as posses inalienáveis se mostraram mais resistentes ao emprego de *seu*. Segundo a autora, é possível dizer que, ao perder os traços semânticos de terceira pessoa, sendo associado cada vez mais ao emprego de segunda pessoa, o pronome *seu* teve seu uso, inicialmente, bem marcado nas ditas posses clássicas e prototípicas, nas quais existe um bem que é transferível a outro possuidor. Outra variável selecionada foi o *traço de gênero do possessivo*, segundo a autora “esse grupo de fatores não possuía hipótese a ser testada e, com ele, apenas verificou-se que, as formas possessivas femininas foram mais produtivas na amostra” (Pereira, 2016, p. 174).

O último fator linguístico selecionado como relevante foi a *animacidade do sintagma possessivo*. De acordo com Pereira (2016), seus resultados, a respeito dessa variável, corroboraram com o estudo de Huerta Flores (2009): foi observado que o pronome *seu*, quando este passa a ser uma estratégia possessiva de 2ª pessoa, também passa a ser mais utilizado em construções atípicas, isto é, acompanhado de um sintagma possessivo de traço [inanimado].

Quanto aos fatores extralinguísticos, uma das variáveis selecionadas foi a *faixa etária*. Os resultados apontaram para as conclusões esperadas pela autora: os falantes mais jovens favoreceram o uso de *seu*, enquanto os adultos favoreciam o uso de *teu*. Os idosos também aparecem como favorecedores do uso de *seu*. No que tange à variável *gênero*, Pereira (2016) atesta que o pronome possessivo *seu*, no primeiro lapso temporal analisado, não era uma forma estigmatizada, tendo em vista que se mostrou bem produtivo nas cartas de mulheres ilustres, o que traz, para essa forma, indícios de prestígio. Em um segundo momento, já no segundo recorte temporal, a autora observa que o *seu* passa a estar também em cartas masculinas ilustres, além de parecer de forma sutil em cartas de homens não-ilustres. Sendo assim, tal comportamento reforça a ideia de que esse pronome tinha certo prestígio.

Em sua tese, para dissertar sobre o comportamento das mulheres diante dessas formas possessivas, Pereira (2016) utiliza-se do princípio Ia de Labov (1994), que postula que “as mulheres tendem, em processo de mudança em direção ao prestígio, a usarem formas linguísticas prestigiadas ou menos estigmatizadas” (Pereira, 2016, p. 176).

### A respeito da variável *parentesco*, segundo Pereira

não foi possível, ao longo dos 100 anos analisados, encontrar as mesmas relações de parentesco na amostra, mas os resultados apontaram para um crescimento tímido do pronome *seu*, tanto nas relações simétricas quanto assimétricas ascendentes e descendentes estabelecidas. (Pereira, 2016, p.176)

A título de informação, Pereira (2016) adota, em seu estudo, a teoria de *Poder e Solidariedade*, proposta por Brown e Gilman (1960). Tais autores partem do seguinte pressuposto: uma relação se configura como *assimétrica* quando o emissor exerce alguma forma de poder sobre o receptor; já em uma relação *simétrica*, há reciprocidade e solidariedade entre o emissor e o receptor. No que tange ao fator *ascendente* ou *descendente*, estes correspondem, respectivamente, a relações entre um inferior com um superior (quando um funcionário direciona uma fala para o seu chefe, por exemplo), e de um superior com um inferior (quando um chefe direciona sua fala para um funcionário, por exemplo). Sendo assim, foi percebido que a distribuição de *seu* é tímida, mas é frequente, no geral, tanto nas relações simétricas, em que há solidariedade entre o emissor e o receptor, quanto nas assimétricas, sejam elas *ascendentes* ou *descendentes*.

Ao observar o *período histórico*, a autora pontua que a investigação de tal variável foi imprescindível, pois, segundo ela, a partir dessa análise “é possível afirmar que a inserção da forma *você* no quadro de pronomes do português brasileiro foi crucial para que *seu* seja uma forma produtiva” (Pereira, 2016, p. 175). Segundo Pereira, o pronome *teu* foi empregado como a única forma para referir ao interlocutor entre os anos de 1870 a 1899, assim como o pronome *tu* era a estratégia preferida para ser utilizada como sujeito no mesmo período.

Já no início do século XX, a autora identificou um uso mais expressivo de *seu*, que passou a se configurar como uma variante concorrente de *teu*, pois essas duas formas passaram a ocorrer nos mesmos contextos sintáticos e discursivos. Paralelamente, fato observado por Souza (2012), *você* e *tu*, nesse mesmo período, se comportavam da mesma maneira. A partir da década de 1940, década que Souza (2012) afirma que *você* passa a ser mais recorrente na amostra, Pereira (2016) observa o predomínio do possessivo *seu* no *corpus*.

Ao analisar o fator *faixa etária*, a autora conclui que seus resultados apontam para as conclusões esperadas, isto é: como a implementação do uso de *seu* como estratégia possessiva de 2ª pessoa é uma mudança em progresso, os jovens favoreceram o uso dessa variante. Em contrapartida, os adultos desfavoreceram o emprego de *seu*, e apenas fizeram

uso desse possessivo na terceira fase temporal, quando *seu* passa a ser o possessivo mais utilizado na amostra. Quanto aos idosos, estes aparecem como favorecedores do uso de *seu* especificamente durante o período de 1870-1899. Neste período, o emprego de *seu* ainda está relacionado ao uso de *você* prestigioso.

Em relação ao *fator subgênero da carta particular*, a autora postula que nas cartas amorosas, em que há uma maior intimidade entre os interlocutores, o emprego de *seu* é desfavorecido. Já nas cartas pessoais, trocadas entre amigos, o uso de *seu* se mostra bem equilibrado, entre o limiar do favorecimento e desfavorecimento. Em contrapartida, as cartas familiares, isto é, aquelas que são trocadas entre as pessoas que possuem relações consanguíneas, favorecem o emprego do possessivo *seu*. Por fim, a última variável selecionada foi a *localidade da carta*. Esta, segundo Pereira (2016), estava intrinsecamente relacionada e dependente de outros grupos que foram analisados na amostra, principalmente ao sujeito na totalidade da carta. Pois, segundo a autora

controlar o pronome sujeito que aparecia nas missivas mostrou-se mais relevante do que identificar onde a carta foi escrita, uma vez que os resultados encontrados na amostra não dialogaram com os resultados sincrônicos sobre variação pronominal e localidade. (Pereira, 2016, p. 176)

Em resumo, como o estudo de Pereira (2016) priorizou a investigação do possessivo *seu*, é possível observar que poucos apontamentos foram feitos a respeito da variante possessiva *teu*. Entretanto, a investigação quase que precursora da autora contribuiu substancialmente para o conhecimento acerca das formas possessivas de 2SG, além de colaborar consideravelmente para a nossa investigação dos possessivos *teu* e *seu* em Tosi (2021).

#### 2.2.2.2. Tosi (2021)

Em sua monografia, *O estudo da variação teu/seu: uma análise dos possessivos a partir de esquetes humorísticas*, Tosi (2021) investigou, a partir de uma perspectiva sincrônica, a variação das formas possessivas pronominais *teu* e *seu* referindo-se à segunda pessoa do singular do Português Brasileiro. A autora analisou 362 esquetes humorísticos do coletivo *Porta dos Fundos*, produzidos entre o período de dezembro de 2018 até abril de 2021. Neles, foram coletados 773 dados, que foram analisados à luz da sociolinguística variacionista. Tosi (2021) intencionava responder duas questões centrais: (i) como se dava a distribuição das formas variantes *teu* e *seu* na sincronia atual? (ii) Quais eram os fatores linguísticos e extralinguísticos que favoreciam o uso das variantes possessivas analisadas?

A autora controlou um total de doze grupos de fatores, sendo eles: (i) *O gênero do possessivo*, (ii) *o número do possessivo*, (iii) *a posição do pronome em relação ao nome modificado*, (iv) *a forma de tratamento utilizada na posição de sujeito*, (v) *a função sintática do nome possuído*, (vi) *o tipo semântico de posse*, (vii) *a animacidade do nome possuído*, (viii) *a concretude do nome possuído*, (ix) *o sexo dos atores/das atrizes*, (x) *a naturalidade dos atores/das atrizes*, (xi) *a relação interpessoal estabelecida no episódio* e (xii) *a forma de diálogo estabelecida na cena*.

Dentre as variáveis analisadas, cinco delas foram selecionadas pelo programa de análise estatística *GoldVarb X* como relevantes para o fenômeno em questão, sendo duas delas linguísticas e três extralinguísticas. Considerando as variáveis linguísticas independentes, temos: (iv) *a forma de tratamento utilizada na posição de sujeito* e a (vii) *animacidade do nome possuído*. Quanto às variáveis extralinguísticas independentes, foram selecionadas: (ix) *o sexo dos atores/das atrizes*, *a naturalidade dos atores/atrizes* e a (xi) *relação interpessoal estabelecida no episódio*. Serão descritas, então, nos parágrafos subsequentes, os resultados gerais desse estudo, juntamente da análise de cada uma dessas variáveis seguindo a ordem de importância apontada pelo *GoldVarb X*.

Para iniciar a descrição de seus resultados, a autora apresenta o quadro geral de distribuição desses possessivos encontrados a partir do *corpus* analisado. Segundo Tosi (2021), há uma predominância de *seu* sobre *teu*, a considerar que, dentre os 773 dados coletados, 468 são da forma possessiva *seu*, o que corresponde a 60,5% da amostra. Em relação à forma possessiva *teu*, foram encontrados 305 dados, equivalentes a 39,5% da amostra. No quadro 2, vejamos a distribuição dos possessivos:

SEU	TEU
468/773 – 60,5%	305/773 – 39,5%

**Quadro 2.** Frequências e percentuais gerais de ocorrência das variantes (adaptado de Tosi, 2021)

Depois, a autora apresenta a primeira variável selecionada, o fator *forma de tratamento utilizada na posição de sujeito*. De acordo com Tosi, quando os atores utilizavam as formas pronominais *tu* ou *tu/você* na posição de sujeito, ocorria um grande favorecimento da forma possessiva *teu*. Por outro lado, o emprego do possessivo *teu* foi desfavorecido nos contextos nos quais as formas de tratamento *você*, *Tu/você/Senhor*, *você/senhor* e *nenhuma forma (zero)* foram utilizadas<sup>4</sup>. No que diz respeito à variável *naturalidade dos atores/das atrizes*, a autora

<sup>4</sup> Essas nomenclaturas foram escolhidas pela autora para designar os seguintes contextos: “*você* (quando o ator/atriz utilizava somente o pronome de tratamento *você*), *zero* (quando o ator/atriz não utilizava nenhuma forma



observou que o possessivo *teu* foi favorecido na fala dos atores cariocas. Em oposição, o uso de *teu* foi desfavorecido na fala dos atores fluminenses (atores que nasceram fora da capital) e daqueles que não eram do estado do Rio de Janeiro.

Quanto ao fator *relação interpessoal estabelecida no episódio*, terceira variável selecionada como relevante, a autora apontou que a forma possessiva *teu* era favorecida em quatro tipos de relações interpessoais diferentes, sendo elas, em ordem de relevância: *entre conhecidos*, *entre familiares*, *entre amigos* e *entre casais*. Em contrapartida, o uso de *teu*, nas relações interpessoais que costumam envolver um baixo nível de intimidade entre os interlocutores, como *entre desconhecidos* e dentro do *ambiente de trabalho*, não se mostrou produtivo, conforme a previsão da autora. Sendo assim, foi apontado por Tosi (2021) que há uma maior preferência do emprego do possessivo *teu* em contextos nos quais há um maior nível de *intimidade e proximidade* entre os interlocutores.

O *sexo dos atores/das atrizes* foi a quarta variável selecionada, e os dados apontaram, como previsto pela autora, o favorecimento da forma possessiva *teu* na fala dos atores de sexo masculino. Sendo assim, Tosi (2021) observa, a partir do *corpus* analisado, que o uso da variante *seu* está mais associado à fala das mulheres/atrizes, enquanto *teu* está mais associado à fala dos homens/atores. Por fim, a última variável selecionada no estudo foi a *animacidade do nome possuído*. Segundo a autora, os resultados apontaram para o favorecimento da forma possessiva *teu* quando este acompanhava um nome possuído que apresenta um traço [animado], como em “teu avô”, por exemplo. Por outro lado, o uso do pronome possessivo *seu* era favorecido quando este acompanhava um nome possessivo de traço [inanimado], como em “seu prato”.

É possível notar, a partir do trabalho de Tosi (2021), que na sincronia atual encontramos um quadro de variação entre as formas possessivas *seu* e *teu* na variedade carioca e que existem fatores, tanto de natureza linguística quanto extralinguística, que condicionam o uso e a distribuição das variantes possessivas em questão. É importante que façamos a revisitação desses trabalhos, considerando suas contribuições essenciais para o nosso conhecimento acerca das formas possessivas *teu* e *seu* nessa variedade.

### 2.2.3. O que os estudos de outras regiões do Brasil dizem sobre o tema?

Nesta subseção, iremos revisitar, de forma breve, alguns trabalhos que investigaram a variação possessiva *teu* e *seu*. Estes não a investigaram considerando a variedade carioca; contudo, é necessário que os consideremos, visto que a literatura sobre a variação possessiva

---

de tratamento explícita), *tu/você/senhor* (quando o ator/atriz utilizava, na mesma cena, os três pronomes) e *você/senhor* (quando o ator/atriz utilizava tanto o pronome você quanto o pronome senhor) (Tosi, 2021, p. 33-34).

*teu* e *seu* ainda é bem restrita. Portanto, é importante coletar o maior número possível de apontamentos que já foram realizados por diferentes autores e autoras a respeito desse fenômeno variável até então. Além disso, ainda que tais estudos investiguem outras variedades, isso não anula a possibilidade de encontrarmos comentários acerca das estratégias possessivas que possam contribuir de alguma forma com este estudo. Sendo assim, elaboramos uma síntese dos aspectos já observados acerca do comportamento destes possessivos e, em especial, da forma possessiva *teu*, em diferentes localidades do Brasil.

- Soares (1999)

Soares (1999), em sua dissertação *Segunda e Terceira Pessoa – O pronome possessivo em questão: uma análise variacionista*, se propõe a investigar de que forma os fatores linguísticos e extralinguísticos estariam condicionando o uso dos pronomes *teu*, *seu*, *de você* e *do senhor* – para a segunda pessoa – e *seu* e *dele* (e suas respectivas reflexões) para a terceira na língua oral. Intencionando analisar o comportamento desses possessivos, o autor utiliza como corpus o banco de dados do VARSUL, que reúne ocorrências de fala de localidades sócio e culturalmente significativas de três Estados da região Sul do Brasil. Em específico, Soares (1999) analisou dados das cidades Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco, que pertencem ao estado do Paraná.

Revisitamos aqui apenas os resultados de Soares (1999) que dizem respeito à variação possessiva de 2SG, *teu* e *seu*, nosso assunto de interesse. No que se refere às variáveis que foram estatisticamente selecionadas como relevantes no estudo em questão, o autor aponta: *colonização* (a depender de qual povo colonizou a região), *faixa etária*, *sexo*, *escolaridade*, *referente*, *posição do SN* e *valor semântico*. A seguir, descreveremos os resultados encontrados por Soares (1999) de forma topicalizada:

(a) *colonização*: em Curitiba, há um certo favorecimento para que ocorra o uso da forma possessiva *seu*; já em Itarati, “o peso atribuído ao pronome *teu* é respaldado pelo número de ocorrências. Esse peso nos revela, então, que esta cidade pode ser considerada uma zona conservadora, tendo em vista a restrição deste pronome a apenas algumas regiões, em termos de Brasil.” (p. 94);

(b) *sexo, faixa etária e escolaridade*: “(...) a primeira faixa etária do sexo feminino e com o maior grau de escolarização prefere a forma *teu* enquanto que os informantes da segunda faixa etária do sexo masculino e com o menor grau de escolarização preferem a forma *seu*” (p.94);

(c) *referente*: o possessivo *teu* (e flexões) foi geralmente utilizado de forma indeterminada/genérica, enquanto o possessivo *seu* foi utilizado de modo determinado/específico;

(d) *posição do SN*: o pronome *teu* foi mais utilizado precedido de artigo que o possessivo *seu*, mas ambos ocorreram, quase que de maneira geral, em posição anteposta aos substantivos;

(e) *valor semântico*: o pronome possessivo *teu* é favorecido quando: se refere às partes do corpo (posse inalienável) do possuidor; este é utilizado “em referência a relação de parentesco entre o possuído e o possuidor.” (p.95); os referentes se relacionavam com as características psicológicas/físicas do possuído.

Para concluir, ressaltamos que, como a dissertação de Soares (1999) considera, especificamente, o uso possessivo-pronominal dos falantes de algumas regiões do sul do Brasil, é esperado que alguns dos resultados se distanciem dos que foram encontrados nos estudos que analisam esse fenômeno na variedade carioca, já que o sistema pronominal paranaense se difere bastante do sistema pronominal do Rio de Janeiro.

- Arduin (2005)

Arduin (2005), em seu estudo intitulado *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*, analisou, à luz do banco de dados VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil), a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu* nas cidades de Blumenau, Chapecó, Flores da Cunha, Florianópolis, Lages, Panambi, Porto Alegre e São Borja. Tal estudo possui como objetivo central procurar uma explicação para os diferentes usos dos pronomes possessivos *teu* e *seu* nas cidades analisadas, além de contribuir com a descrição do português falado na região Sul do Brasil, relatando a atual distribuição destes pronomes possessivos.

Para a investigação, foram utilizadas 192 entrevistas pertencentes ao banco do VARSUL. Quanto aos resultados encontrados, Arduin (2005) postula que a variação dos possessivos *teu* e *seu*, a partir do corpus analisado, é linguística, estilística e socialmente motivada, uma vez que variáveis linguísticas e extralinguísticas distintas influenciam o fenômeno em análise. A autora encontrou 415 ocorrências dos possessivos, que se distribuem em 86% (356 ocorrências) do possessivo *teu* e apenas 14 % (69 ocorrências) do possessivo *seu*. Além disso, Arduin (2005) postula que os dados indicam que a escolha do possessivo *teu* ou *seu* está diretamente ligada ao emprego dos pronomes pessoais *tu* e *você*, criando assim, uma correspondência entre os pronomes *tu* e *teu*, e entre *você* e *seu*.

No que se refere aos resultados das variáveis investigadas, a autora observa que o possessivo *teu* é utilizado principalmente por mulheres e falantes com escolaridade de nível ginásial. Ao considerar a variável *escolaridade*, ela afirma que “o nível ginásial indicou alta tendência de uso do possessivo *teu*” (p.117). Ademais, o possessivo *teu* aparenta possuir prestígio na região onde se deu a coleta de dados, além de não sofrer qualquer forma de estigma em sua utilização.

Quanto aos resultados obtidos no estudo de Arduin (2005), relacionados aos estudos de Brown e Gilman (2003), estes indicam que os aspectos de poder e solidariedade também interferem no emprego dos possessivos. O possessivo *teu* se mantém como o mais recorrente em relações simétricas (dois amigos conversando) ou assimétricas descendentes (um chefe se referindo ao seu empregado). Por outro lado, o possessivo *seu* é mais frequente nas relações assimétricas ascendentes, de inferior para superior (um empregado se referindo ao seu chefe). Ainda, a autora afirma que os informantes mais jovens utilizam o possessivo *teu* com maior frequência, justamente a forma mais solidária.

No que tange ao resultado relativo à variável linguística *paralelismo formal*, Arduin (2005) constata que “a presença do pronome *tu* exerce influência no uso do possessivo *teu*, já a presença do pronome *você* age como desfavorecedor do uso do possessivo *teu*” (p. 116). Além disso, com relação à variável *pessoa do discurso reportado*, a autora verificou que “a forma *teu* é favorecida nos discursos do próprio informante e no discurso de pessoa próxima.” (p. 117).

Em conclusão, a investigação apresentada, assim como a de Soares (1999), apresenta resultados considerando a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa na fala da região Sul do Brasil, distanciando-se assim, do enfoque principal de nosso trabalho. É interessante ressaltar, contudo, que, dentro do sistema pronominal das cidades sulistas analisadas, *teu* é a variante mais produtiva e, também, a de maior prestígio. Já na variedade carioca, a situação se inverte, já que a variante mais produtiva, nos dias atuais, é o possessivo *seu* (Pereira, 2016; Tosi, 2021), variante essa que também é a estratégia possessiva associada aos usos mais prestigiosos.

- Silva (2023)

Silva (2023), em sua dissertação “*Carlinda me falou que tu não falou a sua mãe a respeito disto*”: a variação *teu/seu* no paradigma de segunda pessoa do singular em cartas de amor interioranas do século XX, objetiva analisar a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu/tua/seu/sua*, além de investigar como é estabelecida a concordância com os pronomes pessoais *tu* e *você* na posição de sujeito. O *corpus* de estudo era constituído por 153

cartas pessoais escritas por casais do século XX, pertencentes ao banco informatizado de textos do Laboratório de Documentação Linguística de Pernambuco (LEDOC). Essas cartas, segundo o autor “apresentam a escrita rural no sertão do Pajeú nas décadas de 50, 70 e 90” (p.109).

A partir do *corpus* utilizado, o autor encontrou 314 dados dos possessivos *teu* e *seu*, sendo 111 de *teu* e 203 da variante *seu*. Com isso, podemos notar que a variante *seu*, neste contexto, é mais recorrente que *teu*, evidência que difere, como o próprio autor pontua, “até mesmo do trabalho de Pereira (2016) que possui como *corpus* também cartas pessoais” (p.106). Silva (2023) assinala também que o *corpus* ainda é relativamente pequeno para realmente se configurar como um verdadeiro representativo da escrita dessa região; entretanto, verificou-se através dele um “crescimento contínuo das formas *você-seu* e o declínio das formas *tu-teu*, no processo de variação” (p.109).

Em relação ao mapeamento da variação *teu/seu* nas cartas pernambucanas, o autor obteve os seguintes resultados: (i) a estratégia possessiva *seu* foi a mais utilizada no *corpus*; (ii) o período no qual as cartas foram escritas condiciona a variação, mostrando um percurso no processo de variação; (iii) o pronome em posição de sujeito estabelece uma correlação direta com os possessivos; (iv) as categorias *preenchida* e *não preenchida* de sujeito favorecem a alternância dos pronomes possessivos; (v) a estrutura composicional da carta estabelece um percurso de crescimento da variante *seu* e queda da variante *teu*; (vi) a variável *posição do possessivo* mostra que a variante *teu* é mais produtiva em posição pré-nominal e a variante *seu* é mais recorrente em posição pós-nominal.

Para concluir, ressaltamos que não foram encontrados muitos trabalhos que investigassem devidamente a variação dos possessivos *teu* e *seu* nas variedades das regiões norte e nordeste do Brasil. Tal fato, inclusive, é evidenciado pelo próprio autor: “há, sem sombra de dúvidas, ainda muitos questionamentos a serem desenvolvidos e respondidos sobre o tema e a necessidade da obtenção de mais dados para a representação linguística desse fenômeno na região” (Silva, 2023, p.109). Sendo assim, é perceptível que a literatura sobre o tema, no geral, ainda é bem restrita, até mesmo considerando outras localidades brasileiras.

Não encontramos outras obras mais completas, que tenham investigado apenas a variação dos possessivos *teu* e *seu*. Por conta dessa lacuna na literatura, observamos que as investigações acerca do fenômeno em questão acabam recorrendo a estudos que não possuíam a variação entre *teu* e *seu* como enfoque principal de pesquisa. Sendo assim, nesses estudos, apenas temos acesso a um levantamento quantitativo de formas possessivas *teu* e *seu* (cf. Machado, 2011; Lopes *et. al.*, 2018).

Outro ponto a ser mencionado é a ausência de trabalhos que se propõem a analisar o fenômeno em uma perspectiva sincrônica; grande parte das obras encontradas prioriza uma abordagem diacrônica baseada em um *corpus* específico (Soares, 1999; Arduin, 2005; Vargas, 2014; Pereira, 2016; Barbosa, 2018). Ademais, encontramos muitos trabalhos que analisaram não só os possessivos de segunda, mas também os de terceira (Soares, 1999; Sbalqueiro, 2005; Mendes, 2008). Posto isso, é de suma importância que as investigações acerca desse tema continuem, para que possamos ampliar os achados acerca das estratégias possessivas *teu* e *seu*.

Passemos para o próximo capítulo, no qual serão descritos os pressupostos teóricos que fundamentaram o presente estudo.

### 3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, serão apresentados os fundamentos teóricos que embasam a presente dissertação. Na seção 3.1., discorreremos acerca dos pressupostos da Sociolinguística Laboviana (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 1994; 2001; 2008 [1972]) que servirão como base para fundamentar nossa análise. Em 3.2., trataremos da divisão dos estudos sociolinguísticos apresentada por Eckert (2012), denominada de “as três ondas da sociolinguística”. Por fim, em 3.3., apresentaremos alguns conceitos que foram apontados por Eckert (2012) como primordiais para os estudos de 3ª onda, e que são, também, relevantes para nossa presente investigação.

#### 3.1. Sociolinguística Variacionista

Nesta dissertação, são adotados os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 1994; 2001; 2008 [1972]), uma vez que assumimos que as formas possessivas de 2ª pessoa do singular *teu* e *seu* são variantes da variável “expressão pronominal possessiva de 2SG” no PB. Mencionemos ainda que, neste estudo, entendemos que esse fenômeno de variação linguística ocorre, nos termos de Labov (1972), *abaixo do nível de consciência* dos falantes. Ou seja, isso significa que, normalmente, os falantes não se dão conta da existência da variação entre *teu* e *seu* na língua, ainda que essas formas estejam fortemente presentes em seus usos linguísticos diários.

Uma das principais características da variação que ocorre abaixo do nível de consciência é que nenhuma das formas que estão em variação costuma carregar fortes indícios de prestígio ou estigma. Por outro lado, dentro de uma variação que ocorre acima do nível de consciência dos falantes, pelo menos uma das formas em variação costuma ser socialmente estigmatizada. Isso ocorre porque, como postula Freitag (2016) “o prestígio ou estigma de um traço linguístico depende da maior ou menor consciência do falante sobre a avaliação social da regra.” (p. 890). Um exemplo de variação que ocorre acima do nível de consciência dos falantes é a marcação da concordância, visto que, segundo Freitag (2016),

A concordância é um domínio gramatical fortemente sensível à avaliação social no Brasil, e os resultados de estudos de covariação entre a alternância pronominal e a presença vs. ausência de marca morfológica de concordância apontam para uma avaliação social estigmatizada para combinações como “nós fala” e “a gente falamos” (Freitag, 2016, p.903)

Na década de 1960, ocorre um momento de grande virada para os estudos linguísticos: o surgimento de uma nova abordagem linguística, que hoje é conhecida e consolidada como

Sociolinguística. Esta baseia-se “em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia” (Cezario; Votre, 2013, p. 142). Sendo assim, tal abordagem linguística trazia consigo uma nova perspectiva de análise, que propunha um encadeamento entre a língua e os aspectos sociais, contrariando os métodos de investigação das correntes linguísticas existentes até então, como o Estruturalismo e o Gerativismo.

São frequentemente considerados como marco inicial desta fundamentação teórica os estudos pioneiros de William Labov (Labov, 1963; 1966) sobre os fenômenos variáveis do inglês norte-americano. Dentre as hipóteses investigadas por Labov, destaca-se a premissa de que a *variação* e a *mudança linguística* são fenômenos inerentes e fundamentais de qualquer língua. Desde o seu surgimento, os estudos variacionistas têm tido como objetivo prioritário demonstrar que os fenômenos variáveis são condicionados por uma matriz de variáveis internas e externas ao sistema linguístico.

Nestes estudos, Labov e seus seguidores costumam investigar diferentes variantes através das macrocategorias sociais, isto é, eles comumente realizam análises “com base em certas categorizações sociais dos falantes” (Oushiro, 2019, p. 305). Tais categorizações dos falantes focalizam, em sua maioria, categorias macrossociológicas como sexo/gênero, faixa etária, classe socioeconômica e nível de escolaridade. Isto posto, os estudos de cunho sociolinguístico mais produtivos e populares costumam ser caracterizados como trabalhos de *produção linguística*, que se propõem a analisar influência de fatores linguísticos e sociais, e acabam por deixar em segundo plano os aspectos *perceptivos* que podem estar influenciando o uso das variantes por parte dos falantes.

Por essa razão, nas últimas décadas, esse modelo laboviano de análise vem recebendo algumas críticas, referentes ao fato de que na maior parte dos estudos de *variação e mudança linguística*, o enfoque da investigação é sempre relativo às *variáveis sociais e estruturais*, e não há um tratamento adequado acerca do papel dos *significados sociais* potencialmente veiculados pelas variantes. É curioso observar, segundo Eckert (2012), que a importância dos *significados sociais* para a variação linguística não é algo inédito, considerando que isso já havia sido explorado anteriormente por Labov (1963), em seu trabalho clássico realizado com os falantes de Martha's Vineyard. Entretanto, durante muito tempo, esses aspectos não foram priorizados na maior parte dos trabalhos que se propõem a fazer análises sociolinguísticas.

É inquestionável a relevância dos estudos mais clássicos da sociolinguística, que contribuíram muito para a expansão e consolidação da área. Além disso, é notório que as macrocategorias sociais estão correlacionadas com inúmeras variantes linguísticas, fato



atestado em incontáveis estudos, inclusive nos estudos que investigam o sistema possessivo-pronominal do Português Brasileiro (Arduin, 2005; Guedes, 2015; Pereira, 2016; Tosi, 2021). Contudo, faz-se necessário reconhecer que a descrição da correlação entre as categorias macrossociológicas e as variantes não é capaz de explicar de maneira eficiente, por si só, o porquê de determinadas variantes serem mais produtivas na fala de certos falantes do que na de outros. Oushiro (2021) aponta que “os próprios linguistas pouco sabem a respeito dos mecanismos que levam à associação de certas formas linguísticas com determinados significados sociais – que vão muito além de noções de correção ou prestígio (Eckert, 2008)” (Oushiro, 2021, p. 319).

Não é incomum encontrar casos de alguns falantes que possuem um comportamento linguístico “atípico”, ou seja, aqueles que, embora se enquadrem em certas categorias macrossociológicas, não apresentam os usos previstos para o seu perfil social. Por exemplo, em Tosi (2021), foi constatado que as mulheres eram as maiores produtoras do possessivo *seu*, enquanto os homens eram os maiores produtores de *teu*. Entretanto, uma das falantes que teve seus dados descritos no *corpus* apresentou um comportamento discrepante das outras mulheres, produzindo, de forma significativa, a variante *teu*. A análise de Tosi (2021), por si só, não pôde explicar ou fornecer algum indicativo do que justificaria tais usos da atriz.

Por todos esses motivos, foi percebida, pelos próprios pesquisadores da área, a necessidade de uma nova perspectiva dos estudos sociolinguísticos, que pudesse levar em consideração os aspectos *estilísticos* da variação, fundamentados nos conceitos de *agentividade* e *identidade*, e que poderiam tentar descrever, de forma mais satisfatória, como os falantes percebem e avaliam os fenômenos variáveis, pois tais aspectos provavelmente influenciam, diretamente ou indiretamente, o uso linguístico. Essa nova vertente foi identificada por Eckert (2012) como “a terceira onda dos estudos de variação linguística”.

### **3.2. Ondas dos estudos de variação**

Ao identificar certas tendências gerais nos estudos sociolinguísticos, Eckert (2012), com a intenção de dar um maior enfoque ao papel do significado social nos estudos variacionistas, retoma as pesquisas desenvolvidas desde o surgimento dessa vertente, na década de 1960, e propõe o agrupamento desses estudos em três ondas distintas, apontando as principais características e lacunas de cada uma. A autora também salienta que, ainda que sejam classificadas como ondas diferentes, elas não se sucedem ou se substituem, apenas se diferem quanto aos seus enfoques, metodologias e preocupações de pesquisa.

Segundo Eckert, a primeira onda origina-se a partir do estudo de Labov (1966) sobre a estratificação do inglês da cidade de Nova York. Neste estudo, o linguista priorizava o papel das categorias macrossociais, como classe socioeconômica, sexo/gênero e idade, com a intenção de detectar um padrão regular de estratificação socioeconômica a partir dessas variáveis, atribuindo então, um valor social à variação linguística. Tal pesquisa serviu como referência para diversas outras, que, assim como esta, visaram o estabelecimento de padrões regulares de estratificação socioeconômica, onde o uso das formas variantes era associado ao status socioeconômico do falante.

Sendo assim, na primeira onda, o principal enfoque seria a mudança linguística como reflexo da mudança nas estruturas sociais, se fundamentando na hierarquia social. Duas noções importantes para os estudos de primeira onda são o *vernáculo* e o *estilo*. Nestes estudos, o *estilo* é percebido como o resultado do monitoramento de fala, suprimindo um processo cognitivo natural, ou seja, o estilo seria o nível de atenção prestado à fala. Já o *vernáculo*, um clássico objeto de estudo da sociolinguística, é definido como a primeira e a mais automática produção linguística do falante. Tendo em vista que estes estudos têm como foco a análise do vernáculo presente nos grandes centros urbanos, os estudos da primeira onda acabam por não contemplar as comunidades locais e suas especificidades.

Quanto à segunda onda dos estudos linguísticos, de acordo com Eckert (2012), essa se caracteriza por suas análises de cunho etnográfico. Ainda que essa onda conserve algumas características análogas aos estudos de primeira onda, como a busca por padrões de mudança com base em pesquisas quantitativas, estes estudos têm como objetivo prioritário analisar comunidades de fala menores. Além disso, estes costumam adotar uma abordagem etnográfica por períodos mais longos e privilegiam a investigação de variantes vernaculares menores, tendo em vista que a perspectiva destes estudos possui um maior enfoque na cultura e no comportamento de determinados grupos sociais. Nesses estudos,

a centralidade do vernáculo e do automonitoramento nas análises acerca da variação se mantém, porém assumem outra concepção. Na segunda onda, o vernáculo se manifesta como uma noção de identidade local ou identidade de classe e o estilo se caracteriza como ato de filiação, isto é, o estilo é visto como expressão de pertencimento a um grupo. (Carvalho, 2019, p. 43)

Temos como um exemplo de estudo pertencente às análises de segunda onda, Eckert (2000). Neste, a linguista investigou, em uma escola *Belten High* de ensino médio em Detroit, o uso de algumas variantes fonéticas. Lá, a pesquisadora observou que o uso das variantes era motivado ou desmotivado a depender do nível de identificação dos falantes com certos grupos

sociais. Foi percebido pela autora que na escola existiam dois grupos distintos, os *jocks* (falantes pertencentes à classe média) e os *burnouts* (falantes pertencentes à classe trabalhadora). Além disso, ela também notou que os alunos faziam associação entre algumas variantes e um grupo em específico.

Em outras palavras, os alunos escolhiam de forma agentiva fazer uso de algumas variantes para se aproximar, como uma questão de identidade, ou para se afastar de um grupo de pessoas específico. Como se o uso de certas formas linguísticas servisse para enfatizar seu pertencimento a um determinado grupo, ou o seu desejo de pertencer a um determinado grupo. Os estudos de primeira e segunda onda se aproximam, pois ambos se dedicam à análise de categorias estáticas e macrossociais; porém, as pesquisas de segunda onda, como possuem cunho etnográfico, trazem à tona uma prática estilística por parte dos falantes, fornecendo um entendimento mais local e particular da língua.

No que tange à terceira onda de estudos linguísticos, essa se destaca por sua ótica prioritariamente *estilística*, tendo como seu enfoque principal a investigação dos *significados sociais* veiculados às variantes linguísticas. Em linhas gerais, tais estudos partem da premissa de que as variantes de uma variável específica indexicalizam significados sociais que estão ancorados em usos reais. Sendo assim, os significados sociais indexicalizados nas variantes emergem, necessariamente, a partir das diversas interações sociais existentes entre os falantes, situadas nos mais diversos cenários e cumprindo propósitos comunicativos específicos.

Em obra publicada mais recentemente, Hall-Lew, Moore e Podesva (2021) fazem uma avaliação crítica das três ondas de estudos sociolinguísticos propostas por Eckert (2012). Os autores identificam a terceira onda como uma área de pesquisa em franco desenvolvimento, resumida por eles como a investigação “sobre como a informação social é codificada na língua” (p. 1). Eles observam ainda que

Abordagens tradicionais de primeira e segunda ondas trataram a variação como uma janela para a mudança linguística (Weinreich, Labov, Herzog; 1968) e examinaram a estratificação da variação de acordo com categorias macrossociais (por exemplo, gênero, classe) e categorias localmente significativas (por exemplo, *jocks*, *burnouts*). Os proponentes de uma abordagem de terceira onda concentram-se na variação linguística como um recurso para adotar posturas (*stances*), realizar movimentos sociais e construir identidade. Essas práticas sociais são possíveis somente porque as variantes linguísticas carregam significado e adquirem novos significados na interação situada, bem como componentes de estilos. (Hall-Lew; Moore; Podesva, 2021, p. 1)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> No original: “Traditional first- and second-wave approaches have treated variation as a window into language change (Weinreich, Labov, & Herzog 1968), and have examined the stratification of variation according to both macrosocial categories (e.g., gender, class) and locally significant categories (e.g., jocks, burnouts). Proponents of a third-wave approach focus on linguistic variation as a resource for taking stances, making social moves, and

Ainda que esta seja uma tendência de análise da variação relativamente recente e pouco explorada no Brasil, é possível notar um atual e relevante crescimento de trabalhos de sociolinguística que priorizaram a investigação de aspectos estilísticos. Podemos mencionar, dentre os trabalhos que já têm voltado sua atenção para a questão dos *significados sociais* das variantes: Mendes e Oushiro (2012), Freitag *et al.* (2012), Oushiro (2015), Freitag (2018), Carvalho (2019) e Tesch (2022).

É importante pontuarmos que a presente pesquisa não se enquadra totalmente dentro do que se concebe como um trabalho de terceira onda, visto que a nossa investigação também perpassa por análises voltadas para as macrocategorias sociais, como sexo/gênero, e aspectos linguísticos associados a uma questão de registro, como a formalidade. Entretanto, nosso principal objetivo é investigar os significados sociais potencialmente indexicalizados ao uso das variantes *teu* e *seu*. Por essa razão, é fundamental que utilizemos os conceitos que constituem as investigações que priorizam uma análise voltada para aspectos mais estilísticos da variação sociolinguística.

Cabe dizer, ainda, que a utilização de diferentes perspectivas será muito proveitosa para realizar a análise do fenômeno linguístico, visto que essas consistem em encaminhamentos distintos que se complementam. Por exemplo, no estudo de Tosi (2021), um estudo de produção, a autora constatou que o possessivo *teu* é mais produtivo na fala masculina; na presente investigação, buscamos observar se esse mesmo possessivo costuma ser associado à performance de *masculinidade* pelos próprios falantes. Não acreditamos que uma perspectiva irá nos elucidar mais do que a outra, e sim que as diferentes análises irão responder a perguntas diferentes, já que estão, de alguma forma, vinculadas. Além disso, a adoção de propostas de análise dissemelhantes pode trazer explicações variadas, para que, como pesquisadores, possamos compreender melhor o funcionamento de um determinado fenômeno linguístico.

Passemos então, na próxima seção, para a apresentação devida dos conceitos perpassam os estudos de 3ª onda.

### **3.3. Conceitos dos estudos de 3ª onda: significados sociais, identidade e estilo**

Considerando que o presente estudo se propõe a investigar aspectos mais estilísticos, assim como os trabalhos de terceira onda, é de suma importância que contemplemos os conceitos declaradamente mais importantes desses estudos, como os *significados sociais*, o

---

constructing identity. These social practices are possible only because linguistic variants carry meaning and take on new meanings in situated interaction, and as components of styles.”

conceito de *estilo* e o de *identidade* sociolinguística. Sendo assim, iremos descrever brevemente cada um desses conceitos, para que haja, posteriormente, um maior entendimento de nossa análise como um todo.

Segundo Eckert (2012), um dos pilares das pesquisas que se filiam à terceira onda da Sociolinguística é a centralidade do estudo dos *significados sociais* das variantes linguísticas. Postula-se que as variantes de uma variável indexalizam significados sociais ancorados nos usos reais, que emergem das diversas interações sociais existentes entre os falantes, situadas nos mais diversos cenários e cumprindo propósitos comunicativos específicos. Mas o que se entende, por definição, como “significado social” de uma variante? Hall-Lew, Moore e Podesva (2021) nos oferecem uma definição para o conceito: “significado social é o conjunto de inferências que podem ser feitas com base em como a língua é usada em uma interação específica.”<sup>6</sup> (p. 3). Embora reconheçam que esse conjunto de inferências pode estar relacionado à função pragmática do próprio enunciado, os autores sublinham que

(...) não apenas fazemos inferências lendo a pragmática de uma construção. Também dependemos das inferências sobre o tipo de pessoa que produz o enunciado, a situação em que estão, a natureza da relação entre os interlocutores, a orientação do falante para o conteúdo da conversa, entre outros. (Hall-Lew; Moore; Podesva, 2021, p. 3)<sup>7</sup>

Por essa razão, os autores afirmam que, diferentemente das inferências semanticamente motivadas, as inferências acerca do significado social são inerentemente indeterminadas. Segundo eles, “a complexidade computacional de interpretar o significado social em qualquer interação dada torna a empreitada da sociolinguística de terceira onda desafiadora, mas também uma área repleta de possibilidades para novas direções de pesquisa.” (p. 4)<sup>8</sup>.

Os significados sociais expressos pelas variáveis linguísticas, segundo Eckert (2019), podem indexalizar uma gama de informações sociais diferentes sobre o falante a partir de uma única forma linguística, além de “fazer com que os falantes expressem coisas sobre eles mesmos e sobre o mundo social em termos de *identidade, atitude e ideologia*” (Hernández-Campoy, 2016 *apud* Amaral, 2022, p. 129), sem que seja necessário dizer tais coisas de forma explícita. Outra característica importante dos *significados sociais*, também de acordo com Eckert (2019), é que estes são combinados, tendo em vista que as variáveis não adquirem um significado social

<sup>6</sup> “Social meaning is the set of inferences that can be drawn on the basis of how language is used in a specific interaction.”

<sup>7</sup> “(...) But we do not just draw inferences by reading the pragmatics of a construction. We also rely on inferences about the sort of person who produces the utterance, the situation they are in, the nature of the relationship between interlocutors, the speaker’s orientation to the content of the talk, and more.”

<sup>8</sup> “The computational complexity of interpreting social meaning in any given interaction makes the enterprise of third-wave sociolinguistics challenging, but also an area rife with possibilities for new research directions.”

de forma isolada, e sim através da sua relação com esses significados, e deles com outros significados, a considerar que estes estão sempre sendo criados e recriados durante a prática linguística. Apoiado nesse processo interativo entre uso e performance, as variantes acabam adquirindo significados sociais diversos, como polidez, masculinidade, carioquice, informalidade, entre outros. Segundo Oushiro (2021),

Os significados sociais dos usos linguísticos podem abarcar desde identidades geográficas (como ser paulista, nordestino, gringo etc.) ou de grupos sociais (gays, jogadores de futebol, nerds, patricinhas etc.) até a atribuição de características pessoais aos falantes (ser pedante, culto, honesto, sofisticado etc.). Tais significados são sempre múltiplos e concomitantes (Oushiro, 2021, p. 319)

Em outras palavras, estamos nos referindo ao processo de *indexicalidade*. No entendimento de Hall-Lew, Moore e Podesva (2021),

Em sua essência, a indexicalidade é um processo de associação no qual uma forma linguística aponta para alguma dimensão de seu contexto convencional de uso (...). Em muitas abordagens variacionistas da indexicalidade, a dimensão relevante do contexto é o usuário típico de uma forma específica. (...) Mas associações com tipos sociais ou grupos sociais são apenas uma das muitas dimensões de contexto, qualquer uma das quais poderia emergir como relevante. Outra dimensão relevante poderia ser o tipo de posturas geralmente adotadas ao usar uma forma. (...) Seja qual for o tipo de significado social que estudamos, a indexicalidade se destaca como um conceito central na teorização do significado social, pois representa um dos principais meios pelos quais a conexão entre uma forma linguística e sua interpretação social surge. (Hall-Lew; Moore; Podesva, 2021, p. 5)<sup>9</sup>

Nesse sentido, os significados sociais das variantes são necessariamente dinâmicos, considerando que estes atestam a relação agentiva dos falantes em relação às variantes linguísticas. Por essa razão, os significados sociais podem mudar em função do contexto comunicativo no qual eles se inserem, da identidade do falante e até mesmo da comunidade de fala em análise.

Antes de falarmos sobre o conceito de *estilo*, é preciso que tratemos, de forma adequada, do conceito de *agentividade*. Nesta investigação, estamos considerando o conceito de *agentividade* a partir do que postula Eckert (2012), visto que entendemos os falantes não como indivíduos passivos e portadores de dialetos, mas sim “como agentes estilísticos, que adaptam

---

<sup>9</sup> At its core, indexicality is a process of association, where a linguistic form points to some dimension of its conventional context of use (...). In many variationist approaches to indexicality, the relevant dimension of context is the typical user of a particular form. (...) But associations with social types or social groups is just one of many dimensions of context, any of which could emerge as relevant. Another relevant dimension could be the kind of stances typically taken while using a form. (...) Whatever type of social meaning we study, indexicality stands as a core concept in theorizing social meaning, as it represents one of the primary means through which the connection between a linguistic form and its social interpretation arises.

estilos linguísticos em projetos contínuos e ao longo da vida de autoconstrução e diferenciação.” (Eckert, 2012, p. 97-98).

Segundo Hall-Lew, Moore e Podesva (2021), a *agentividade* é comumente confundida com intencionalidade, mas quando falamos acerca de uma construção de identidade de forma agentiva, não estamos dizendo que um indivíduo constrói toda a sua identidade de forma consciente e intencional, e sim que esse falante não é um ser completamente passivo e participará de forma relativamente ativa de sua construção como indivíduo. Mencionemos ainda que é possível que certas escolhas linguísticas sejam feitas de forma consciente, visto que um falante pode decidir, de forma intencional, soar como mais formal ou sofisticado em determinados contextos. Ainda de acordo com Hall-Lew, Moore e Podesva (2021), a agentividade do falante, assim como a variação, também poderá ocorrer acima ou abaixo do nível de consciência do falante.

No que se refere ao *estilo*, este corresponde a outro conceito muito importante nos estudos de terceira onda. Existem, nos trabalhos de cunho sociolinguístico, pelo menos, três abordagens distintas para tal concepção: (i) a abordagem que entende estilo como o grau de atenção destinado à fala (corresponderia a um estilo de fala mais ou menos monitorado); (ii) a abordagem que considera a influência do público ou audiência sobre a performance linguística do falante; (iii) a abordagem que entende estilo como expressão da agentividade do falante.

Destacamos aqui apenas a terceira conceituação mencionada de estilo, visto que esta é a que dialoga diretamente com os objetivos e pressupostos de nossa investigação. Assim, a concepção de estilo na perspectiva de estudos de 3ª onda poderá ser considerada como sinônimo da performatividade linguística do falante, sendo um elemento que integrará, necessariamente, a construção de sua própria identidade. Como pontua Freitag *et al.* (2012, p. 923), “a face renovada de estilo o identifica com o modo como os falantes combinam variáveis para criar modos distintivos de fala, que fornecem a chave para a construção da identidade”.

Quanto ao conceito de *identidade*, este se configura por ser um conceito amplo e que poderá assumir diferentes interpretações a depender do viés de análise assumido. No entanto, os trabalhos de terceira onda, em grande parte, costumam adotar a definição oferecida por Kiesling (2013):

a identidade é um estado ou processo de relação entre o ‘eu’ e o ‘outro’; a identidade é como os indivíduos definem, criam, ou pensam sobre si em termos de sua relação com outros indivíduos e grupos, sejam eles reais ou imaginários. (Kiesling, 2013, p. 450)

Desse modo, a identidade sociolinguística é algo que o próprio indivíduo, em seu papel agentivo, constrói a partir da interação com os demais indivíduos que o cercam. Ou seja, a identidade é algo que as pessoas fazem, e não é algo feito para elas. De acordo com Oushiro (2019),

Dentro de determinada perspectiva da terceira onda, as pessoas não “são” essas categorias, pois as próprias identidades são construídas por meio da variação linguística. Isso implica assumir que os falantes não falam do modo como falam como reflexo inevitável de categorias a que “pertencem”, mas que tais categorias identitárias são elaboradas, de forma mais ou menos consciente, pelos falantes durante suas interações sociais. Também implica assumir que as identidades são sempre múltiplas, plurais, e que um falante não pode ser reduzido a uma única dimensão (“ser mulher”, “ser nordestino” etc.) (Oushiro, 2019, p.307)

Durante esse processo contínuo de construção de identidade, os usos linguísticos passam a integrar um conjunto mais amplo de características, no qual se encontram, evidentemente, outros aspectos não-linguísticos, como: o jeito de se vestir, a aparência física, o comportamento, os gostos pessoais, entre outros. Posto isso, a identidade sociolinguística tem sido considerada como um elemento-chave para explicar muitos aspectos relativos à variação linguística, visto que esta exerce uma influência crucial na definição e na interpretação dos fatores sociais elencados para os estudos sociolinguísticos. Sendo assim, tecer uma análise a respeito de identidades construídas, ou pretendidas, é fundamental para tentar compreender certos padrões de variação, sobretudo aqueles que contrariam as expectativas, por exemplo, quando um homem utiliza produtivamente uma variante típica da fala feminina.

Neste ponto, cabe indagar: como esses conceitos se relacionam com a presente investigação?

Nossa análise se propõe a observar quais são os significados sociais potencialmente associados ao uso das variantes *teu* e *seu*, visto que a investigação dos significados sociais potencialmente veiculados a uma variante linguística poderá nos revelar, por exemplo, o porquê de uma variante ser frequentemente associada à fala de indivíduos de um mesmo sexo/gênero ou sexualidade, ou a falantes de uma mesma localidade, ou ainda a contextos sociointeracionais específicos. Isso ocorre, segundo Eckert (2019), porque os falantes se utilizam de certas variantes de forma *agentiva* para performar determinadas identidades e atitudes específicas, transmitindo, de forma indireta, quem são e o que pensam, construindo seu próprio estilo. Ao observarmos, por exemplo, que o possessivo *teu* indexa informalidade, temos indícios do porquê esta variante ser a mais produtiva em determinadas situações ou do porquê ela ser utilizada, de forma *agentiva* em contextos específicos.



Em resumo, assumimos, seguindo a perspectiva teórica dos diversos autores mencionados nos parágrafos anteriores, que o estilo é a expressão da agentividade do falante. Em específico, utilizar mais o possessivo *seu* do que o *teu* na fala, por exemplo, indicia um estilo reivindicado pelo indivíduo, já que esse estilo é motivado pela identidade que ele constrói. Ou seja, através do estilo é que os falantes performam, a identidade que visam construir de si.

Como investigar empiricamente os significados sociais potencialmente associados às variantes linguísticas? De que modo podemos capturar essas nuances relacionadas ao estilo e à agentividade? Como checar os postulados teóricos da terceira onda de estudos sociolinguísticos em termos metodológicos? Essas questões constituem, ainda hoje, um dos maiores desafios para a área. Várias propostas têm sido delineadas (cf. Hall-Lew; Moore; Podesva, 2021); seguiremos aqui, particularmente, uma das mais promissoras: a abordagem experimental centrada na percepção sociolinguística dos falantes nativos.

Na esteira do que propuseram Campbell-Kibler (2010), Drager (2014), Squires (2014), Oushiro (2015), Melo (2017), Oliveira (2018), Carvalho (2019), dentre outros, assumimos que a análise sistemática das impressões e avaliações de falantes nativos pode evidenciar aspectos significativos acerca dos significados sociais dos fenômenos variáveis. Além disso, entendemos que o protocolo da metodologia experimental em Linguística nos oferece diversas ferramentas capazes de viabilizar a construção de tarefas de percepção sociolinguística que garantam a validade empírica dos resultados.

Sendo assim, avancemos para o próximo capítulo desta dissertação, no qual delinearemos a nossa proposta experimental de análise da percepção das variantes *teu* e *seu* na variedade carioca do PB.

## 4. METODOLOGIA

Neste capítulo, serão descritos os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento de nossa pesquisa. O processo metodológico da presente dissertação se dividiu em duas partes: no primeiro momento, a metodologia utilizada se enquadra no que Freitag (2018) classifica como *abordagem direta*, na qual os pesquisadores interpelam os falantes a emitirem, de maneira aberta e livre, suas opiniões acerca do fenômeno linguístico em investigação; em um segundo momento, foram realizados dois experimentos baseados na estrutura de *tarefa de julgamento* (cf. Schütze; Sprouse, 2014) *com escala de diferenciais semânticos*. Neles, os participantes foram expostos a estímulos sonoros com enunciados em que ocorriam os pronomes *teu* e *seu* e precisavam julgá-los segundo um conjunto de índices estilísticos, tais como *agressividade*, *gentileza* e *masculinidade*.

Nas seções subsequentes, discorreremos acerca da metodologia utilizada, juntamente com suas limitações, procedimentos de aplicação e resultados.

### 4.1. Primeira etapa – definição dos índices estilísticos

Nesta primeira etapa, objetivávamos captar as avaliações dos falantes cariocas em relação às variantes possessivas *teu* e *seu*. A fim de analisar os significados sociais potencialmente indexicalizados a essas variantes, elaboramos um modelo de entrevista centrado na avaliação subjetiva. O aparato metodológico utilizado se enquadra no que Freitag (2018) classifica como *abordagem direta*: nesse tipo de procedimento, alguns falantes são convidados a responder, de forma objetiva e aberta, o que eles pensam acerca de um fenômeno variável específico. Intencionávamos, após a coleta dessas impressões, mapear quais os significados sociais que seriam recorrentemente atribuídos às variantes pelos entrevistados.

Para isso, foi elaborado um roteiro específico que estimulasse a produção de declarações avaliativas acerca do fenômeno. Intencionávamos coletar as impressões e crenças dos falantes cariocas a respeito dos pronomes possessivos de forma mais orgânica possível, sendo este um roteiro moldado para não mostrar nossas impressões como pesquisadores. Tal roteiro não era fixo e servia apenas para fins de orientação, considerando que ele era flexível, a depender das respostas dos participantes e do rumo da entrevista. Para que tivéssemos uma direção específica, foram definidos alguns parâmetros que nos guiavam para a execução das perguntas, mas tampouco importava a ordem na qual elas eram feitas.

Estes parâmetros eram: (i) *associação livre* (pedíamos para que o falante pudesse dizer livremente o que ele pensava quando voltava a sua atenção para os possessivos *teu* e *seu*), (ii) *associação ao gênero/sexo* (perguntávamos ao falante se ele fazia alguma distinção quanto ao

uso dos pronomes em relação ao gênero/sexo, se ele achava que falantes do sexo masculino tendiam a utilizar mais a variante *teu* ou *seu*, ou vice-versa); (iii) *associação regional* (pedíamos para que o falante nos informasse se eles associavam o uso de uma das variantes a alguma localidade específica do Brasil, seja região, estado, cidade ou bairro); (iv) *associação a um grupo/perfil de pessoas* (perguntávamos ao falante se ele associava o uso de um dos pronomes a um grupo ou a uma classe de pessoas específicas); (v) *associação ao registro* (pedíamos para que o falante nos dissesse se ele associava uma das variantes à formalidade ou a informalidade; e, por fim, (v) *associação à emotividade* (solicitávamos para que o falante nos dissesse se ele acreditava que estar calmo ou nervoso poderia influenciar no uso de uma das variantes possessivas).

Tais abordagens foram realizadas por dois integrantes do grupo de pesquisa SOCIOLINT - *Laboratório de Sociolinguística e Interfaces*, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e se dividiram em duas partes. No primeiro momento, realizávamos uma interação inicial, que consistia em uma conversa despreziosa com os participantes, na qual eles emitiam impressões sobre a língua portuguesa no geral, como, por exemplo, “Você costuma prestar atenção em como as pessoas falam no dia a dia?”. Depois, a interação se encaminhava para uma avaliação direta, na qual os pesquisadores apresentavam um enunciado contendo a variante *teu* mais de duas vezes, para que ela se tornasse sobressalente, e os participantes eram interpelados a dizer se eles achavam natural/comum escutar uma frase daquelas. Se os falantes não fizessem nenhum comentário sobre o pronome *teu* ou não percebessem a presença dele na frase, a mesma frase era dita com o pronome *seu*. Essa estratégia funcionou em todos os casos nos quais se fez necessária, visto que logo após a elocução dessa segunda frase os falantes perceberam a alternância dos possessivos, e teceram comentários como: “Ah, eu acho que utilizando o *seu* fica mais natural” ou “Entendi, a diferença de uma frase pra outra é que agora você está usando o *seu* e não o *teu*”.

Posto isso, a partir desses dois estágios iniciais, os pesquisadores realizaram outras perguntas no andamento da conversa, seguindo os parâmetros mencionados anteriormente. Abaixo, a título de exemplificação, apresentamos o modelo de roteiro que foi utilizado para a coleta de avaliações realizadas pelos falantes acerca da variação pronominal *teu~seu*:

- a. Você costuma prestar atenção em como as pessoas falam no dia a dia? (*interação inicial*)
- b. O que mais te chama atenção no jeito de falar das pessoas? Por quê? (*interação inicial*)
- c. Aqui no Rio de Janeiro, você acha comum escutar uma frase do tipo: “***Teu* pai falou que a *tua* namorada pegou a *tua* chave**”? (Se o entrevistado não perceber o uso de *teu*, contrapor com o uso de *seu*, sugerindo outra frase como: “***Seu* pai falou que a *sua* namorada pegou a *sua* chave**”) (*início da avaliação direta*)
- d. Quem você acha que utiliza mais o ***teu***, os homens, as mulheres ou para você não faz tanta diferença? E o ***seu***? (*associação ao sexo/gênero*)

- e. E você? Você acha que fala dessa forma? Você acha que usa mais o *seu* ou o *teu*? Por quê? (*associação a um grupo/perfil de pessoas*)
- f. Você acha que o *teu* é típico de algum lugar do Brasil? Você acha que o Brasil todo utiliza o *teu* da mesma forma? (*associação regional*)
- g. Você acredita que existe um grupo de pessoas específico que costuma utilizar mais o *teu*? (*associação a um grupo/perfil de pessoas*)
- h. Você conhece alguma pessoa ou um grupo de pessoas específicas que evitariam utilizar o pronome *teu*? (*associação a um grupo/perfil de pessoas*)
- i. Você acredita que a formalidade ou informalidade influenciaria a alternância entre *teu* e *seu*? (*associação ao registro*)
- j. Você acha que o ânimo das pessoas poderia influenciar seu uso, por exemplo, se elas estiverem nervosas, na sua opinião, tenderiam utilizar mais o *teu* ou o *seu*? E quando elas estão mais calmas? (*associação à emotividade*)
- k. Você acha que alternar entre as duas formas é um problema? Por quê? (*associação livre*)
- l. No geral, o que você acha sobre o uso e alternância desses pronomes? (*associação livre*)

As interlocuções com os falantes cariocas se deram por diferentes meios: através de conversa presencial, por ligação de telefone ou ainda através da gravação de áudios por meio de conversa em aplicativo de mensagens instantâneas. Por se tratar de um levantamento de impressões subjetivas de caráter preliminar, os falantes foram selecionados de maneira aleatória. A única restrição quanto ao perfil deles era que necessariamente tivessem nascido e morassem na cidade do Rio de Janeiro. Importante mencionar ainda que tanto as conversas presenciais quanto as que ocorreram à distância foram gravadas e armazenadas para que fossem ouvidas posteriormente. Antes de realizar as gravações, como protocolo, pedíamos a autorização do participante para gravar sua voz, e, se essa autorização nos fosse negada, ele poderia se sentir à vontade para deixar de fazer parte da pesquisa imediatamente. Além disso, reforçávamos ao falante que, se ele quisesse deixar a pesquisa a qualquer momento, poderia solicitar o descarte das gravações realizadas com ele.

Antes do pedido de aceite do participante, nós já comunicávamos que a entrevista fazia parte de uma pesquisa universitária que se propunha a investigar como as pessoas percebem a língua portuguesa. Ademais, informávamos também que as gravações não seriam reproduzidas posteriormente; se necessário, utilizaríamos apenas a transcrição destas para fins de pesquisa. Quanto à privacidade e confidencialidade dos dados, comunicávamos aos participantes que só seriam utilizadas, no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, as informações sociodemográficas, como sexo e idade, uma vez que, além dessas informações, não iríamos registrar nenhuma outra informação sobre eles.

Importante mencionar ainda que, ao utilizarmos o termo “entrevistas”, não nos referimos à clássica *entrevista sociolinguística*, visto que não pretendíamos fazer uma amostra estratificada dos falantes ou utilizarmos seus depoimentos como dados de produção linguística. Sendo assim, os julgamentos e avaliações coletados não foram transformados em dados

estatísticos, pois nossa intenção era apenas realizar um levantamento qualitativo. Por este ser um fenômeno variável bem pouco estudado, considerando a variedade carioca, não é possível encontrar muitas informações sobre ele na literatura. Logo, faz-se necessário que haja um método de análise que nos leve a entender quais são os valores sociolinguísticos que circulam na comunidade de fala carioca a respeito do fenômeno em questão.

Este levantamento avaliativo funcionou como um método preliminar, e tais entrevistas representam um ponto de partida metodológico, tendo em vista que nossa ideia é que uma metodologia complementa a outra. Posto isso, esta foi uma etapa crucial para a elaboração dos experimentos da 2ª etapa de nossa pesquisa. Utilizamos nos experimentos subsequentes, como índices sociais da escala de diferenciais semânticos, os valores sociolinguísticos mais mencionados na primeira etapa de abordagem direta.

Hipotetizávamos, com essa abordagem, que os falantes iriam perceber e avaliar as formas variantes *teu* e *seu* de formas distintas, sendo mais sensíveis, perceptivamente falando, à presença do possessivo *teu*, sendo esta uma variante fortemente indexicalizada a significados sociais e a contextos de uso específicos. Por outro lado, acreditávamos que o possessivo *seu* seria percebido de forma mais comum e neutra, não sendo muito associado a usos específicos.

Ao todo, foram realizadas 23 entrevistas, com 16 mulheres e 8 homens, que tinham entre 22 e 57 anos. Em média, eram realizadas 12 perguntas para cada falante, e as interações duravam cerca de 6 minutos. No início das entrevistas, era solicitado que os participantes dissessem seu gênero e sua idade, para que o armazenamento das gravações fosse realizado e identificado de forma adequada.

Como qualquer método de coleta de dados, este também apresentava suas limitações, como: (a) grande variabilidade de respostas (as pessoas poderiam expressar opiniões opostas no decorrer do questionário); (b) respostas de concordância (as pessoas poderiam responder o que elas acreditavam que os pesquisadores desejavam ouvir); e, por fim, (c) respostas socialmente desejáveis (as pessoas poderiam verbalizar algo que elas sentiam que deveriam responder). Entretanto, as abordagens foram muito satisfatórias e nossos objetivos almejados foram cumpridos.

No geral, os falantes frequentemente associaram o uso dos pronomes a: (i) uma questão *diatópica*, relacionando a variante *teu* à região sul do país; (ii) uma questão de *registro*, relacionando a variante *teu* à informalidade; (iii) uma questão de *emotividade*, relacionando a variante *teu* à agressividade ou grosseria; (iv) uma questão de *sexo/gênero*, relacionando a variante *teu* à fala dos homens.

A título de exemplificação, serão apresentados, no quadro 3, dois trechos com comentários realizados pelos falantes sobre o uso de *teu*:

Falante (sexo e idade)	Trecho da conversa
Falante 1 (Feminino, 26 anos)	<p>Pesquisadora: “Você acha que utiliza mais o <i>teu</i> ou o <i>seu</i>?”</p> <p>Resposta: “Então, eu utilizo mais o <i>seu</i>, o <i>sua</i>, até por conta da minha profissão também, pra ser uma coisa mais <u>formal</u>, não estou falando que eu também não falo, mas quando eu estou em um ambiente mais informal eu me permito falar mais de outra forma, mais relaxada, mas por conta da minha profissão eu tento ser o mais <u>formal</u> possível e parece que o <i>seu</i> e <i>sua</i> soam mais <u>formais</u>.”</p>
Falante 2 (Masculino, 28 anos)	<p>Pesquisador: Então você acha que a galera na baixada usa mais o <i>teu</i>?</p> <p>Participante: Sim! Belford Roxo é um bairro que tem <u>nível de escolaridade mais baixo</u>, então, com certeza, isso influencia em usar mais o <i>teu</i> do que o <i>seu</i>.</p>

Quadro 3. Associações realizadas pelos falantes acerca da variante *teu*.

Nos trechos dispostos no quadro 4, é possível perceber a associação das variantes, realizada pelos próprios falantes, a certos significados sociais como *informalidade* ou *baixo nível de escolaridade*. A seguir, nas figuras 1 e 2, são colocadas duas nuvens de palavras que foram criadas a partir das respostas obtidas nas abordagens. As características que foram empregadas para cada variante foram utilizadas para a criação das nuvens, que representam a frequência relativa de palavras associadas ao uso de *teu* e *seu*. Sendo assim, quanto maior é o tamanho da palavra, maior é a frequência com a qual ela foi mencionada para as variantes.



Figura 2. Nuvem de palavras associadas ao uso de *teu* pelos falantes cariocas



Figura 3. Nuvem de palavras associadas ao uso de *seu* pelos falantes cariocas

Como podemos ver, entre as palavras associadas pelos falantes ao uso de *teu*, destacam-se os termos *comum*, *nervoso*, *informal*, *Sul* e *gíria*. É possível observar, também, que palavras derivadas e outras palavras/expressões do mesmo campo semântico de *informal*, por exemplo,

foram mencionadas pelos participantes, como *descontraído*, *íntimo* e *gíria*. Nos chama atenção o destaque da palavra *comum*, que também apresenta termos correlatos como *normal*, *natural* e *cotidiano*. Tais associações, sobretudo em relação à *informalidade*, vão ao encontro das nossas previsões e demonstram que a variante *teu* é frequentemente associada às situações informais de comunicação. Além disso, a associação estabelecida entre *teu* e o índice *comum* parece indicar que os participantes cariocas identificam seu uso, no Rio de Janeiro, como algo normal e cotidiano.

Quanto às palavras que foram associadas ao uso de *seu*, destacam-se os termos *normal*, *formal*, *comum*, *sério*, *calmo* e *natural*. Em contraste com as palavras associadas ao possessivo *teu*, encontramos, para *seu*, algumas palavras e expressões do mesmo campo semântico de *formalidade*, como *culto*, *correto*, *alta escolaridade*, *educado* e *língua da escola*. Ao analisar as palavras associadas ao uso de *seu*, é importante notar que as mesmas associações às palavras como comum e natural se repetem, fato que evidencia que ambas as variantes possessivas são percebidas como produtivas na variedade carioca.

Em síntese, as associações realizadas pelos falantes foram, em boa medida, ao encontro das nossas hipóteses, uma vez que foi observado que os cariocas percebem e avaliam as formas possessivas *teu* e *seu* como dissemelhantes. Além disso, também observamos que os falantes são mais sensíveis sociolinguisticamente à forma possessiva *teu*, visto que esta variante foi associada a *significados sociais* diversos e a contextos de uso específicos, apresentando, inclusive, uma nuvem de palavras bem mais densa e preenchida. Em oposição, o possessivo *seu* se apresenta de forma mais neutra e difundida, apresentando, inclusive, uma nuvem de palavras bem menos robusta. Tal comportamento vai na direção do estudo de Pereira (2016), que observou que o possessivo *seu*, na variação possessiva pronominal de 2SG no Rio de Janeiro, se configura como a variante mais neutra e mais bem aceita em diferentes situações comunicativas.

Após o cumprimento desta 1ª etapa, seguimos para a nossa segunda etapa metodológica: a construção e aplicação dos experimentos. Estes serão descritos na sessão a seguir.

#### **4.2. Segunda etapa – elaboração e aplicação dos experimentos**

Nesta seção, iremos especificar pormenorizadamente como ocorreu a construção das tarefas experimentais de julgamento, apresentando tanto a produção do *corpus* utilizado, como também a própria elaboração dos experimentos, sua aplicação e os resultados obtidos através do tratamento estatístico dos dados. O projeto de tais experimentos foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFRJ, tendo sido aprovado sob o registro 70279823.4.0000.5582.

Assumindo a hipótese de que o fenômeno variável dos possessivos *teu* e *seu* de 2SG, nos termos de Labov (2001), ocorre abaixo do nível de consciência dos falantes, fez-se necessário o uso de um controle metodológico bem rigoroso, que pudesse nos servir adequadamente para analisar a percepção dos falantes diante dessas formas possessivas. Isto posto, nesta etapa de investigação, foi adotada a abordagem experimental, segundo a qual foram construídas duas *tarefas de julgamento com escala* (cf. Schütze; Sprouse, 2014). Por esse motivo, apresentamos na sequência um conjunto de elementos que constituem uma espécie de “protocolo” da abordagem experimental em Linguística, ainda que exista, na prática, uma grande variabilidade na maneira como esses elementos podem ser explorados. Segundo Kenedy (2015),

O trabalho experimental em gramática começa com a especificação dos problemas da pesquisa. A partir desse ponto e com base em alguma hipótese de trabalho, o pesquisador formulará alguma previsão comportamental (...). Estabelecida sua previsão, o pesquisador deverá dar continuidade a seu projeto experimental selecionando uma técnica de pesquisa compatível com suas previsões. Logo depois, uma série de especificações metodológicas devem ser cumpridas: o pesquisador definirá a tarefa experimental, delineará as variáveis independentes e dependentes relevantes para a pesquisa, estabelecerá as condições do experimento, formulará estímulos experimentais, selecionará e distribuirá os participantes da tarefa experimental, aplicará o experimento e, finalmente, organizará e interpretará os seus resultados. (Kenedy, 2015, p. 147-148).

Sendo assim, abaixo serão descritos cada um dos passos mencionados. Além disso, com o intuito de exemplificar os elementos que serão listados, utilizaremos a própria tarefa experimental de julgamento criada para esta dissertação, que tem como finalidade analisar as formas possessivas de 2SG *teu* e *seu* no PB, como modelo de orientação.

- Técnicas experimentais

Cada pesquisador, considerando as questões, hipóteses e previsões de seu próprio fenômeno em investigação, precisa definir qual técnica experimental será capaz de atender satisfatoriamente às questões levantadas de sua pesquisa. A escolha da técnica experimental se refere a qual tipo de análise psicométrica o pesquisador deseja utilizar para analisar os aspectos relacionados ao processamento cognitivo do fenômeno investigado. Na área da Psicolinguística, essas técnicas costumam ser divididas em dois grandes grupos: as técnicas de medida *on-line* e as técnicas de medida *off-line*. De acordo com Oliveira (2018), tal separação se diferencia com base na fase do processamento em que as medidas são registradas.

As medidas *on-line* são capturadas *durante* o curso do processamento que está sendo realizado pelos participantes, isto é, as medidas são capturadas no momento no qual os falantes



estão sendo expostos aos estímulos linguísticos. No que tange às medidas *off-line*, estas são contabilizadas *após* o término do processamento linguístico, visando as reflexões conscientes emitidas pelos participantes do experimento. Na presente dissertação, adotamos uma técnica experimental *off-line*, na qual os participantes foram expostos a estímulos sonoros contendo frases em que apareciam os pronomes *teu* e *seu* e depois os julgavam segundo um conjunto de índices estilísticos, tais como *agressividade*, *gentileza* e *masculinidade*. Desse modo, os dados psicométricos obtidos a partir do nosso experimento não refletem uma percepção/reação “instantânea” dos falantes (em termos de custo de processamento, por exemplo), mas ilustra, na verdade, julgamentos e associações feitas após a exposição aos estímulos auditivos.

- Tarefa experimental

A tarefa experimental, como o próprio nome já antecipa, refere-se ao que, de fato, os participantes terão de fazer, a tarefa deles em si. Em grande parte das pesquisas, os indivíduos que são convidados para participar da aplicação dos experimentos não são especialistas em Linguística; logo, é esperado que a tarefa a ser executada por ele seja, preferencialmente, simples, clara e objetiva. Caso contrário, muito provavelmente a alta complexidade da tarefa poderá comprometer os resultados da investigação, a considerar que a dificuldade para realizar a tarefa poderá fazer com que ela não seja realizada da maneira correta.

Considerando os experimentos que foram elaborados para a presente dissertação, os participantes efetuaram as seguintes tarefas: (i) escutaram alguns estímulos sonoros que possuíam duração de dois a três segundos e (ii) julgaram as gravações a partir de um conjunto de índices estilísticos específicos.

- Variáveis controladas

Definir quais variáveis serão controladas dentro de um experimento é uma das partes mais importantes para o desenvolvimento metodológico da investigação, tendo em vista que é a partir desta etapa que o pesquisador irá definir quais serão os fenômenos linguísticos que, consoante a sua hipótese de investigação, despertam um determinado comportamento durante a tarefa experimental. Tradicionalmente, as variáveis de um experimento são divididas entre *variáveis independentes* e *variáveis dependentes*. As variáveis independentes correspondem aos fenômenos estipulados como desencadeadores de certas reações dos participantes. Já as variáveis dependentes são justamente os dados que foram registrados durante a tarefa e que foram traduzidos sob a linguagem de uma medida psicométrica específica.

Sendo assim, a lógica experimental seria, de acordo com Oliveira (2018): a presença da variável independente é responsável por gerar o comportamento que será observado pelos participantes através de uma variável dependente. Tomando como exemplo os experimentos que foram utilizados para a investigação desta dissertação, uma das variáveis independentes é o tipo de pronome possessivo de 2SG: acreditamos que, a depender do tipo de possessivo ouvido, os participantes terão percepções distintas quanto aos estímulos auditivos apresentados. Uma das hipóteses, por exemplo, é que os falantes irão perceber o possessivo *teu* como sendo mais *informal* do que o possessivo *seu*, assumindo que os participantes julgarão os estímulos auditivos que contenham *teu* com as notas mais baixas de uma escala de cinco pontos – a variável dependente deste experimento – para o índice de *formalidade*.

- Condições experimentais

Em termos experimentais, as condições são os níveis que são projetados pelas variáveis independentes controladas pelo pesquisador combinadas entre si. É comum que os pesquisadores controlem mais de uma variável; sendo assim, o desenho do experimento deve contemplar todas as combinações possíveis entre todos os níveis de todas as variáveis envolvidas, gerando como produto dessa multiplicação as condições a serem testadas. Para exemplificar, vamos utilizar as condições experimentais geradas a partir de duas variáveis independentes controladas nos experimentos desta dissertação.

Intencionamos analisar o efeito das variáveis *tipo de pronome possessivo de 2SG* e *sexo/gênero do falante*, haja vista que tínhamos hipóteses relacionadas a elas. Considerando que, respectivamente, a primeira projeta dois níveis (*seu* e *teu*) e a última, tal como foi controlada, também projeta dois níveis (*masculino* e *feminino*), lidamos, então, nos experimentos, com quatro condições, conforme ilustramos no Quadro 4:

<b>Tipo de pronome</b>	<b>Sexo/gênero do falante</b>	<b>Condições</b>
TEU	MASCULINO	TEU-MASC
	FEMININO	TEU-FEM
SEU	MASCULINO	SEU-MASC
	FEMININO	SEU-FEM

**Quadro 4.** Projeção das condições experimentais a partir das variáveis independentes

- Estímulos experimentais e distratores

Os estímulos experimentais são a forma como as condições são apresentadas no decorrer de uma tarefa. Sendo assim, estes podem variar bastante, podendo ser um texto, um morfema, uma imagem ou mesmo um áudio, já que a natureza do estímulo dependerá diretamente de qual fenômeno está sendo investigado e qual técnica foi escolhida pelo pesquisador. No que tange à presente dissertação, optamos por utilizar estímulos auditivos, já que intencionávamos controlar, além da presença das formas possessivas *teu* e *seu*, como os falantes cariocas percebiam esses possessivos a depender da voz de quem locucionou a frase e da entoação utilizada no momento da elocução. Isto posto, tais aspectos só poderiam ser apresentados se utilizássemos um meio fônico de estímulo.

É importante mencionar também que todos os elementos que compõem os estímulos experimentais devem ser cuidadosamente escolhidos pelo pesquisador; tudo tem de ser milimetricamente pensado: o tamanho e o tipo de frase utilizados, a seleção dos nomes e verbos, entre outros fatores. Tal cuidado se faz necessário para que não haja a inclusão acidental de outras variáveis independentes que não estão sendo controladas no experimento. Por exemplo, como intencionávamos controlar a voz do falante a depender de seu sexo/gênero, foi necessário que os falantes locucionassem exatamente a mesma frase dentro dos mesmos contextos prosódicos, para que os possessivos e a voz de quem locucionou fossem os únicos fatores de diferenciação linguística entre os estímulos.

Também segundo Oliveira (2018), é preciso que os itens experimentais estejam embaralhados e sejam exibidos aos participantes em sequências aleatórias. O principal objetivo dessa randomização é evitar uma mecanização das respostas dadas pelos sujeitos, além de reduzir as chances de conscientização acerca do objeto de estudo. Atualmente, muitos softwares utilizados para a programação de experimentos já oferecem a randomização automática, o que garante que cada participante leia os estímulos em uma ordem diferente. O *Qualtrics*, software escolhido para a criação do experimento, realizava a randomização automática. Além disso, essa plataforma nos possibilitou aleatorizar os itens manualmente, visto que, em alguns casos, a randomização automática permitia a apresentação de dois ou três estímulos da mesma natureza em sequência, fato que preferimos evitar para não comprometer os resultados da investigação. Tal possibilidade foi de grande ajuda, já que não queríamos, por exemplo, que os participantes ouvissem dois estímulos com entoação agressiva seguidos.

Outro ponto fundamental do projeto experimental, de acordo com Oliveira (2018), é a formulação de estímulos distratores. Estes consistem na criação de itens semelhantes/idênticos, quanto ao formato geral, aos itens experimentais, mas que não representam nenhuma condição experimental do estudo. Como o próprio nome sugere, os itens distratores servem para

confundir os participantes em relação ao fenômeno sob investigação. Isso evita que eles criem padrões de resposta, algo que pode vir a ocorrer se eles tomam consciência sobre o objeto de estudo do experimento. No entanto, considerando os experimentos aplicados nesta dissertação, optamos por não utilizar estímulos distratores. Tal decisão se deu por diferentes motivos. primeiramente, postulamos que a variação dos pronomes possessivos *teu* e *seu* acontece de maneira sutil e pouco perceptível para os falantes cariocas, já que ela ocorre, nos termos de Labov (2001), abaixo do nível de consciência dos falantes; trata-se, portanto, de uma variável linguística da qual os falantes não costumam ter consciência. Além disso, controlamos muitas variáveis ao mesmo tempo, e tínhamos que utilizar, no mínimo, 24 estímulos auditivos em cada tarefa, considerando o desenho do experimento. Dessa forma, incluir elementos distratores tornaria a tarefa mais extensa e possivelmente cansativa, o que, comprometeria o desempenho dos participantes na resposta da tarefa e, conseqüentemente, a qualidade dos resultados.

- Recrutamento de participantes

Depois da etapa de confecção dos estímulos a serem utilizados e da organização dos mesmos para a aplicação dos experimentos, o pesquisador deve recrutar pessoas para executar o experimento proposto. Considerando a fundamentação sociolinguística desta investigação, levamos em consideração o perfil sociocultural dos participantes (idade, sexo/gênero, naturalidade etc.), com o intuito de evitar que outras variáveis interferissem no experimento. Outra exigência a ser cumprida diz respeito ao termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), “por meio do qual o participante toma ciência da tarefa que irá executar, seus possíveis riscos, e autoriza, por meio de assinatura, a utilização dos dados experimentais gerados durante a tarefa para fins de pesquisa” (Oliveira, 2018, p.128). A apresentação do termo aos participantes deve vir antes da execução da tarefa.

No que se refere à quantidade de participantes necessária, essa ainda é uma questão em aberto nos estudos experimentais. Geralmente, é recomendado que haja o recrutamento de, no mínimo, 20 sujeitos, com variação até 100. É importante lembrar que a complexidade da tarefa, assim como o número de estímulos que serão utilizados no experimento são parâmetros muito importantes na hora de definir a quantidade de participantes necessária para a realização tarefa. Ademais, conforme afirma Oliveira (2018), existem duas possibilidades de distribuição dos participantes considerando as condições experimentais do teste. A primeira, chamada de *distribuição dentre sujeitos* (do inglês, “within-subjects”), consiste na apresentação de todas as condições a todos os sujeitos. Já a segunda possibilidade é denominada como *distribuição entre sujeitos* (do inglês, “between-subjects”), na qual o pesquisador pode preferir, por diferentes

razões, dividir as condições por grupos de participantes, de maneira que cada grupo veja apenas uma condição ou um grupo de condições específicas. Considerando os experimentos elaborados para esta investigação, adotamos o modelo de distribuição *dentre sujeitos*, já que todas as condições foram apresentadas a todos os participantes.

Em suma, os elementos descritos anteriormente são, em essência, aqueles com os quais o pesquisador lida necessariamente durante a montagem do seu projeto experimental. Esses elementos serão retomados detalhadamente nas seções subsequentes deste capítulo, dedicadas à apresentação da montagem dos experimentos.

A seguir, detalharemos os aspectos metodológicos desta pesquisa, visando apresentar todos os procedimentos que foram adotados. Dividimos tal descrição em três fases: 1ª fase, gravação do *corpus*; 2ª fase, elaboração dos experimentos; 3ª fase, aplicação dos experimentos.

#### 4.2.1. 1ª fase – gravação do *corpus*

Antes de descrever como ocorreu a gravação do *corpus* da pesquisa, informamos, que foram realizados dois experimentos baseados na estrutura da *tarefa de julgamento* (cf. Schütze; Sprouse, 2014) *com escala de diferenciais semânticos*. Neles, os participantes foram expostos a estímulos sonoros com enunciados em que ocorriam os pronomes *teu* e *seu* e precisavam julgá-los segundo um conjunto de índices estilísticos, tais como *agressividade*, *gentileza* e *masculinidade*. É válido mencionar, ainda, que as duas tarefas experimentais aplicadas eram compostas por estímulos auditivos diferentes, ainda que possuíssem a mesma configuração.

Os estímulos auditivos que compõem o *corpus* desta pesquisa foram divididos em (i) estímulos sonoros que apresentavam apenas uma forma possessiva (como em “João, *seu* casaco ficou no carro”) e (ii) estímulos sonoros que apresentavam duas vezes a mesma forma possessiva (como em “João, *seu* casaco ficou no *seu* carro”), para que a presença das variantes se tornasse mais saliente. Sendo assim, no primeiro experimento, foram utilizados apenas os estímulos referenciados em (i), e, no segundo experimento, foram utilizados apenas os estímulos referenciados em (ii).

No que se refere ao *corpus* utilizado nos experimentos, este é composto por 48 estímulos auditivos. Na primeira versão do experimento, foram utilizados 24 estímulos, e os outros 24 foram utilizados na segunda versão. Dentre os 24 estímulos de cada tarefa experimental, 12 correspondem a gravações de fala feminina e 12 correspondem a gravações de fala masculina.

Todas as gravações foram realizadas em um ambiente apropriado dentro da própria UFRJ<sup>10</sup>, com isolamento acústico e os aparatos tecnológicos necessários para uma gravação limpa e eficiente.

Para realizar as gravações do *corpus*, foram selecionados dois falantes cariocas<sup>11</sup>, um do sexo masculino, de 26 anos, e uma do sexo feminino, de 28 anos. O falante do sexo masculino é graduando da área de Letras, além de possuir experiência na área de teatro. Já a falante do sexo feminino é doutoranda e professora da área de Letras. A escolha desses falantes se deu por conta dos seguintes motivos: (i) ambos são da mesma área e estão familiarizados com a dinâmica de criação de experimentos linguísticos; (ii) pertencem à mesma faixa etária; (iii) o falante de sexo masculino possuía uma voz mais grave, de *pitch* baixo, característica de vozes prototipicamente masculinas, de acordo com Barbuio (2016); (iv) já a falante de sexo feminino, possuía uma voz mais aguda, tendo um *pitch* mais alto, característica de vozes prototipicamente masculinas, também segundo Barbuio (2016).

Após a gravação dos estímulos, estes receberam tratamento acústico adequado no programa *Praat* (Boersma; Weenink, 2013), sendo devidamente recortados em pedaços menores. Portanto, tais gravações se configuram como dados de natureza controlada, pois foram produzidos a partir de uma fala não-espontânea e atuada, a dita “fala de laboratório”. A seguir, reproduzimos os enunciados que foram gravados pelos falantes<sup>12</sup>:

- (1) Estímulo auditivo do pronome *seu sem* a repetição do pronome  
Ex: João, ***seu*** casaco ficou no carro.
- (2) Estímulo auditivo do pronome *teu sem* a repetição do pronome  
Ex: João, ***teu*** casaco ficou no carro.
- (3) Estímulo auditivo do pronome *sua sem* a repetição do pronome  
Ex: João, ***sua*** camisa ficou na cama.
- (4) Estímulo auditivo do pronome *tua sem a repetição do pronome*  
Ex: João, ***tua*** camisa ficou na cama.
- (5) Estímulo auditivo do pronome *seu com a repetição do pronome*  
Ex: João, ***seu*** casaco ficou no ***seu*** carro.
- (6) Estímulo auditivo do pronome *teu com a repetição do pronome*  
Ex: João, ***teu*** casaco ficou no ***teu*** carro.
- (7) Estímulo auditivo do pronome *sua com a repetição do pronome*  
Ex: João, ***sua*** cama ficou na ***sua*** cama.
- (8) Estímulo auditivo do pronome *tua com a repetição do pronome*  
Ex: João, ***tua*** camisa ficou na ***tua*** cama.

<sup>10</sup> Agradecemos ao Laboratório de Fonética Acústica da UFRJ, coordenado pelo professor João Moraes, pelo auxílio nesta etapa de gravação do *corpus*.

<sup>11</sup> Agradecemos aos falantes voluntários pela gravação dos estímulos utilizados nesta pesquisa. Por questões éticas de confidencialidade, não os citamos nominalmente.

<sup>12</sup> Importante mencionar que a gravação desses enunciados se deu a partir de orientações entoacionais específicas, estas serão devidamente apresentadas na página 65.

Importante mencionar que todas as palavras que compunham os enunciados apresentados foram pensadas previamente: a escolha dos substantivos, do nome próprio e do verbo se deu de maneira planejada. Nosso objetivo era utilizar, para a construção de cada sentença, elementos linguísticos usuais e produtivos na língua, que diminuíssem a possibilidade de gerar qualquer interpretação semântica ambígua por parte dos falantes. Os substantivos selecionados, por exemplo, eram, necessariamente, palavras paroxítonas (casaco, carro, camisa e cama), considerando que o padrão de acentuação paroxítono é o mais comum e o não-marcado, fonologicamente falando, no português brasileiro.

Além disso, todos os substantivos escolhidos também eram compostos pelo padrão silábico mais comum do PB, CV (consoante + vogal, como em ['ka-γu]). Tendo em vista que também estávamos fazendo um controle entoacional das frases, o cuidado com o padrão acentual das palavras selecionadas era necessário. O mesmo cuidado também se aplicou ao realizarmos a flexão de gênero dos enunciados: de forma intencional, contrastamos “casaco” com “camisa”, já que ambos possuem um padrão fonológico similar, além de compartilharem um campo semântico parecido, por pertencerem ao grupo semântico de “roupas”. No que tange à inclusão das formas flexionadas, *sua* e *tua*, fizemos esse controle com a intenção de verificar se suas diferenças estruturais poderiam influenciar os julgamentos dos falantes, já que em *seu* e *teu* temos um monossílabo formado por ditongo decrescente, e em *tua* e *sua* temos um *dissílabo* formado por um hiato. No que se refere ao local onde as roupas foram deixadas, também pensamos em palavras que dividiam uma similaridade estrutural, como “carro” e “cama”, tendo em vista que as duas são dissílabas e, semanticamente, são locais onde as pessoas costumam deixar objetos como casaco e camisa.

Além disso, optamos por elaborar frases com construções sintáticas mais simples. O verbo “ficar”, presente nos enunciados, é um predicador de dois lugares, que, em sua acepção locativa, projeta um argumento externo sujeito e outro argumento preposicionado, que pode ser analisado como complemento circunstancial (cf. Lima, 2011) ou oblíquo (cf. Duarte, 2003). Por fim, pontuamos que o nome “João” também foi escolhido de maneira proposital, tendo em vista que este é um nome próprio bem recorrente no PB. Ademais, é importante dizer que as sentenças foram construídas de modo que fosse possível a inclusão de outro possessivo (no segundo experimento) sem que houvesse grandes modificações na estrutura da sentença construída, a fim de garantir a comparabilidade dos dados.

Dentre as 24 gravações de cada falante, temos: (i) 8 estímulos auditivos gravados com uma entoação *neutra*, (ii) 8 estímulos auditivos gravados com uma entoação *agressiva*, visando a marcação de uma emoção irritada e grosseira e (iii) 8 estímulos auditivos que foram gravados

com uma entoação *gentil*, com a intenção de marcar uma atitude mais delicada e amigável. Tal divisão foi motivada por dois motivos principais. Primeiramente, consideramos os apontamentos que foram feitos pelos próprios falantes cariocas durante a primeira etapa metodológica desta investigação, pois, segundo eles, a entoação do indivíduo, ao locucionar as formas possessivas *teu* e *seu*, poderia ser um fator importante na hora de associar uma das variáveis a índices como *agressividade*, *gentileza* ou *formalidade*. Além disso, após apresentarmos o andamento da presente pesquisa em mais de uma apresentação oral em eventos, colegas pesquisadores da área de prosódia sugeriram esse tipo de controle, pois, segundo eles, muito provavelmente ocorreria uma interação entre as variantes pronominais em análise e fatores suprasegmentais.

Posto isso, já que decidimos controlar a influência dos contextos prosódicos em relação à variação possessiva pronominal *teu* e *seu*, optamos por selecionar dois contextos prosódicos que se diferenciam bastante entre si, no que diz respeito a sua curva prosódica (fato que será evidenciado no capítulo de análise dos resultados), o *agressivo* e o *gentil*. Também incluímos um contexto entoacional *neutro* para que este fosse utilizado como parâmetro de observação e comparação. Nossa intenção, ao utilizar contextos prosódicos diferentes no experimento, era demonstrar que, ainda que os aspectos entoacionais pudessem interferir no julgamento dos falantes, haveria certo grau de cristalização de alguns *significados sociais* nas variantes possessivas, independentemente do contexto no qual elas estivessem inseridas.

Sendo assim, para a gravação dos estímulos, foram entregues aos falantes um roteiro em que estavam as seguintes informações: (i) os enunciados a serem proferidos, (ii) os contextos que situavam os enunciados em situações dialógicas e pragmáticas específicas e (iii) a entoação prosódica pretendida. Tais contextos e entoações pretendidas que constavam nos roteiros cedidos aos dois falantes cariocas serão especificados a seguir:

- a) CONTEXTO NEUTRO-MASCULINO: João está procurando **o casaco** dele. Ele realmente não sabe onde está. Você viu que o casaco está no carro de João e se dirige até ele para avisar. (Contexto utilizado para que o/a falante proferisse o enunciado “João **seu/teu casaco** ficou no carro” de forma neutra, intencionando a marcação de **nenhuma emoção ou atitude específica** através de sua elocução)
- b) CONTEXTO NEUTRO-FEMININO: João está procurando **a camisa** dele. Ele realmente não sabe onde está. Você viu que a camisa está na cama de João e se dirige até ele para avisar. (Contexto utilizado para que o/a falante proferisse o enunciado “João **sua/tua camisa** ficou na cama” de forma neutra, intencionando a marcação de **nenhuma emoção ou atitude específica** através de sua elocução)
- c) CONTEXTO AGRESSIVO-MASCULINO: João é muito relaxado e desatento, nunca guarda as coisas dele no lugar certo e depois fica perguntando a todo mundo onde elas estão. Dessa vez, João está procurando **o casaco** dele. **Irritado(a)** com esse jeito do João, você se dirige a ele para lhe dizer: (Contexto utilizado para que o/a falante proferisse o enunciado “João **seu/teu casaco** ficou no carro” com a intenção de marcar um comportamento emocional **irritado** e **grosseiro** através de sua elocução)



d) CONTEXTO AGRESSIVO-FEMININO: João é muito relaxado e desatento, nunca guarda as coisas dele no lugar certo e depois fica perguntando a todo mundo onde elas estão. Dessa vez, João está procurando **a camisa** dele. **Irritado(a)** com esse jeito do João, você se dirige a ele para lhe dizer: (Contexto utilizado para que o/a falante proferisse o enunciado “João **sua/tua camisa** ficou na cama” com a intenção de marcar um comportamento emocional **irritado** e **grosseiro** através de sua elocução)

e) CONTEXTO GENTIL-MASCULINO: João está atrasado para um compromisso muito importante. Ele está procurando desesperadamente **o casaco** dele, mas não encontra. Isso está deixando João nervoso. Você então decide ajudá-lo a procurar e vê que o casaco está no carro dele. Para tentar acalmá-lo, você o informa **gentilmente**: (Contexto utilizado para que o/a falante proferisse o enunciado “João **seu/teu casaco** ficou no carro” com a intenção de marcar um comportamento emocional **delicado** e **amigável** através de sua elocução)

f) CONTEXTO GENTIL-FEMININO: João está atrasado para um compromisso muito importante. Ele está procurando desesperadamente **a camisa** dele, mas não encontra. Isso está deixando João nervoso. Você então decide ajudá-lo a procurar e vê que a camisa está na cama dele. Para tentar acalmá-lo, você o informa **gentilmente**: (Contexto utilizado para que o/a falante proferisse o enunciado “João **sua/tua camisa** ficou na cama” com a intenção de marcar um comportamento emocional **delicado** e **amigável** através de sua elocução)

A gravação seguiu exatamente a ordem apresentada: primeiro o contexto *neutro*, depois o *agressivo*, e por último o *gentil*. Não queríamos que os contextos *neutro* e *gentil* fossem colocados um após o outro, pois o contexto *gentil* não é tão marcado e perceptível quanto o *agressivo*; logo, este poderia facilmente ser confundido com o *neutro*, e precisávamos que a diferença entre os contextos fosse bem delimitada e explícita nas elocuições produzidas pelos falantes. É válido mencionar também que os falantes só tiveram acesso a essas instruções no dia e no momento da gravação, para que o processo de produção das falas fosse o mais natural e intuitivo possível. Além disso, ressaltamos que em nenhum momento dissemos aos falantes de que forma os enunciados deveriam ser proferidos; apenas entregamos os roteiros com os contextos e pedimos para que lessem e tentassem representar, da forma que eles julgavam adequada, as entoações solicitadas.

Todos os estímulos foram gravados em apenas um dia. Primeiro realizamos a gravação de todos os estímulos em que os possessivos apareciam apenas uma vez e, depois, outra gravação contendo os estímulos em que os possessivos apareciam duas vezes. Ao final das gravações, obtivemos como resultado dois áudios de cada falante, que foram devidamente recortados e tratados através do programa Praat (Boersma; Weenink, 2013).

No momento das gravações, era solicitado que cada um dos falantes proferisse o enunciado pelo menos três vezes. Isso foi solicitado, pois hipotetizávamos que as primeiras elocuições dos enunciados seriam mais ensaiadas, pensadas, forçadas e provavelmente ocorreriam de forma não-natural. Na segunda elocução, acreditávamos que sua produção não receberia tanta atenção e seria menos pensada e mais descontraída. Já na terceira elocução, desconfiávamos que, por ser sua última chance, o falante voltaria novamente toda a sua atenção

para a sua fala e estaria mais uma vez bastante atento e engajado em sua tarefa. Desse modo, foi aproveitada para os experimentos a segunda elocução de cada enunciado.

Antes de nos aprofundarmos na segunda fase da metodologia, cabe tratar de alguns componentes importantes do projeto experimental: as variáveis independentes controladas na pesquisa e as condições derivadas a partir delas.

- Variáveis e condições

Os dois experimentos construídos levaram em consideração as variáveis independentes identificadas abaixo:

- (a) TIPO DE PRONOME POSSESSIVO: *teu* ou *seu*
- (b) SEXO/GÊNERO DOS FALANTES: *masculino* ou *feminino*
- (c) CONTEXTO PROSÓDICO DA GRAVAÇÃO: *agressivo*, *neutro* ou *gentil*
- (d) FLEXÃO DE GÊNERO DO POSSESSIVO: *masculino* ou *feminino*

Considerando que a definição das condições se dá a partir da combinação dos níveis das variáveis, as condições desta investigação foram geradas de duas formas: (i) a partir do cruzamento da variável *tipo de pronome possessivo* com a variável *sexo/gênero dos falantes*, por exemplo, *teu-masculino*; (ii) a partir do cruzamento da variável *tipo de pronome possessivo* com a variável *contexto prosódico da gravação*, originando a condição *teu-agressivo*, por exemplo. Ademais, ressaltamos que a variável mencionada em (d) não foi uma variável de **análise** e sim de **controle**. Posto isso, tal variável não foi utilizada para gerar condições experimentais.

Mencionamos também que as condições mencionadas em (i) foram utilizadas para a análise dos índices *grosseria*, *irritação*, *gentileza*, *delicadeza* e *formalidade*. Já as condições referidas em (ii) foram utilizadas apenas nas análises dos índices de *masculinidade* e *feminilidade*, tendo em vista que esses índices já trazem em si a variável *sexo/gênero dos falantes*. Sendo assim, lidamos com quatro condições experimentais ao analisar os índices *grosseria*, *irritação*, *gentileza*, *delicadeza* e *formalidade*: *teu-masculino*, *teu-feminino*, *seu-masculino* e *seu-feminino*. Já para os índices de *masculinidade* e *feminilidade*, trabalhamos com seis condições experimentais: *teu-neutro*, *teu-agressivo*, *teu-gentil*, *seu-neutro*, *seu-agressivo* e *seu-gentil*.

No que se refere à variável dependente, os experimentos construídos para esta dissertação registraram, como resposta dos participantes, a nota que eles atribuíam para cada

enunciado segundo cada um dos seis índices controlados. As notas eram dadas através da escala Likert de 5 pontos, em que 1 representava a menor nota (grau mais baixo de associação com o índice) e 5, a maior nota (maior grau de associação com o índice avaliado).

Passemos, na próxima subseção, para a etapa de elaboração dos experimentos propriamente dita.

#### 4.2.2 2ª fase – elaboração do experimento

Nesta seção, serão descritas as etapas de elaboração dos experimentos, desde as motivações que determinaram a estrutura dos testes, até a montagem em si. Para desenvolver as *tarefas de julgamento com escala* (cf. Schütze; Sprouse, 2014) utilizamos a plataforma *Qualtrics*, um software de pesquisa que nos permite criar, enviar e analisar pesquisas online. Cada tarefa era composta por 24 questões, número correspondente aos estímulos auditivos gravados.

Um dos aspectos metodológicos mais importantes para o desenvolvimento de uma tarefa de julgamento é a escolha da variável dependente, ou seja, a medida através da qual se registra/captura a reação dos participantes aos estímulos experimentais apresentados. Segundo Schütze e Sprouse (2014), as tarefas de julgamento são divididas em duas grandes categorias: as tarefas *não numéricas* e as tarefas *numéricas*. Enquanto a primeira é programada para capturar as diferenças qualitativas entre as condições, a segunda serve para fornecer informações acerca do tamanho da diferença entre as condições, utilizando uma medida quantitativa.

Temos, como exemplos de testes de julgamento não numéricos, os testes de escolha forçada, nos quais os participantes devem obrigatoriamente escolher uma única opção, ou testes de sim ou não, em que os participantes devem dizer se uma determinada sentença, segundo a sua intuição, seria possível ou não em sua língua. Já como exemplos de testes de julgamento numéricos, temos o teste de julgamento com escala, no qual os participantes atribuem uma nota dentro uma escala específica para exprimir seu julgamento. Dentre as razões que nos levaram a adotar o julgamento por escala, ressaltamos o fato de que este tipo de tarefa é mais sensível do que as tarefas qualitativas no que diz respeito ao tamanho das diferenças entre as condições (Schütze, Sprouse, 2013).

Como intencionamos controlar medidas subjetivas, foi preciso que adotássemos uma ferramenta que pudesse traduzir os dados que foram registrados durante a tarefa em uma linguagem de medida psicométrica que pudesse ser analisada de forma estatística. Sendo assim, escolhemos, como ferramenta de captação dos julgamentos, a escala Likert (Likert, 1932) de

cinco pontos. Acreditamos que um julgamento dicotômico, do tipo sim ou não, poderia gerar um resultado no qual não houvesse diferenças significativas entre os níveis das variáveis independentes em questão. Entretanto, reconhecemos as limitações da tarefa numérica, considerando que é impossível garantir que todos os indivíduos utilizem corretamente a escala de notas, não a transformando, por exemplo, em um simples teste qualitativo, em que os participantes iriam atribuir em todas as condições apenas as notas mais altas ou as mais baixas.

Diante desse risco, alguns procedimentos foram adotados a fim de minimizar a utilização equivocada da escala: (i) foram dadas algumas orientações para o participante antes de sua participação na realização do experimento e (ii) foram inseridos comandos em cada uma das questões dos testes, indicando o que cada ponto significava dentro da escala. Tal escala deveria ser interpretada da seguinte maneira: o ponto (1) correspondia à associação mínima do índice apresentado com o áudio ouvido; o ponto (2) pouca associação em relação ao índice apresentado com o áudio ouvido; o ponto (3) correspondia a uma associação neutra ou “indiferente” quanto ao índice em questão; o ponto (4) correspondia a uma associação notável entre o índice e o áudio; por fim, o ponto (5) correspondia à associação máxima do índice com o áudio.

Juntamente da escala, foram colocados seis índices que nos auxiliaram na captação das medidas subjetivas. Tais índices correspondiam aos significados sociais que poderiam estar vinculados ao uso das estratégias possessivas *teu* e *seu*: *grosseria*, *gentileza*, *masculinidade/feminilidade*, *delicadeza*, *irritação* e *formalidade*. Vejamos na figura 4 a disposição de todos os elementos citados anteriormente, dos estímulos auditivos e dos índices sociais dispostos juntamente das escalas *Likert*:

Primeiro, clique no áudio abaixo para ouvi-lo. Recomendamos que você ouça cada áudio, no máximo, 3 vezes.

▶ 0:00 / 0:01 — 🔊 ⋮

Para você, essa pessoa parece ser...

	POUCO 1	2	3	4	MUITO 5
GROSSEIRA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
GENTIL	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
MASCULINA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
DELICADA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
IRRITADA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
FORMAL	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**Figura 4.** Tela dos índices dos experimentos

Considerando os apontamentos levantados pelos próprios falantes cariocas a partir da primeira etapa metodológica de nossa investigação, os três primeiros índices selecionados para compor os experimentos foram *grosseria*, *formalidade* e *masculinidade*. Tendo em vista que os falantes cariocas apontaram que *teu* poderia estar associado a uma questão de *registro*, escolhemos controlar o índice de *formalidade*. Além disso, como também associaram o uso de *teu* a uma questão de *animosidade* do falante, selecionamos o índice *grosseria* para controle. E, por fim, como os falantes também associaram o uso desse possessivo ao sexo *masculino*, colocamos o índice de *masculinidade*.

Quanto aos índices *gentileza* e *feminilidade*, estes foram inclusos por serem contrapartes dos índices *grosseria* e *masculinidade*, respectivamente. Era de suma importância que houvesse também o controle de tais índices, para que observássemos se os possessivos iriam ser associados a significados sociais contrapostos. No que tange à escolha dos índices *grosseria* e *irritação*, essa se deu a partir das respostas obtidas através das abordagens realizadas na primeira etapa metodológica, a considerar que nesta foi possível perceber que muitos falantes associavam a variante *teu* a uma fala nervosa, agressiva e mesmo pejorativa. Já o controle dos índices *gentileza* e *delicadeza* foi realizado pelo motivo oposto, pois, através desses, intencionávamos, além de observar se os falantes poderiam ser percebidos como menos gentis e delicados quando utilizassem o possessivo *teu*, investigar se os falantes poderiam ser percebidos como mais gentis e delicados quando utilizassem o possessivo *seu*.

Quanto à investigação dos índices de *masculinidade* e *feminilidade*, consideramos que seria essencial o controle de ambos, tendo em vista que existem diferentes estudos sociolinguísticos que identificam a variável *sexo/gênero* como um fator significativo para processos variáveis de diferentes níveis. Além disso, outros trabalhos que analisaram o fenômeno em questão, como Soares (1999), Arduin (2005), Pereira (2016) e Tosi (2021), também apontaram tal variável como relevante. Segundo esses autores, o sexo dos falantes condiciona o uso das formas possessivas *teu* e *seu*, levando à preferência de uma variante em detrimento de outra. Posto isso, no que se refere à variável *sexo/gênero*, hipotetizávamos que os resultados de percepção poderiam se aproximar dos resultados das pesquisas de produção. Além disso, também temos como motivador para o controle desses índices os apontamentos realizados pelos falantes cariocas na primeira etapa desta investigação, considerando que alguns falantes fizeram uma divisão dicotômica entre *teu* sendo associado a uma performance *masculina* e o *seu* associado a uma performance *feminina*.

Por fim, fizemos o controle do índice de *formalidade*. Verificar a influência deste índice se fez necessário por duas razões distintas: (i) primeiramente, consideramos os apontamentos realizados em nossa primeira etapa metodológica, tendo em vista que os falantes cariocas associaram o uso do possessivo *teu* a uma fala mais *informal*; (ii) além disso, queremos comparar os resultados de percepção que serão coletados, com os resultados de alguns trabalhos de produção, como os de Pereira (2016) e Tosi (2021), que postularam que o possessivo *teu* é mais produtivo nos contextos dialógicos informais. Sendo assim, pretendemos, a partir da análise deste índice, atestar se, no campo da percepção, a variante *teu* também seria associada à *informalidade*.

#### 4.2.3. 3ª fase – aplicação do experimento

Nesta seção, descreveremos as decisões a respeito da aplicação dos experimentos. Comentaremos sobre o local onde ocorreu a aplicação das tarefas, quais eram as características dos participantes selecionados e quais foram as exigências para essa seleção. Justificaremos, ainda, o método escolhido para a aplicação dos experimentos.

Primeiramente, ressaltamos que a aplicação dos experimentos ocorreu de maneira presencial, dentro da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tal forma de aplicação se fez necessária, pois intencionávamos controlar não só o perfil dos falantes que realizariam os testes, mas também a forma como esses participantes iriam realizar os experimentos. Sabíamos que não optar por uma aplicação on-line reduziria o número de participantes, tendo em vista que divulgar o experimento on-line poderia atrair um número maior de participantes, já que as pessoas poderiam realizar o experimento quando e como quisessem. Além disso, outras limitações não existiriam. Por exemplo, tivemos que aplicar os experimentos para duas pessoas por vez, considerando a quantidade de computadores disponíveis e o espaço do laboratório utilizado. Se tivéssemos optado por divulgar nosso experimento nos veículos online, mais pessoas poderiam realizá-los simultaneamente, a partir da página do experimento gerada pelo *Qualtrics*.

Entretanto, divulgar o experimento em páginas on-line poderia atrair um grande número de pessoas que não necessariamente se enquadrariam em nossas exigências (que serão descritas em breve). Além disso, não poderíamos saber se essas pessoas realizariam o experimento em locais adequados e sem a interrupção e influência de fatores externos. Tendo em vista que a tarefa experimental escolhida visa coletar julgamentos mais subjetivos, o ideal é que os experimentos fossem aplicados em um ambiente devidamente controlado e isolado, dificultando a possibilidade de eventuais interferências externas.

Para realizar a seleção dos participantes, tínhamos algumas exigências específicas e definimos que os participantes deveriam ser, necessariamente: (i) falantes naturais da cidade do Rio de Janeiro; (ii) calouros da Faculdade de Letras; (iii) se não calouros de Letras, qualquer pessoa que não tivesse nenhuma formação na área de linguagens. No que diz respeito à primeira exigência (i), considerando que nossa investigação se propõe a analisar a percepção dos falantes diante da variação dos possessivos *teu* e *seu*, especificamente, na variedade carioca, não seria interessante (ao menos, no estágio atual da pesquisa) aplicar os experimentos a falantes que não fossem cariocas.

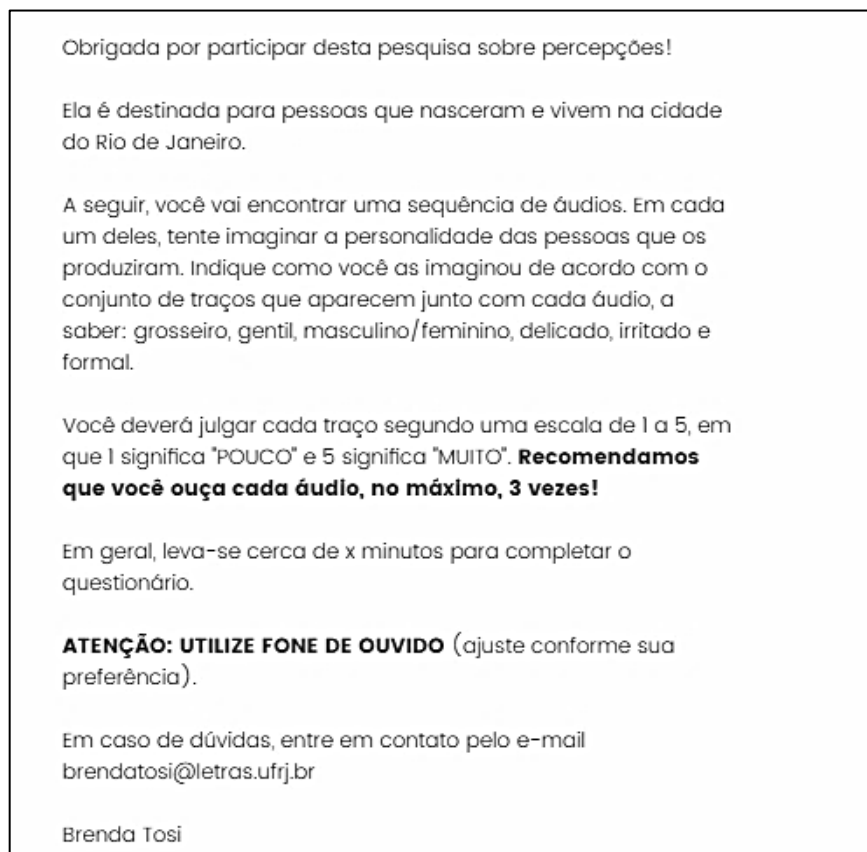
Quanto à segunda exigência mencionada, na Psicolinguística, segundo Oliveira (2018), a participação de estudantes de Letras nas tarefas experimentais não costuma ser algo recomendado, pois acredita-se, de acordo com o autor “que eles podem ter seu desempenho linguístico alterado devido a uma maior consciência metalinguística e/ou maior atenção à norma culta” (Oliveira, 2018, p. 144). Posto isso, optamos por selecionar como participantes apenas os calouros da Faculdade de Letras ou pessoas que não eram da área de Letras. Inclusive, selecionar calouros de Letras foi muito oportuno, tendo em vista que estávamos realizando a aplicação dos experimentos no próprio prédio da Faculdade de Letras. Sendo assim, conseguimos um bom número de participantes de maneira rápida, construindo uma amostra robusta e relativamente homogênea, tendo em vista que os participantes eram, em sua maioria, jovens e calouros de uma mesma instituição.

Vale ressaltar, ainda, que os dois experimentos foram aplicados separadamente, considerando o tempo total do cumprimento da tarefa. Nosso *corpus* é composto por 48 gravações, e utilizar todos os estímulos sonoros em um único teste tornaria a tarefa mais demorada e exaustiva. Nossa intenção era fazer com que o tempo total de duração do experimento não causasse desgaste excessivo nos participantes, o que, muito provavelmente, comprometeria nossos resultados. No total, 52 sujeitos participaram dos experimentos, sendo 24 homens e 28 mulheres. Tivemos 25 participantes no primeiro experimento, sendo 11 homens e 14 mulheres. O segundo experimento foi aplicado para um total de 27 falantes, sendo 14 mulheres e 13 homens. A idade dos participantes variava de 18 a 54 anos, mas a maioria era jovem e tinha entre 18 e 25 anos.

Para a aplicação presencial dos experimentos, utilizamos o laboratório de pesquisa da Faculdade de Letras, situado na sala F316, no qual atuam diferentes professores e pesquisadores da unidade. Os dois computadores utilizados para a realização dos experimentos também pertencem ao referido laboratório. Eram chamados para a realização do experimento dois alunos por vez, e cada um ocupava um dos computadores. Antes de iniciarem, informávamos

aos participantes alguns aspectos particulares da tarefa, como a sua duração, seu funcionamento e como eles deveriam utilizar as escalas para exprimir seus julgamentos. Além disso, pedíamos para que eles não se comunicassem entre si durante sua tarefa, nem trocassem opiniões acerca de suas impressões no momento da realização mesma, já que isso poderia atrapalhar o desempenho e a atribuição de seus próprios julgamentos avaliativos.

Vale mencionar também que, durante a realização do experimento, os participantes ficavam sozinhos na sala, para que eles não se sentissem observados ou pressionados durante a tarefa. Para a devida realização da tarefa, era solicitado que cada um dos participantes utilizasse fones de ouvido, modelo *headphone*, disponibilizados no local de aplicação. Para finalizar, ilustramos nas figuras 5 e 6 a estrutura dos experimentos. Primeiro, temos na figura 5 a tela inicial dos experimentos. Nela é possível ver o texto informativo que explicava de forma breve o funcionamento de toda a tarefa e algumas instruções. Logo após esse texto, o experimento se iniciava:



**Figura 5.** Tela principal e inicial dos experimentos

Ao final do experimento, solicitávamos que os participantes fornecessem algumas informações sociodemográficas básicas, como idade e sexo/gênero. Estas nos auxiliariam no



agrupamento dos julgamentos e na análise dos dados. Por fim, vejamos a última tela visualizada pelos participantes na figura 6:

Para finalizar, informe os seguintes dados:

**IDADE**

**SEXO/GÊNERO**

**Figura 6.** Tela final dos experimentos

De maneira geral, todos os participantes que se voluntariaram a participar dos experimentos conseguiram cumprir a tarefa sem dificuldades. Vários deles, após o término do experimento, declararam que a tarefa era bastante simples e intuitiva. No que se refere ao tempo médio de execução da tarefa, registramos que cada participante utilizou, em média, 15 minutos para completar os experimentos.

Antes de avançarmos para a análise dos resultados, encerramos o presente capítulo de metodologia enumerando as questões, hipóteses e previsões que nortearam e embasaram a construção e aplicação dos experimentos.

### 4.3 Questões, hipóteses e previsões

Os experimentos de julgamento com escala foram projetados a fim de fornecer evidências empíricas para responder as seguintes questões de pesquisa:

- (i) Os falantes cariocas percebem e avaliam as formas possessivas *teu* e *seu* de maneiras distintas?
- (ii) Os falantes cariocas percebem *teu* como uma variante mais *informal* do que *seu*?
- (iii) Quais são os significados sociais que são indexicalizados à variante *teu*?
- (iv) A variante *teu* é associada a uma performance de masculinidade?
- (v) A variável *contexto prosódico* influencia a percepção das variantes *teu* e *seu*?
- (vi) A repetição das variantes no mesmo enunciado salienta seus significados sociais?

A partir dessas questões pontuadas, formulamos algumas hipóteses:

- (i) Os falantes cariocas percebem e avaliam as formas possessivas *teu* e *seu* de maneiras distintas, sendo mais sensíveis sociolinguisticamente à presença da variante *teu*.
- (ii) Os falantes cariocas percebem *teu* como uma variante mais *informal* do que *seu*.
- (iii) O pronome *teu* indexa significados sociais diversos e é percebido como a variante mais *grosseira* e *irritada*, ou como a menos *gentil* e *delicada*.
- (iv) A variante *teu* indexa *masculinidade* à performance linguística dos falantes.
- (v) Os diferentes contextos prosódicos reforçam, enfatizam ou amenizam os significados sociais associados às variantes possessivas.
- (vi) Tendo em vista o baixo nível de consciência do fenômeno variável em estudo, a repetição de uma mesma variante dentro do enunciado salienta sua percepção e, conseqüentemente, seus significados sociais indexados.

Das referidas hipóteses, projetamos as previsões experimentais listadas abaixo:

- (i) Os participantes irão avaliar os enunciados com os pronomes *teu* e *seu* de maneira distinta, registrando diferentes padrões de notas atribuídas através da escala de cinco pontos;
- (ii) Quanto ao índice de *formalidade*, os participantes atribuirão notas mais baixas na escala para os enunciados com a variante *teu*;
- (iii) Quanto aos índices *grosseria* e *irritação*, os participantes atribuirão notas mais altas para os enunciados com *teu*; já em relação aos índices *gentileza* e *delicadeza*, os participantes atribuirão notas mais baixas para os áudios com esta variante;
- (iv) Quanto ao índice de *masculinidade*, os participantes atribuirão notas mais altas para os enunciados contendo o pronome *teu*;
- (v) Os significados sociais indexados às variantes possessivas serão evidenciados no contexto neutro, enfatizados no contexto agressivo e neutralizados no contexto gentil.
- (vi) Os padrões de notas atribuídas e de associação aos índices no primeiro experimento (em que as variantes só aparecem uma vez dentro do enunciado) serão reforçados no segundo experimento (com a repetição das variantes possessivas dentro do enunciado ouvido).

## 5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a aplicação dos experimentos, os julgamentos emitidos pelos participantes foram organizados em planilhas do programa Excel e receberam tratamento estatístico através da plataforma R. No geral, foram realizadas quatro rodadas de análises: (i) *rodada geral*, na qual foram considerados todos os julgamentos dos participantes e os estímulos auditivos foram separados considerando o sexo/gênero dos falantes da gravação; (ii) *rodada dos pronomes*, na qual foram considerados todos os julgamentos realizados pelos participantes acerca da variável independente *tipo de pronome possessivo*; (iii) *rodada dos julgamentos das participantes mulheres*, em que foram consideradas apenas as respostas atribuídas pelas participantes do sexo feminino; (iv) *rodada dos julgamentos dos participantes homens*, em que foram consideradas apenas as respostas atribuídas pelos participantes do sexo masculino.

Em cada seção, serão expostos os resultados obtidos através da *rodada geral* de cada índice. No que diz respeito às outras três rodadas, estas só serão descritas nos contextos em que houver resultados estatisticamente relevantes<sup>13</sup>. Importante dizer, ainda, o motivo pelo qual foram realizadas diferentes rodadas, posto que essas recobriam propostas distintas. No que se refere a *rodada dos pronomes*, esta priorizou a análise da variável independente *tipo de pronome possessivo*, e através dela intencionávamos observar se essas variantes seriam percebidas e avaliadas de maneira distinta independentemente dos aspectos suprasegmentais (voz do falante e contexto prosódico) que também estavam sendo controlados. Já a divisão das rodadas considerando o sexo/gênero dos participantes, esta foi feita após percebermos diferenças nos padrões de notas atribuídas por homens e mulheres. Notamos que as participantes do sexo feminino atribuíam aos índices notas mais coesas entre si, já os homens acabavam por atribuir notas mais dispersas, não demonstrando muita coesão em seus julgamentos, e isso influenciava a leitura do resultado geral em alguns índices.

Com o intuito de facilitar a leitura dos *boxplots* (“gráficos de caixa”) que serão apresentados nas seções subsequentes, identificaremos, primeiramente, os elementos e os termos que aparecem neles. Esse tipo de gráfico permite visualizar a concentração e a dispersão dos julgamentos dos participantes segundo a escala de notas adotada. Quanto aos elementos presentes nos gráficos: as caixas verticais representam a concentração das notas; as barras horizontais de cada caixa indicam onde se situam os limites de 25%, 50% e 75% das medições

---

<sup>13</sup> Utilizamos, na etapa de estatística inferencial, o teste de Kruskal-Wallis para verificar se havia diferenças significativas entre as condições. Trata-se de um teste não paramétrico que permite a comparação entre três ou mais amostras independentes. O referido teste é recomendado para tarefas experimentais que lidam com variáveis dependentes ordinais, como é o caso da escala de cinco pontos utilizada.

dos quartis, sendo estes, respectivamente, primeiro, segundo e terceiro quartil; as barras horizontais que delimitam o fim das linhas tracejadas marcam a dispersão das notas; a linha preta mais espessa (em negrito) representa a mediana; o valor numérico presente nas caixas indica o valor da média; por fim, os pequenos círculos vazados que aparecem em alguns gráficos, sinalizam os valores atípicos (*outliers*), ou seja, notas que destoam bastante do padrão de notas registradas.

Podemos observar também, na lateral esquerda dos gráficos, a escala de notas que representa a escala Likert utilizada para captar os julgamentos nos experimentos. Esta, na maioria dos gráficos, vai de um a cinco; porém, em alguns gráficos, esta aparecerá com uma dimensão menor, como de um a quatro, por conta da ausência de notas atribuídas no ponto 5. No que diz respeito aos termos presentes na parte inferior dos gráficos, abaixo das caixas, estes rotulam as condições experimentais. Assim, *seu-fem* corresponde aos estímulos auditivos nos quais a falante do sexo feminino produzia o possessivo *seu* ou *sua*. Já *seu-masc* corresponde aos estímulos auditivos nos quais o falante do sexo masculino produzia o possessivo *seu* ou *sua*. O mesmo raciocínio se aplica para os rótulos *teu-fem* e *teu-masc*. Por fim, sigamos então à análise dos resultados.

## 5.1. Resultados

Contrariando as nossas previsões, verificamos que os resultados do segundo experimento (com a repetição dos pronomes possessivos dentro dos enunciados) foram bem similares aos resultados obtidos no primeiro experimento<sup>14</sup> (sem repetição dos pronomes). Sendo assim, optamos por apresentar e debater os resultados de ambos os experimentos em conjunto. Dividimos a apresentação dos resultados segundo os contextos prosódicos controlados: contexto *neutro*, contexto *agressivo* e contexto *gentil*. Quanto à ordem de apreciação dos índices estilísticos investigados, primeiramente exploraremos os resultados obtidos a partir dos índices *grosseria/irritação* e *gentileza/delicadeza*, que serão analisados em pares. Depois, exploraremos os resultados obtidos a partir do índice de *formalidade*.

No que diz respeito aos índices de *masculinidade* e *feminilidade*, esses serão observados sob uma ótica distinta, já que a lógica de análise dos outros índices considerou o sexo/gênero dos falantes que gravaram os estímulos auditivos. Neste caso, essa divisão não se aplica, tendo

---

<sup>14</sup> Ainda que tenhamos observado essa similaridade entre os resultados na maioria dos casos, notamos também que em alguns contextos específicos a repetição das variantes em um mesmo enunciado parece ter influenciado a percepção e a avaliação dos falantes. Ressaltamos que, no decorrer dessa dissertação, tais casos serão sinalizados, inclusive. Entretanto, decidimos por não realizar uma rodada estatística que controlasse o efeito dessa variável, mas pretendemos fazê-la futuramente, em uma outra investigação.

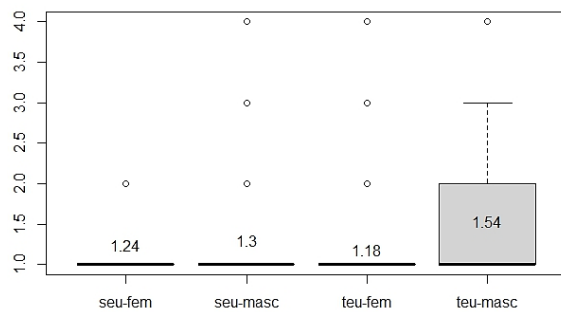
em vista que o índice de *masculinidade* só foi analisado quando os estímulos auditivos foram gravados pelo falante do sexo masculino; seguindo a mesma lógica, o índice de *feminilidade* só foi avaliado quando os estímulos auditivos foram gravados pela falante do sexo feminino. Isto posto, tais índices serão apresentados ao final da descrição dos resultados, a considerar que eles reúnem todos os contextos prosódicos em um único gráfico.

### 5.1.1 Contexto *neutro*

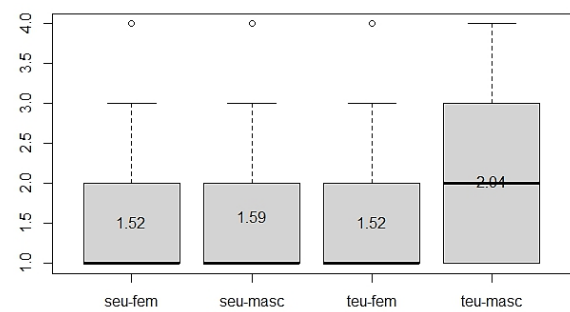
Nesta seção, serão considerados os julgamentos realizados pelos participantes quando estes avaliaram os possessivos *teu* e *seu* nos estímulos sonoros de entoação *neutra*.

#### 5.1.1.1 Índices *grosseria* e *irritação*

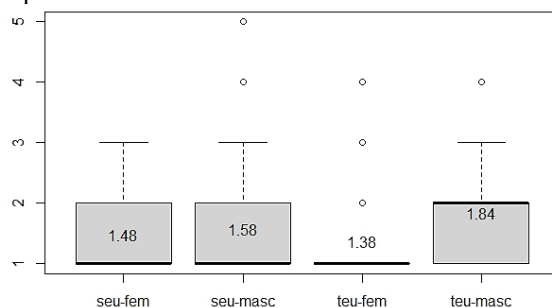
Aqui, discorreremos acerca dos julgamentos realizados para os índices de *grosseria* e *irritação*. Considerando tais índices, vejamos, nos gráficos 3, 4, 5 e 6, a distribuição das notas atribuídas pelos participantes nos dois experimentos aplicados:



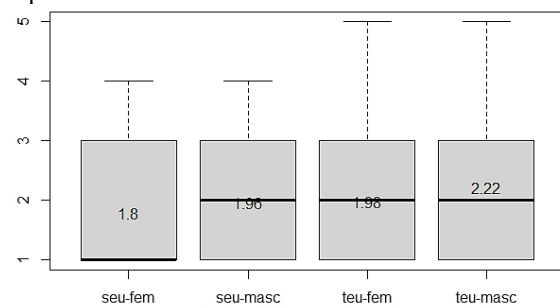
**Gráfico 3.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *grosseria* no contexto *neutro* no primeiro experimento.



**Gráfico 4.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *grosseria* no contexto *neutro* no segundo experimento.



**Gráfico 5.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *irritação* no contexto *neutro* no primeiro experimento.



**Gráfico 6.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *irritação* no contexto *neutro* no segundo experimento.

Como podemos verificar a partir dos gráficos<sup>15</sup>, a condição *teu-masc*, em todos os cenários apresentados, foi sempre percebida como a mais *grosseira* e mais *irritada*. No primeiro experimento, considerando o índice de *grosseria*, essa condição registrou sua menor média (1.54), obtendo uma mediana 1. Entretanto, neste mesmo contexto, vemos que a concentração de notas se situa entre os pontos 1 e 2 da escala, com a linha de dispersão alcançando o ponto 3, enquanto as outras condições (*seu-fem* (média 1.24), *seu-masc* (média 1.3) e *teu-fem* (média 1.18)) nem sequer exibem dispersão de notas, se concentrando no ponto mínimo da escala (1).

No que tange à condição *teu-masc* no segundo experimento, também considerando o índice de *grosseria*, vemos que esta apresenta uma média de 2.04 e uma mediana 2, diferentemente de todas as outras condições, que apresentam uma mediana 1 (*seu-fem* (média 1.52), *seu-masc* (média 1.59) e *teu-fem* (média 1.52) e possuem um limite superior de dispersão de notas até o ponto 3 da escala. Já o limite superior de dispersão da condição *teu-masc* alcança o ponto 4, com concentração de notas até o ponto 3.

Passando para o índice irritação, notamos que a condição *teu-masc*, no primeiro experimento, apresenta média de 1.84 e mediana 2, diferentemente das demais condições, que exibem mediana 1 e médias também mais baixas (*seu-fem*: 1.48, *seu-masc*: 1.58 e *teu-fem*: 1.38). Quanto aos valores de dispersão, nas condições *seu-fem*, *seu-masc* e *teu-masc* é possível verificar o limite posicionado no ponto 3 da escala, e a condição *teu-fem* é a única que não apresenta dispersão de notas.

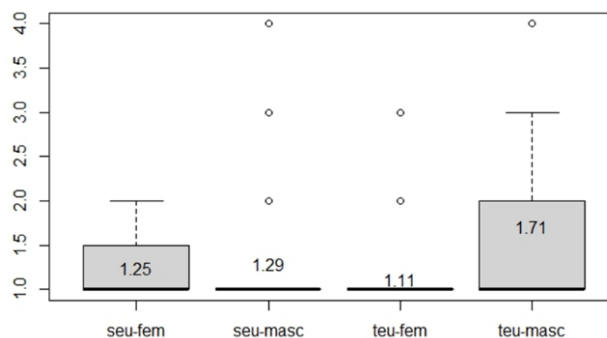
Ainda sobre o índice *irritação*, mas agora no segundo experimento, verificamos que a condição *teu-masc* apresenta sua maior média (2.22), tendo em vista os valores de média desta mesma condição nos dois índices em questão. Aqui, essa condição registra uma mediana 2 e seu limite superior de dispersão vai até o ponto máximo da escala (5). Quanto às outras condições, *seu-fem* é a única que registra mediana 1 (média 1.8), com o seu limite de dispersão posicionado no ponto 4 da escala, enquanto as outras duas apresentam mediana 2: *seu-masc* com média 1.96 e limite superior no ponto 4 e *teu-fem* com média 1.98 e limite superior no ponto 5).

---

<sup>15</sup> Comparando os resultados obtidos a partir dos índices *grosseria* e *irritação* no contexto neutro, é possível observar uma notável diferença entre o padrão das notas atribuídas para as condições no primeiro experimento e no segundo experimento, visto que os gráficos exibem uma distribuição de notas bem diferente. Neste caso, hipotetizamos que a repetição das variantes dentro do enunciado influenciou a percepção e avaliação dos falantes carioca, posto que no segundo experimento a condição *teu-masc* parece ter sido avaliada como mais *grosseira*, e as condições *seu-masc* e *teu-fem* como mais *irritadas*, quando comparamos esses resultados com os que foram obtidos a partir do primeiro experimento. Contudo, válido dizer novamente que essas diferenças entre os dois experimentos não foram verificadas estatisticamente nessa presente investigação.

Em síntese, considerando esses quatro contextos, é possível dizer que o comportamento da condição *teu-masc* vai ao encontro do que esperávamos, tendo em vista que essa foi percebida pelos participantes como a condição mais *grosseira* e *irritada* dentre as demais. Ao submetermos esses resultados à análise estatística, a fim de verificar se as diferenças observadas são significativas, constatamos que: quanto ao índice de *grosseria*, há diferenças estatisticamente relevantes tanto no primeiro experimento ( $\chi^2 = 10,06$ ,  $p < 0,05$ ), quanto no segundo ( $\chi^2 = 14,50$ ,  $p < 0,01$ ); quanto ao índice *irritação*, há diferenças significativas no primeiro experimento ( $\chi^2 = 8,83$ ,  $p < 0,05$ ), mas não no segundo ( $\chi^2 = 4,91$ ,  $p = 0,18$ ).

Considerando os resultados estatísticos para o índice de *grosseria* no primeiro experimento, na *rodada geral*, verificamos que apenas as diferenças observadas entre as condições *teu-fem* – *teu-masc* foi significativa ( $\chi^2 = 3,15$ ,  $p < 0,05$ ). Entretanto, na *rodada dos julgamentos das participantes mulheres*, encontramos outras comparações de condições estatisticamente relevantes. São elas: *seu-masc* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 2,91$ ,  $p < 0,05$ ) e *teu-fem* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 3,68$ ,  $p < 0,01$ ). O gráfico 7 apresenta a distribuição das notas atribuídas somente pelas participantes do sexo/gênero feminino para o índice de *grosseria*:



**Gráfico 7.** Distribuição das notas atribuídas pelas participantes do sexo/gênero feminino para o índice *grosseria* no contexto *neutro* do primeiro experimento.

É possível verificar que a condição *teu-masc* foi percebida como a mais *grosseira*, obtendo a maior média (1.71) dentre as demais. É válido mencionar também que, nesse cenário, essa condição é a única que apresenta a linha que indica o terceiro quartil situada no ponto 2 da escala, mostrando que houve uma concentração de julgamentos entre os pontos 1 e 2 da escala. As outras, em contrapartida, sequer apresentam uma linha de terceiro quartil (*seu-masc* e *teu-fem*), e a que apresenta (*seu-fem*) se posiciona no ponto 1,5 da escala. Além disso, a condição *teu-masc* também apresenta um limite superior de dispersão que vai até o ponto 3 da escala. Já a condição *seu-fem* possui um limite superior que vai apenas até o ponto 2 da escala, e as outras duas outras condições não apresentam nenhuma dispersão de notas. Por fim, pontuamos

também que todas as condições apresentam mediana em 1, porém com médias distintas (*seu-fem*: 1.25, *seu-masc*: 1.29, *teu-fem*: 1.11 e *teu-masc*: 1.71).

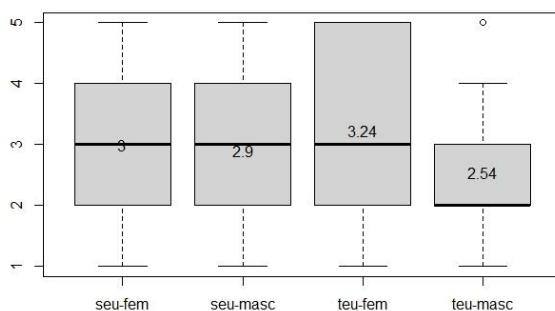
No que diz respeito aos resultados estatísticos do índice *grosseria* na *rodada geral* do segundo experimento, foram selecionados como estatisticamente relevantes três pares de condições: *seu-fem* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 3,36$ ,  $p < 0,01$ ), *seu-masc* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 2,68$ ,  $p < 0,05$ ) e *teu-fem* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 3,36$ ,  $p < 0,01$ ). Com isso, é possível dizer, em termos relativos, que os participantes cariocas perceberam o possessivo *teu* produzido pelo falante homem (*teu-masc*) como mais *grosseiro* do que: (i) o *seu* locucionado por uma mulher (*seu-fem*); (ii) o *seu* locucionado por um homem (*seu-masc*); (iii) o *teu* locucionado por uma mulher (*teu-fem*).

Quanto ao índice de *irritação*, apenas as diferenças observadas no primeiro experimento foram estatisticamente relevantes ( $\chi^2 = 8,83$ ,  $p < 0,05$ ). A partir disso, verificamos na *rodada geral* que houve significância em um par de condições: *teu-fem* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 2,95$ ,  $p < 0,05$ ). A partir desse resultado, podemos dizer que os participantes perceberam o possessivo *teu* locucionado por um homem (*teu-masc*) como mais *irritado* do que o *teu* locucionado por uma mulher.

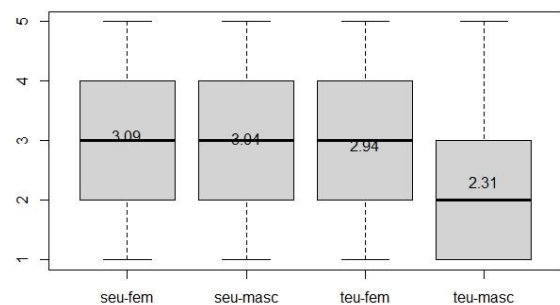
Com isso, unindo os resultados estatísticos dos dois índices analisados (*grosseria* e *irritação*), vemos que o possessivo *teu*, quando locucionado por um homem dentro do contexto prosódico *neutro*, foi percebido como mais *grosseiro* dentre as demais condições, e mais *irritado* quando comparado com a condição *teu-fem*.

#### 5.1.1.2 Índices *gentileza* e *delicadeza*

Nesta subseção, discutiremos acerca dos julgamentos que foram realizados para os índices *gentileza* e *delicadeza*. Considerando esses índices, analisemos os gráficos 8, 9, 10 e 11, que representam a distribuição das notas que foram atribuídas pelos participantes:

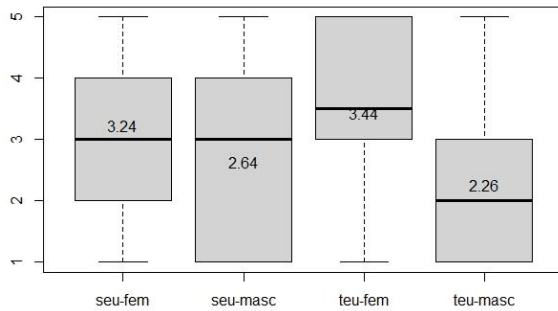


**Gráfico 8.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *gentileza* no contexto *neutro* no primeiro experimento.

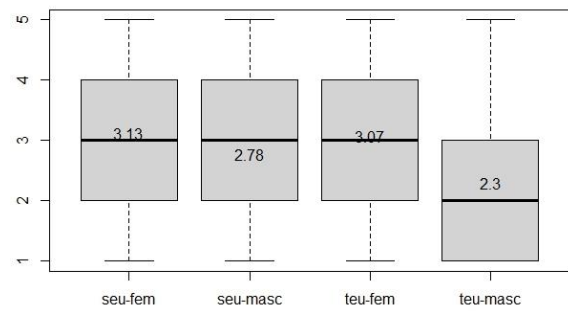


**Gráfico 9.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *gentileza* no contexto *neutro* no segundo experimento.





**Gráfico 10.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *delicadeza* no contexto *neutro* no primeiro experimento.



**Gráfico 11.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *delicadeza* no contexto *neutro* no segundo experimento.

Como é possível verificar nos gráficos 8, 9, 10 e 11, a condição *teu-masc*, considerando todos os cenários apresentados, foi sempre percebida como a condição menos *gentil e delicada*. No primeiro experimento, considerando o índice de *gentileza*, essa condição registrou sua maior média (2.54), obtendo uma mediana 2. Neste mesmo contexto, seu limite superior de dispersão de notas alcança o ponto 4 da escala e seu limite inferior vai até o ponto 1 da escala. Já as outras condições (*seu-fem* (média 3), *seu-masc* (média 2.9) e *teu-fem* (média 3.24)) apresentaram uma mediana 3. Quanto aos limites de dispersão de notas, as condições *seu-fem*, *seu-masc* e *teu-fem* exibem um limite inferior até a nota 1, e apenas *seu-fem* e *seu-masc* apresentam também um limite superior até a nota 5, enquanto a condição *teu-fem* não apresenta nenhum limite superior de dispersão, apenas o inferior.

No que tange à distribuição de notas da condição *teu-masc* no segundo experimento, também considerando o índice de *gentileza*, esta apresenta uma média de 2.31 e uma mediana 2, diferentemente de todas as outras condições, que apresentam uma mediana 3 (*seu-fem* (média 3.09), *seu-masc* (média 3.04) e *teu-fem* (média 2.94)). A condição *teu-masc* é a única que apresenta apenas um limite de dispersão, que é o superior e está posicionado no ponto 5. Já as outras condições (*seu-fem*, *seu-masc* e *teu-fem*) apresentam tanto o limite de dispersão inferior localizado no ponto 1 da escala, quanto o limite superior, localizado no ponto 5 da escala.

Considerando o comportamento de *teu-masc* através da análise do índice *delicadeza* no primeiro experimento, essa condição apresenta uma média de 2.26 e uma mediana 2, diferentemente das demais condições, já que duas delas possuem uma mediana 3 (*seu-fem* (média 3.24) e *seu-masc* (média 2.64)), e *teu-fem* (média 3.44) apresenta a maior mediana dentre elas (3,5). Quanto aos limites de dispersão de notas, cada uma das condições apresenta um comportamento diferente: *seu-fem* registra um limite superior até o ponto 5 e o inferior até o ponto 1; *seu-masc* apresenta apenas um limite superior que vai até o ponto 5; *teu-fem* mostra

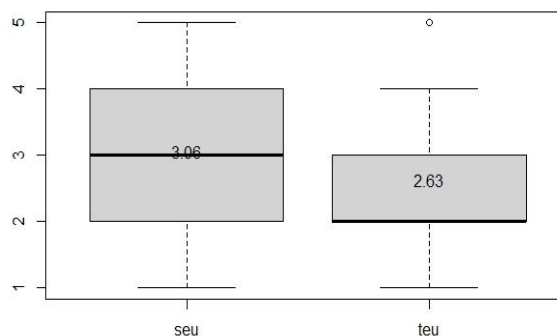
apenas um limite inferior que se estende até o ponto 1; *teu-masc* possui apenas um limite de dispersão superior, que vai até o ponto 5 da escala.

No que se refere à análise da condição *teu-masc* no segundo experimento, considerando o índice *delicadeza*, essa apresenta uma média de 2.3 e uma mediana 2. Além disso, essa mesma condição apresenta apenas um limite superior de dispersão, que se posiciona no ponto 5 da escala. Já as demais condições apresentam uma mediana 3 (*seu-fem* (média 3.13), *seu-masc* (média 2.78) e *teu-fem* (média 3.07)) e apresentam os mesmos limites de dispersão, o inferior vai até o ponto 1 da escala e o superior vai até o ponto 5 da escala.

Considerando os resultados da análise estatística inferencial, constatamos, através do teste de Kruskal-Wallis, que, para o índice de *gentileza*, houve diferenças estatisticamente relevantes apenas no segundo experimento ( $\chi^2 = 6,45$ ,  $p < 0,05$ ). Quanto ao índice *delicadeza*, houve diferenças significativas no primeiro ( $\chi^2 = 23,71$ ,  $p < 0,001$ ) e no segundo experimento ( $\chi^2 = 12,01$ ,  $p < 0,01$ ).

Analisando primeiramente o índice *gentileza* (segundo experimento), houve diferenças significativas na rodada geral ( $\chi^2 = 11,95$ ,  $p < 0,01$ ) e na rodada dos pronomes ( $\chi^2 = 6,45$ ,  $p < 0,05$ ). Na rodada geral, são significativas as diferenças entre as condições *seu-fem* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 3,07$ ,  $p < 0,05$ ) e *seu-masc* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 3,07$ ,  $p < 0,05$ ). Sendo assim, é possível afirmar que os participantes perceberam o possessivo *teu* locucionado por um homem (*teu-masc*) como sendo menos *gentil* do que o *seu* locucionado por uma mulher (*seu-fem*) ou por um homem (*seu-masc*).

Considerando a *rodada dos pronomes*, detectamos que houve efeito significativo da variável *tipo de pronome possessivo* isoladamente sobre os julgamentos realizados pelos participantes. Observemos no gráfico 12 a distribuição das notas atribuídas para o índice *gentileza* em função do tipo de possessivo:



**Gráfico 12.** Notas atribuídas para o índice *gentileza* no contexto neutro do segundo experimento segundo o tipo de pronome.

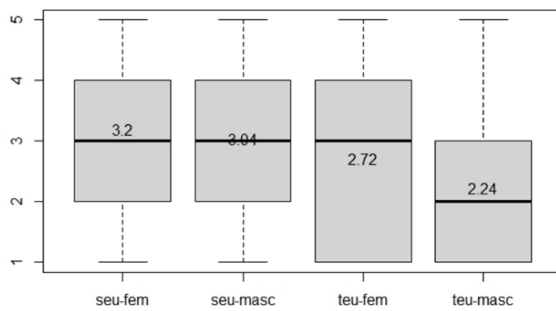
A partir do gráfico 12, podemos observar que o possessivo *teu* foi percebido como variante menos *gentil*, recebendo notas mais baixas do que a variante *seu*. A variante *teu*, nesse cenário, apresenta a linha que indica o primeiro quartil situada no ponto 2 da escala e a linha que indica o terceiro quartil situada no ponto 3, mostrando que houve uma concentração de julgamentos entre esses dois pontos da escala. Em contrapartida, a variante *seu* apresenta a linha do primeiro quartil situada no ponto 2 e a linha do terceiro quartil no ponto 4 da escala, exibindo uma concentração de julgamentos em um intervalo mais central da escala (2 a 4). Além disso, *seu* apresentou dois limites de dispersão: o superior, até o ponto 5, e o inferior, até o ponto 1. Já *teu*, que também apresenta limites de dispersão, registra o superior no ponto 4 e o inferior no ponto 1. Quanto à média de notas atribuídas para *teu*, esta corresponde a 2.63, além da mediana em 2, contra uma média de 3.06 e mediana em 3 para a variante *seu*. Isto posto, podemos dizer que, estatisticamente, o possessivo *teu* foi percebido como a variante menos *gentil* dentro do contexto prosódico *neutro*, independentemente se este estava sendo locucionado por um homem ou por uma mulher.

No que diz respeito aos resultados estatísticos do índice *delicadeza*, na rodada geral do primeiro experimento, foram apontadas como estatisticamente relevantes três comparações entre condições: *seu-fem* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 3,78$ ,  $p < 0,01$ ), *seu-masc* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 3,09$ ,  $p < 0,05$ ) e *teu-fem* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 4,59$ ,  $p < 0,001$ ). Ao considerar os resultados do segundo experimento, a rodada geral apontou como estatisticamente relevantes duas comparações de condições: *seu-fem* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 3,18$ ,  $p < 0,05$ ) e *teu-masc* – *teu-fem* ( $\chi^2 = 2,93$ ,  $p < 0,05$ ). Com isso, é possível dizer que os participantes cariocas perceberam o possessivo *teu* locucionado por um homem (*teu-masc*) como menos *delicado* do que o *seu* locucionado por uma mulher (*seu-fem*) ou por um homem (*seu-masc*). Além disso, *teu-masc* também foi percebido como menos *delicado* do que *teu-fem*.

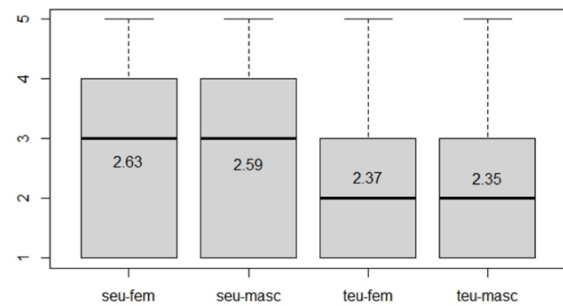
Unindo os resultados dos dois índices analisados nesta subseção (*gentileza* e *delicadeza*), é possível concluir que os participantes cariocas perceberam, dentro do contexto prosódico *neutro*, o possessivo *teu* como menos *gentil* do que o possessivo *seu*. Além disso, o *teu*, quando locucionado por um homem, foi percebido como a condição menos *gentil* quando comparada com as condições *teu-fem* e *seu-masc*. A mesma condição, *teu-masc*, também foi percebida como a menos *delicada* dentre as demais consideradas nas comparações.

### 5.1.1.3 Índice formalidade

Passamos aos dados de julgamento obtidos a partir do índice de *formalidade*. Nos gráficos 13 e 14, temos a distribuição das notas atribuídas pelos participantes para esse índice:



**Gráfico 13.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *formalidade* no contexto *neutro* no primeiro experimento.



**Gráfico 14.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *formalidade* no contexto *neutro* no segundo experimento.

Nos gráficos apresentados<sup>16</sup>, é possível perceber que a condição *teu-masc* foi percebida como a menos *formal* nos dois cenários. No primeiro experimento, essa condição registrou sua menor média (2.24), obtendo uma mediana 2. Neste mesmo contexto, a linha do terceiro quartil se localiza no ponto 3 da escala, enquanto a linha das outras condições (*seu-fem* (média 3.2), *seu-masc* (média 3.04) e *teu-fem* (média 2.72)) se encontra no ponto 4. No que tange à medida de dispersão, todas as condições apresentam uma linha superior até o ponto 5, mas apenas *seu-fem* e *seu-masc* apresentam uma linha de dispersão inferior até o ponto 1. Cabe mencionar que as únicas linhas de primeiro quartil localizadas no ponto mínimo (1) são as das condições *teu-fem* e *teu-masc*.

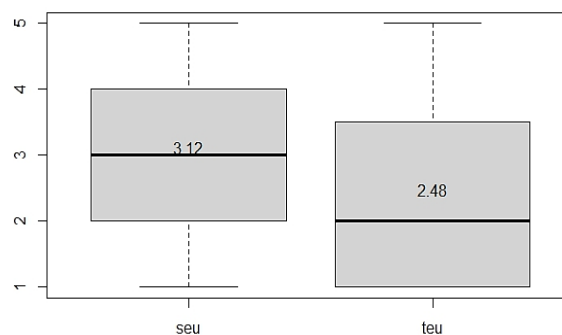
No que se refere à distribuição de notas da condição *teu-masc* no segundo experimento, essa apresenta uma média de 2.35 e uma mediana 2. Sua linha de primeiro quartil se encontra no ponto 1 da escala e sua linha de terceiro quartil no ponto 3. Essa também apresenta uma linha superior de dispersão que vai até o ponto 5. A condição *teu-fem*, nesse cenário, se comporta da mesma maneira, apenas apresentando uma média ligeiramente diferente (2.37). Já as condições *seu-fem* e *seu-masc* apresentam uma mediana 3 e médias de 2.63 e 2.59, respectivamente. Essas também possuem linhas de dispersão superiores, até o ponto 5, mas a linha de terceiro quartil de ambas as condições se encontra no ponto 4.

Ao realizar as análises de estatística inferencial, constatamos que as diferenças nos padrões de notas observadas para cada condição foram estatisticamente relevantes apenas no primeiro experimento. Neste, duas rodadas continham diferenças significativas: a rodada geral ( $\chi^2 = 14,80$ ,  $p < 0,01$ ) e a rodada dos pronomes ( $\chi^2 = 11,12$ ,  $p < 0,001$ ). Na rodada geral, dois

<sup>16</sup> Válido observar, em especial, a diferença das notas atribuídas à condição *teu-fem* no primeiro experimento (mediana 3) e no segundo experimento (mediana 2), visto que até o valor de mediana muda de um para o outro. É provável que a repetição do pronome dentro desse contexto fez com que esse estímulo fosse percebido e avaliado como menos formal do que o estímulo sem a repetição do pronome.

pares de condições registraram significância: *seu-fem* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 3,68$ ,  $p < 0,001$ ) e *seu-masc* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 3,06$ ,  $p < 0,05$ ). Assim, é possível afirmar que os participantes cariocas perceberam o possessivo *teu* locucionado por um homem (*teu-masc*) como menos *formal* do que o *seu* locucionado por uma mulher (*seu-fem*) ou por um homem (*seu-masc*).

No que tange à *rodada dos pronomes*, esta apontou que houve efeito significativo da variável *tipo de pronome possessivo* isoladamente sobre os julgamentos realizados pelos participantes. Observemos no gráfico 15 a distribuição das notas atribuídas pelos participantes considerando o índice *formalidade*:



**Gráfico 15.** Notas atribuídas para o índice *formalidade* no contexto *neutro* no primeiro experimento segundo o tipo de pronome.

Considerando as distribuições apresentadas no gráfico 15, é possível notar que o possessivo *teu* foi percebido como menos *formal*, já que recebeu notas mais baixas do que a forma possessiva *seu*. É válido mencionar ainda que *teu*, nesse cenário, apresenta a linha do primeiro quartil situada no ponto 1 da escala e a linha do terceiro quartil situada entre os pontos 3 e 4. Em contrapartida, *seu* apresenta a linha do primeiro quartil situada no ponto 2 e a linha do terceiro quartil no ponto 4 da escala. Além disso, *seu* apresentou dois limites de dispersão: o superior vai até o ponto 5, e o inferior, até o ponto 1. Já o possessivo *teu* apresenta apenas o limite de dispersão superior, até o ponto 5 da escala.

Quanto às medidas de tendência central, o possessivo *teu* obteve uma média de 2,48, com mediana 2, frente à média de 3,12 e mediana 3 para a variante *seu*. Isto posto, faz-se possível dizer que, estatisticamente, o possessivo *teu* foi percebido como a variante menos *formal* dentro do contexto prosódico *neutro*, independentemente se esta estava sendo locucionada por um homem ou por uma mulher. Importante destacar também, considerando ainda o primeiro experimento (gráfico 13), que as únicas condições em que há linha de primeiro quartil situada no ponto mínimo da escala (1) são, justamente, as que estão relacionadas com o possessivo *teu* (*teu-fem* e *teu-masc*).

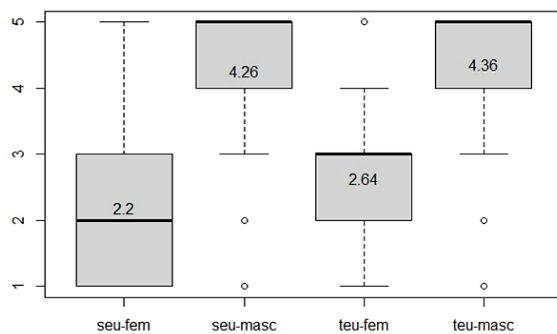
Em síntese, após combinar os resultados analisados nesta subseção, verificamos que os participantes cariocas perceberam, dentro do contexto prosódico *neutro*, o possessivo *teu* como a variante menos *formal* do que *seu*. Além disso, o *teu*, quando locucionado por um homem (*teu-masc*), foi percebido como a condição menos *formal*, comparada com as condições *seu-fem* e *seu-masc*.

### 5.1.2 Contexto *agressivo*

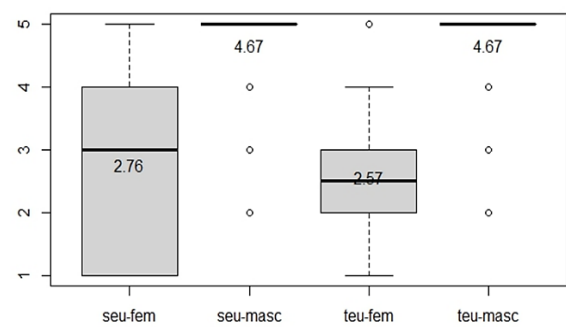
Nesta seção, serão considerados os julgamentos realizados pelos participantes quando estes foram expostos aos estímulos sonoros com entoação *agressiva* nos experimentos.

#### 5.1.2.1 Índices *grosseria* e *irritação*

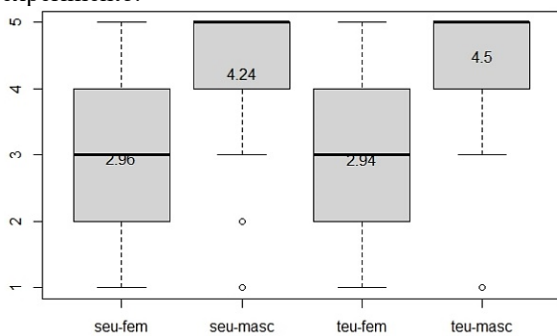
Considerando os índices de *grosseria* e *irritação*, analisemos os gráficos 16, 17, 18 e 19, que trazem a distribuição das notas atribuídas pelos participantes a partir dos estímulos auditivos ouvidos com entoação *agressiva* nos dois experimentos aplicados:



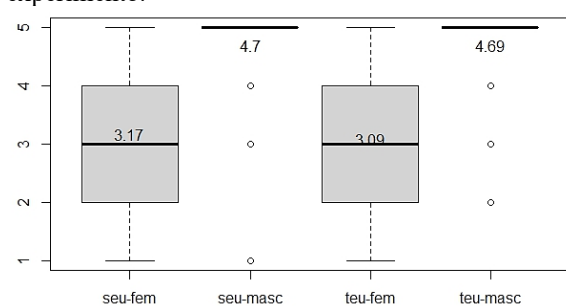
**Gráfico 16.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *grosseria* no contexto *agressivo* no primeiro experimento.



**Gráfico 17.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *grosseria* no contexto *agressivo* no segundo experimento.



**Gráfico 18.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *irritação* no contexto *agressivo* no primeiro experimento.



**Gráfico 19.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *irritação* no contexto *agressivo* no segundo experimento.

Como podemos verificar<sup>17</sup>, as condições que receberam notas mais altas envolviam as gravações do falante do *sexo masculino* (*seu-masc* e *teu-masc*), tanto para o índice de *grosseria* quanto para o índice de *irritação*. Por outro lado, as notas mais baixas foram registradas a partir das gravações que traziam a voz da falante do *sexo feminino* (*seu-fem* e *teu-fem*). Entretanto, ainda que essas condições tenham sido percebidas como menos *grosseiras* em comparação com as condições que envolviam a elocução da voz masculina, essas apresentaram distribuições de notas mais dissemelhantes entre si.

No que tange à distribuição das notas no primeiro experimento considerando o índice de *grosseria*, é possível observar um padrão similar entre as condições *seu-masc* e *teu-masc*, já que ambas apresentam a mesma mediana (5) e a linha do primeiro quartil situada no ponto 4, evidenciando uma concentração de julgamentos no polo superior da escala. Além disso, as duas condições obtiveram médias altas, sendo elas, respectivamente, de 4.26 e 4.36. Além disso, o comportamento apresentado por essas condições é tão similar que ambas apresentam o mesmo limite inferior de dispersão de notas, que vai até o ponto 3 da escala.

Quanto às outras condições, nesse mesmo cenário, a condição *seu-fem* apresenta mediana em 2 e média de 2.2; além disso, a linha de primeiro quartil está posicionada no ponto 1 da escala e a linha de terceiro quartil, no ponto 3. Essa também apresenta uma linha de dispersão superior localizada no ponto 5. Já a condição *teu-fem* foi percebida como mais *grosseira* do que *seu-fem*, registrando mediana em 3 e média de 2.64. A linha de primeiro quartil está no ponto 2, e a linha de terceiro quartil, no ponto 3 da escala. Quanto aos limites de dispersão, essa condição apresentou uma dispersão superior até o ponto 4 e uma dispersão inferior até o ponto 1 da escala.

Já no segundo experimento, a distribuição de notas das condições *seu-masc* e *teu-masc* é idêntica, se concentrando no polo superior da escala, sem nenhuma dispersão. Ambas apresentam as mesmas medianas (5) e médias (4.67). Nesse mesmo cenário, percebemos uma leve diferença entre as condições *seu-fem* e *teu-fem*, em que *seu-fem* é percebida como mais *grosseira* do que *teu-fem*. Esta última apresenta uma mediana que se localiza entre o ponto 2 e 3 da escala e média de 2.57. As linhas de dispersão se posicionam entre os pontos 1 e 4 da escala. Já *seu-fem* exibe uma mediana em 3 e média de 2.76, além da linha de dispersão superior até o ponto 5 da escala.

---

<sup>17</sup> Aqui, é possível observar, considerando o índice *grosseria*, a diferença das notas atribuídas à condição *seu-fem* no primeiro experimento (mediana 2) e no segundo experimento (mediana 3), visto que até o valor de mediana muda de um para o outro. É provável que a repetição do pronome dentro desse contexto fez com que esse estímulo fosse percebido e avaliado como mais *grosseiro* do que o estímulo sem a repetição do pronome.

Considerando as avaliações para o índice *irritação* no primeiro experimento, vemos que as condições *seu-masc* e *teu-masc* apresentam uma mediana 5 e médias 4.24 e 4.5, respectivamente. Além disso, apresentam a mesma linha de dispersão inferior até o ponto 3 da escala. Quanto às linhas de primeiro quartil, as duas condições as apresentam no ponto 4, e as linhas de terceiro quartil se localizam no ponto 5 da escala. Já as condições *seu-fem* e *teu-fem*, nesse cenário, apresentam comportamentos similares, registrando uma mediana 3 e médias de 2.96 e 2.94, respectivamente. Essas também possuem sua linha de primeiro quartil no ponto 2 e linha do terceiro quartil no ponto 4. Além disso, essas duas condições apresentam os mesmos limites de dispersão, tanto superior (ponto 5), quanto inferior (ponto 1).

No que se refere aos resultados relativos ao mesmo índice no segundo experimento, é possível perceber que as condições *seu-masc* e *teu-masc* apresentam um comportamento bem similar, tendo em vista que ambas apresentam uma mediana 5 e médias próximas (4.7 e 4.69, respectivamente). Quanto às condições *seu-fem* e *teu-fem*, essas também apresentam um comportamento bem semelhante entre si: exibem mediana em 3 e médias de 3.17 e 3.09, respectivamente. As duas condições também registram os mesmos limites de dispersão, tanto superior (no ponto 5), quanto inferior (no ponto 1). Além disso as linhas de primeiro quartil das duas condições se encontram no ponto 2 da escala, e as linhas de terceiro quartil no ponto 4.

Ao realizar a análise estatística desses resultados, constatamos que, no que tange ao índice de *grosseria*, as diferenças observadas entre as condições foram estatisticamente relevantes no primeiro ( $\chi^2 = 85,32$ ,  $p < 0,001$ ) e no segundo experimento ( $\chi^2 = 124,94$ ,  $p < 0,001$ ). O mesmo se deu em relação ao índice *irritação*: houve diferenças significativas tanto no primeiro ( $\chi^2 = 68,55$ ,  $p < 0,001$ ) quanto no segundo experimento ( $\chi^2 = 102,04$ ,  $p < 0,001$ ).

Ao analisar as comparações entre condições consideradas significativas, notamos que, para ambos os índices, as mesmas comparações foram estatisticamente relevantes nas rodadas gerais: (a) *seu-fem* – *seu-masc* (1º exp. *grosseria*  $\chi^2 = 9,00$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *grosseria*  $\chi^2 = 11,46$ ,  $p < 0,001$ ; 1º exp. *irritação*  $\chi^2 = 6,31$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *irritação*  $\chi^2 = 9,47$ ,  $p < 0,001$ ); (b) *seu-fem* – *teu-masc* (1º exp. *grosseria*  $\chi^2 = 9,64$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *grosseria*  $\chi^2 = 11,46$ ,  $p < 0,001$ ; 1º exp. *irritação*  $\chi^2 = 7,68$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *irritação*  $\chi^2 = 9,40$ ,  $p < 0,001$ ); (c) *seu-masc* – *teu-fem* (1º exp. *grosseria*  $\chi^2 = 7,32$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *grosseria*  $\chi^2 = 12,73$ ,  $p < 0,001$ ; 1º exp. *irritação*  $\chi^2 = 6,54$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *irritação*  $\chi^2 = 10,14$ ,  $p < 0,001$ ); (d) *teu-fem* – *teu-masc* (1º exp. *grosseria*  $\chi^2 = 7,96$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *grosseria*  $\chi^2 = 12,73$ ,  $p < 0,001$ ; 1º exp. *irritação*  $\chi^2 = 7,90$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *irritação*  $\chi^2 = 10,08$ ,  $p < 0,001$ ).

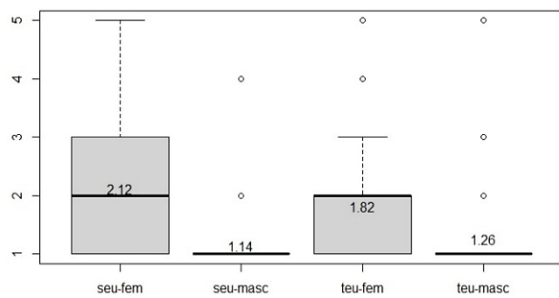
A partir desses resultados, é possível afirmar que os participantes cariocas perceberam os possessivos *teu* e *seu*, quando estes eram locucionados por um homem (*teu-masc/seu-masc*),



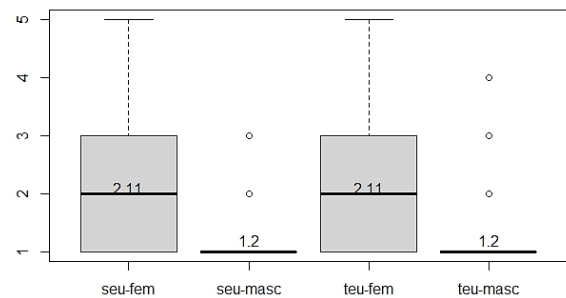
como mais *grosseiros* e *irritados* do que quando eram locucionados por uma mulher (*seu-fem/teu-fem*). Como discutiremos na seção 5.3, esses resultados sugerem um efeito de interação entre a variável *sexo/gênero do falante do estímulo sonoro* e *contexto prosódico da gravação*.

### 5.1.2.2 Índices *gentileza* e *delicadeza*

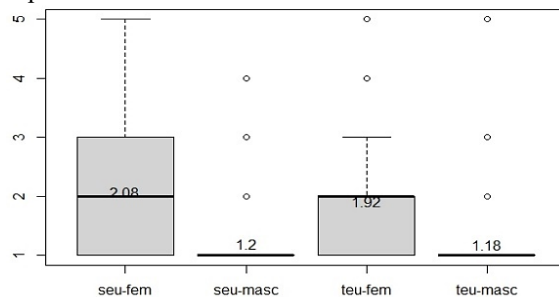
Considerando os índices de *gentileza* e *delicadeza*, vamos explorar os gráficos 20, 21, 22 e 23, que trazem a distribuição das notas atribuídas pelos participantes a partir dos estímulos auditivos ouvidos com entoação *agressiva* nos dois experimentos aplicados:



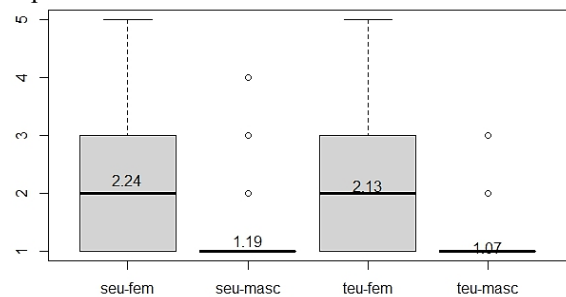
**Gráfico 20.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *gentileza* no contexto *agressivo* no primeiro experimento.



**Gráfico 21.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *gentileza* no contexto *agressivo* no segundo experimento.



**Gráfico 22.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *delicadeza* no contexto *agressivo* no primeiro experimento.



**Gráfico 23.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *delicadeza* no contexto *agressivo* no segundo experimento.

Como é possível observar nos gráficos 20, 21, 22 e 23, os possessivos *teu* e *seu* receberam notas baixas quando eram locucionados pelo falante do *sexo masculino* nos dois experimentos (condições *seu-masc* e *teu-masc*), tanto no índice de *gentileza* quanto no índice de *delicadeza*. Por outro lado, as mesmas variantes receberam notas mais altas quando eram locucionadas pela falante do *sexo feminino* (condições *seu-fem* e *teu-fem*), nesses dois índices. Analisando a distribuição de notas no primeiro experimento, para o índice de *gentileza*, é possível observar um padrão bem similar entre as condições *seu-masc* (média 1.14) e *teu-masc* (média 1.48), com ambas apresentando a mesma mediana (1) e nenhuma linha de dispersão. Já *seu-fem* (média 2.12) e *teu-fem* (média 1.82) apresentam uma mediana 2, porém a linha do

terceiro quartil de *seu-fem* se encontra no ponto 3 da escala, enquanto a linha do terceiro quartil de *teu-fem* se encontra no ponto 2. Considerando a dispersão, a linha superior de *seu-fem* vai até o ponto 5 da escala, e a de *teu-fem* vai até o ponto 3.

No segundo experimento, encontramos um padrão muito semelhante. As condições *seu-masc* e *teu-masc* apresentam novamente a mesma mediana (1), além da mesma média (1.2) e nenhuma linha de dispersão. No que tange ao comportamento das outras condições, tanto *seu-fem* e *teu-fem* apresentam mediana em 2 e média de 2.11. Essas duas condições também apresentam a mesma linha de terceiro quartil localizada no ponto 3 da escala e a mesma linha de dispersão superior, até o ponto 5 da escala.

Ao analisar o índice de *delicadeza* no primeiro experimento, o mesmo comportamento se repete: as condições *seu-masc* e *teu-masc* também apresentam um padrão muito similar entre si, com mediana em 1 e médias próximas, de 1.2 e 1.18, respectivamente. Quanto às outras condições, *seu-fem* e *teu-fem* exibem mediana em 2; *seu-fem* (média 2.08) apresenta a linha de terceiro quartil no ponto 3 e a linha de dispersão superior até o ponto 5, enquanto *teu-fem* (média 1.92) apresenta a linha de terceiro quartil no ponto 2 e a linha de dispersão até o ponto 3.

Já no segundo experimento, observamos novamente o mesmo padrão, segundo o qual as condições *seu-masc* e *teu-masc* registram padrões muito similares de avaliação. Nesse contexto, ambas apresentam mediana 1 e médias próximas, de 1.19 e 1.07, respectivamente. Para as outras condições, vemos a mediana em 2, com diferenças nas médias (*seu-fem*: 2.08 e *teu-fem*: 1.92), e as mesmas linhas de quartil e de dispersão, sendo elas: uma linha de terceiro quartil no ponto 3 e uma linha de dispersão de superior que se estende até o ponto 5.

Com base nos resultados da análise estatística, constatamos que, no que tange ao índice de *gentileza*, houve diferenças significativas entre as condições no primeiro ( $\chi^2 = 43,80$ ,  $p < 0,001$ ) e no segundo experimento ( $\chi^2 = 45,60$ ,  $p < 0,001$ ). Para o índice de *delicadeza*, os testes estatísticos indicaram o mesmo cenário (primeiro experimento:  $\chi^2 = 51,30$ ,  $p < 0,001$ ; segundo experimento:  $\chi^2 = 60,75$ ,  $p < 0,001$ ).

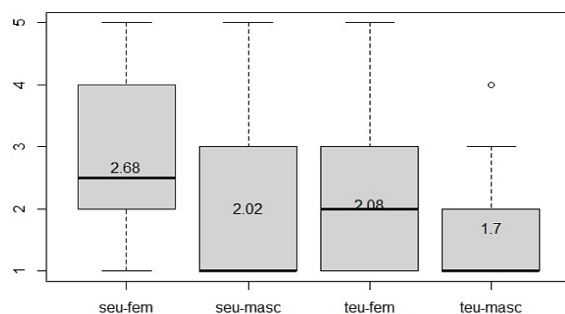
Ao considerar as comparações significativas estatisticamente, notamos que os mesmos pares de condições apontaram diferenças relevantes nos dois experimentos: (a) *seu-fem* – *seu-masc* (1º exp. *gentileza*  $\chi^2 = 6,34$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *gentileza*  $\chi^2 = 5,43$ ,  $p < 0,001$ ; 1º exp. *delicadeza*  $\chi^2 = 6,17$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *delicadeza*  $\chi^2 = 6,60$ ,  $p < 0,001$ ); (b) *seu-fem* – *teu-masc* (1º exp. *gentileza*  $\chi^2 = 5,20$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *gentileza*  $\chi^2 = 5,45$ ,  $p < 0,001$ ; 1º exp. *delicadeza*  $\chi^2 = 6,54$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *delicadeza*  $\chi^2 = 7,46$ ,  $p < 0,001$ ); (c) *seu-masc* – *teu-fem* (1º exp. *gentileza*  $\chi^2 = 5,03$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *gentileza*  $\chi^2 = 5,23$ ,  $p < 0,001$ ; 1º exp. *delicadeza*  $\chi^2 = 4,99$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *delicadeza*  $\chi^2 = 5,27$ ,  $p < 0,001$ ); (d) *teu-fem* – *teu-masc* (1º exp.

*gentileza*  $\chi^2 = 3,88$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *Índice gentileza*  $\chi^2 = 5,25$ ,  $p < 0,001$ ; 1º exp. *delicadeza*  $\chi^2 = 5,37$ ,  $p < 0,001$ ; 2º exp. *delicadeza*  $\chi^2 = 6,12$ ,  $p < 0,001$ .

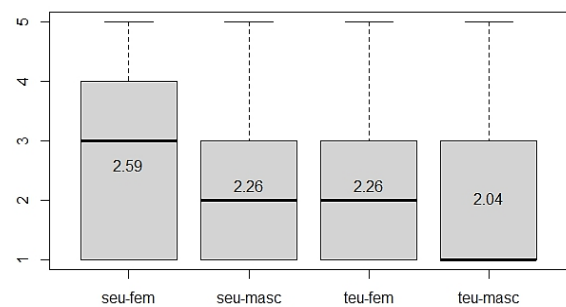
Assim, é possível observar que os participantes cariocas perceberam os possessivos *teu* e *seu*, quando estes eram locucionados por um homem (*teu-masc/seu-masc*), como menos *gentis* e *delicados* do que quando essas variantes eram locucionadas por uma mulher (*seu-fem/teu-fem*). Tal como pontuamos em 5.1.2.1, também aqui acreditamos que um efeito de interação entre o sexo/gênero do falante do estímulo sonoro (masculino) e contexto prosódico da gravação (agressivo) tenha sido responsável pelos padrões de avaliação observados.

### 5.1.2.3 Índice formalidade

Quanto ao índice de *formalidade*, vejamos os gráficos 24 e 25, que reúnem a distribuição das notas atribuídas pelos participantes a partir dos estímulos auditivos ouvidos com entoação *agressiva* nos dois experimentos aplicados:



**Gráfico 24.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *formalidade* no contexto *agressivo* no primeiro experimento.



**Gráfico 25.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *formalidade* no contexto *agressivo* no segundo experimento.

Após observar os gráficos apresentados<sup>18</sup>, vemos que a condição *teu-masc* foi percebida como a menos *formal* nos dois experimentos. No primeiro experimento, essa condição registrou a menor média (1.7), com mediana em 1. Neste mesmo contexto, a linha do terceiro quartil se localiza no ponto 2 da escala, enquanto a linha das condições *seu-masc* (média 2.02 e mediana 1) e *teu-fem* (média 2.08 e mediana 2) se encontra no ponto 3. Contudo, todas as três condições mencionadas apresentam uma linha do primeiro quartil no ponto 1 da escala. Já a condição *seu-fem* (média 2.68 e mediana 2.5) apresenta a linha do terceiro quartil no ponto 4 da escala e a linha do primeiro quartil no ponto 2. No que tange às linhas de dispersão, as condições *seu-fem*, *seu-masc* e *teu-fem* apresentam uma linha superior até o ponto 5 da escala, e *seu-fem* apresenta

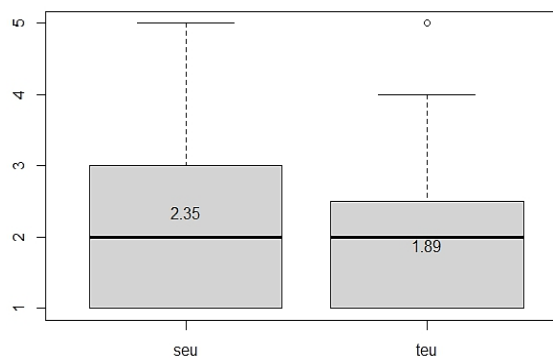
<sup>18</sup> Pontuamos aqui a diferença das notas atribuídas à condição *seu-masc* no primeiro experimento (mediana 1) e no segundo experimento (mediana 2), visto que até o valor de mediana muda de um para o outro. É provável que a repetição do pronome dentro desse contexto fez com que esse estímulo fosse percebido e avaliado como mais formal do que o estímulo sem a repetição do pronome.

linha de dispersão inferior até o ponto 1. A condição *teu-masc* apresenta apenas dispersão superior até o ponto 3.

Considerando o gráfico do segundo experimento, a condição *teu-masc* obteve uma média de 2.04 e mediana em 1. A linha do primeiro quartil desta condição se encontra no ponto 1 da escala, e a linha do terceiro quartil, no ponto 3. A linha superior de dispersão vai até o ponto 5. Já as condições *teu-fem* e *seu-masc* exibem padrões de notas semelhantes com média de 2.26 e mediana 2. Para a condição *seu-fem*, temos uma mediana em 3, média de 2.59, o primeiro quartil no ponto 1 e o terceiro quartil no ponto 3. Essa condição também apresenta dispersão superior até o ponto 5 da escala.

Por meio da análise de estatística inferencial, verificamos que há diferenças significativas apenas no primeiro experimento, apontadas em duas rodadas: a geral ( $\chi^2 = 21,35$ ,  $p < 0,001$ ) e a dos pronomes ( $\chi^2 = 6,66$ ,  $p < 0,01$ ). Na rodada geral, três comparações foram relevantes: *seu-fem* – *seu-masc* (3,59,  $p < 0,01$ ), *seu-fem* – *teu-fem* ( $\chi^2 = 2,79$ ,  $p < 0,05$ ) e *seu-fem* – *teu-masc* (4,62,  $p < 0,001$ ). Esses resultados sugerem que os participantes cariocas, em geral, perceberam o possessivo *seu*, quando locucionado por um homem (*seu-masc*), como menos *formal* do que quando a mesma variante era *seu* locucionada por uma mulher (*seu-fem*). Além disso, o *teu* locucionado por uma mulher (*teu-fem*) foi avaliado como menos formal do que o *seu* locucionado por uma mulher (*seu-fem*). Por fim, o *teu* locucionado por um homem (*teu-masc*), foi considerado menos *formal* do que o *seu* locucionado por uma mulher (*seu-fem*).

Contemplando a rodada dos pronomes, verificamos que houve efeito significativo da variável *tipo de pronome possessivo* isoladamente sobre os julgamentos realizados pelos participantes. Observemos no gráfico 26 a distribuição das notas atribuídas pelos participantes considerando o índice *formalidade*:



**Gráfico 26.** Notas atribuídas para o índice *formalidade* no contexto *agressivo* no primeiro experimento segundo o tipo de pronome.

Como podemos visualizar, o possessivo *teu* foi percebido como a variante menos *formal*, registrando um padrão de notas mais baixas do que a variante *seu*. Pelo gráfico 26,

vemos que *teu* obteve uma média de 1.89 e mediana em 2. Além disso, o primeiro quartil se situa no ponto 1 da escala, enquanto o terceiro quartil está entre os pontos 2 e 3. Por outro lado, a variante *seu* registra uma média de 2.35 e mediana em 2; a linha do primeiro quartil está no ponto 1 e a do terceiro quartil, no ponto 3 da escala. Quanto aos limites de dispersão, *seu* apresenta uma linha superior até o ponto 5 da escala, e *teu* apresenta uma linha superior até o ponto 4.

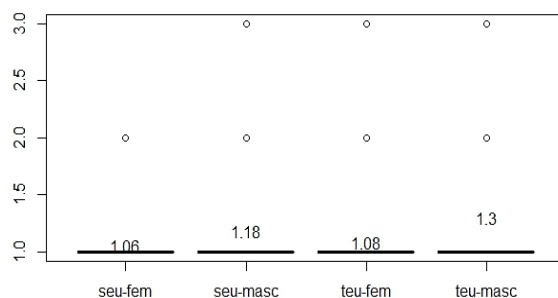
Sintetizando os resultados estatísticos analisados, vemos que os participantes cariocas perceberam, dentro do contexto prosódico *agressivo*, o possessivo *teu* como menos *formal* do que o possessivo *seu*, sinalizando, portanto, um efeito principal da variável independente *tipo de pronome possessivo* sobre as avaliações do índice de *formalidade*. Além disso, os participantes também perceberam a condição *seu-masc* como menos *formal* do que *seu-fem*; *teu-fem* como menos formal do que *seu-fem*; *teu-masc* como menos *formal* do que o *seu-fem*.

### 5.1.3 Contexto *gentil*

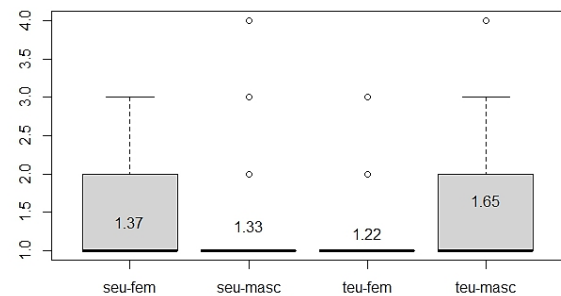
Nesta seção, serão considerados os julgamentos realizados pelos participantes quando estes foram expostos aos estímulos sonoros com entoação *gentil* nos experimentos.

#### 5.1.3.1 Índices *grosseria* e *irritação*

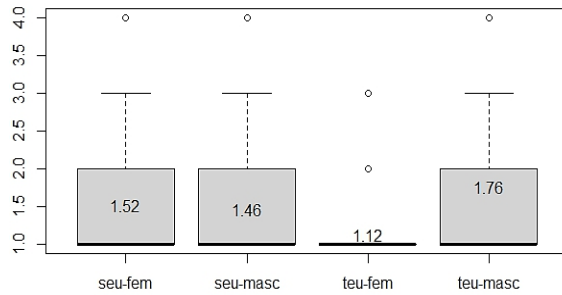
Nos gráficos 27, 28, 29 e 30, encontramos a distribuição das notas atribuídas pelos participantes para os índices de *grosseria* e *irritação*, a partir dos estímulos auditivos ouvidos com entoação *gentil* nos dois experimentos:



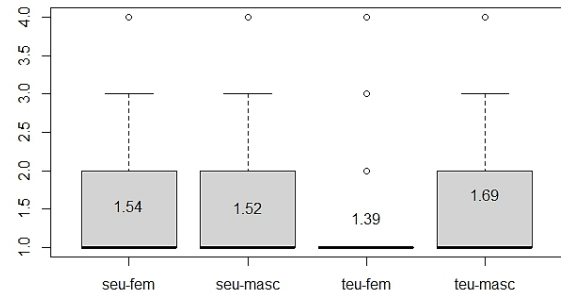
**Gráfico 27.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *grosseria* no contexto *gentil* no primeiro experimento.



**Gráfico 28.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *grosseria* no contexto *gentil* no segundo experimento.



**Gráfico 29.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *irritação* no contexto *gentil* no primeiro experimento.



**Gráfico 30.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *irritação* no contexto *gentil* no segundo experimento.

Analisando os gráficos, verificamos que a condição *teu-masc*, em todos os cenários apresentados, foi sempre percebida como a mais *grosseira* e mais *irritada*. No primeiro experimento, considerando o índice de *grosseria*, essa condição registrou sua menor média (1.3). Neste contexto, todas as condições, inclusive *teu-masc*, obtiveram uma mediana 1 (*seu-fem* (média 1.24), *seu-masc* (média 1.3) e *teu-fem* (média 1.18)), além de não possuírem dispersão de notas, se concentrando no ponto mínimo da escala (1). Já no segundo experimento, também em relação ao índice de *grosseria*, a condição *teu-masc* registrou média de 1.65 e mediana em 1, assim como as demais condições (*seu-fem* (média 1.37), *seu-masc* (média 1.33) e *teu-fem* (média 1.22)). Ainda nesse contexto, as condições *seu-fem* e *teu-masc* apresentam o terceiro quartil no ponto 2 da escala e um limite superior de dispersão até o ponto 3.

Ao considerar o índice de *irritação* no primeiro experimento, observamos que a condição *teu-masc* obteve uma média de notas de 1.76 e mediana em 1, assim como as demais condições (*seu-fem* (média 1.52), *seu-masc* (média 1.46) e *teu-fem* (média 1.12)). Quanto à dispersão de notas, as condições *seu-fem*, *seu-masc* e *teu-masc* tem seus limites superiores até o ponto 3 da escala, enquanto *teu-fem* é a única condição sem dispersão de notas. Além disso, as condições *seu-fem*, *seu-masc* e *teu-masc* também exibem o terceiro quartil posicionado no ponto 2, indicando alta concentração de notas entre os pontos 1 e 2 da escala. Ainda sobre o índice de *irritação*, mas agora no segundo experimento, vemos que a condição *teu-masc* registra uma média de 1.69 e mediana em 1, assim como as demais (*seu-fem* (média 1.54), *seu-masc* (média 1.52) e *teu-fem* (média 1.39)). Novamente, as condições *seu-fem*, *seu-masc* e *teu-masc* registram dispersão até o ponto 3 e exibem a linha do terceiro quartil no ponto 2. A condição *teu-fem* não apresenta linhas de concentração e dispersão de notas, o que indica uma avaliação massiva com notas 1.

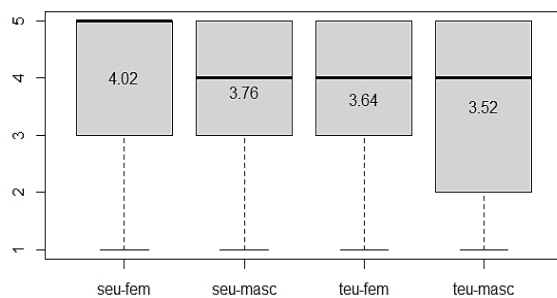
Na etapa de análise estatística inferencial, verificamos que, para os índices *grosseria* e *irritação*, houve diferenças significativas apenas no primeiro experimento (*grosseria*:  $\chi^2 = 10,16$ ,  $p < 0,05$ ; *irritação*:  $\chi^2 = 4,43$ ,  $p < 0,01$ ), todas na rodada geral. Em relação ao índice

*grosseria*, foram estatisticamente relevantes as comparações entre *teu-fem* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 2,73$ ,  $p < 0,05$ ) e *seu-fem* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 2,76$ ,  $p < 0,05$ ). Esses resultados sugerem que os participantes cariocas perceberam o possessivo *teu*, quando este era locucionado por um homem (*teu-masc*), como sendo relativamente mais *grosseiro* do que o *teu* locucionado por uma mulher (*teu-fem*) e do que o *seu* também locucionado por uma mulher (*seu-fem*). No que diz respeito ao índice *irritação*, foi apontada como significativa apenas a diferença observada entre *teu-fem* – *teu-masc* ( $\chi^2 = 3,82$ ,  $p < 0,01$ ). Assim, podemos afirmar que os participantes perceberam o *teu* locucionado por um homem (*teu-masc*) como mais *irritado* do que o *teu* locucionado por uma mulher.

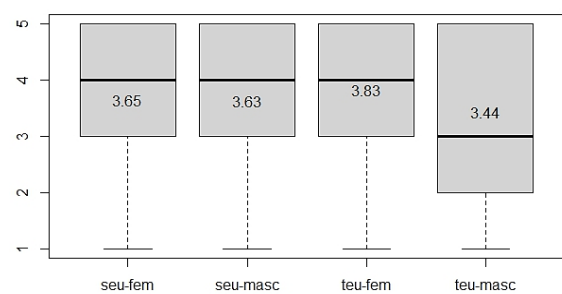
Para finalizar essa subseção, considerando os resultados estatísticos dos dois índices aqui analisados, é possível concluir que o possessivo *teu* locucionado por um homem, dentro de um contexto prosódico *gentil*, foi percebido pelos cariocas como a condição mais *grosseira*, quando comparada com as condições *teu-fem* e *seu-fem*, e a mais *irritada*, quando comparada com a condição *teu-fem*.

### 5.1.3.2 Índices *gentileza* e *delicadeza*

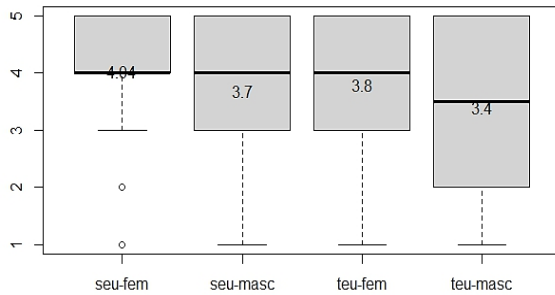
Dando continuidade à apresentação da análise, temos, nos gráficos 31, 32, 33 e 34, a distribuição das notas atribuídas pelos participantes para os índices de *gentileza* e *delicadeza*, a partir dos estímulos auditivos ouvidos com entoação *gentil* nos dois experimentos:



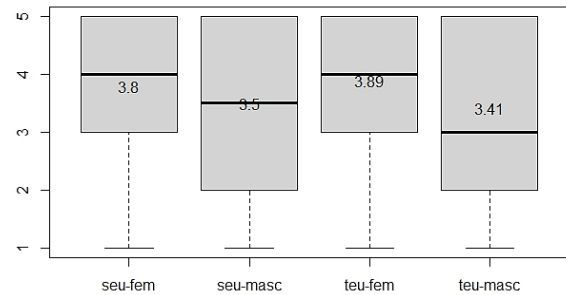
**Gráfico 31.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *gentileza* no contexto *gentil* no primeiro experimento.



**Gráfico 32.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *gentileza* no contexto *gentil* no segundo experimento.



**Gráfico 33.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *delicadeza* no contexto *gentil* no primeiro experimento.



**Gráfico 34.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *delicadeza* no contexto *gentil* no segundo experimento.

Mais uma vez, podemos observar que a condição *teu-masc* foi sempre percebida como a condição menos *gentil* e *delicada*. Para o índice *gentileza*<sup>19</sup>, no primeiro experimento, essa condição registrou sua maior média (3.52), obtendo uma mediana 4, assim como as condições *seu-masc* (média 3.76) e *teu-fem* (média 3.64). Nesse contexto, a condição *seu-fem* (média 4.02) registrou mediana 5. Quanto à dispersão de notas, todas as condições apresentaram um limite inferior até a nota 1; entretanto, apenas *teu-masc* registra sua linha do primeiro quartil no ponto 2 da escala, enquanto as linhas das demais condições se situam no ponto 3. Considerando o segundo experimento, a condição *teu-masc* apresenta média de 3.44 e mediana em 3, diferentemente de todas as outras condições, que apresentam mediana em 4 (*seu-fem* (média 3.65), *seu-masc* (média 3.63) e *teu-fem* (média 3.83)). Quanto aos limites de dispersão, todas as condições exibem um limite inferior até o ponto 1 da escala; a condição *teu-masc*, contudo, é a única que registra a linha do primeiro quartil no ponto 2 da escala, enquanto as outras condições exibem o primeiro quartil no ponto 3.

Passando para o índice de *delicadeza*, no primeiro experimento, a condição *teu-masc* registra uma média de 3.4 e mediana 3.5, diferentemente das demais, que apresentam uma mediana em 4 (*seu-fem* (média 4.04), *seu-masc* (média 3.7) e *teu-fem* (média 3.8)). O primeiro quartil de *teu-masc* se encontra no ponto 2 da escala, e a dispersão inferior dessa condição alcança o ponto 1. Além disso, é curioso observar a dispersão de notas da condição *seu-fem*, que apresenta o terceiro quartil no ponto 5 da escala e o primeiro quartil no ponto 4, sobreposto à mediana, o que indica uma alta concentração de notas no intervalo mais alto da escala, e, conseqüentemente, uma percepção dessa condição como mais *delicada* que as demais. As condições *seu-masc* e *teu-fem* exibem padrões de distribuição idênticos no que se refere ao

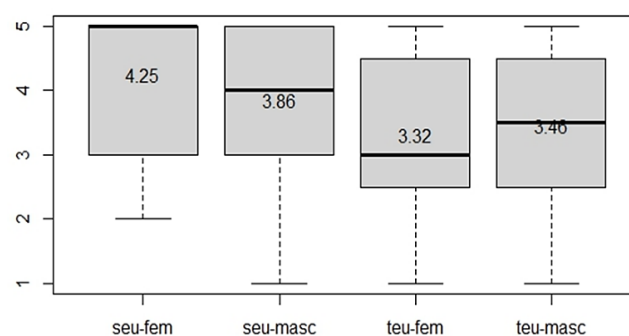
<sup>19</sup> Aqui, observamos a diferença das notas atribuídas às condições *seu-fem* e *teu-masc* no primeiro experimento e no segundo experimento, visto que até o valor de mediana muda de um para o outro, *seu-fem* (mediana 5 no primeiro experimento e 4 no segundo) e *teu-masc* (mediana 4 no primeiro experimento e 3 no segundo). É provável que a repetição do pronome dentro desse contexto fez com que esses estímulos fossem percebidos e avaliados como menos *gentis* do que os estímulos sem a repetição do pronome.



posicionamento dos quartis e linhas de dispersão. No segundo experimento, quanto ao índice *delicadeza*, *teu-masc* apresenta média de 3.41 e mediana em 3. Além disso, a mesma condição tem limite de dispersão inferior posicionado no ponto 1, com o primeiro quartil em 2. As condições *seu-fem* (média 3.8) e *teu-fem* (média 3.07) apresentam os mesmos limites de dispersão inferior (1) e o mesmo posicionamento do primeiro quartil (3). Já a condição *seu-masc* apresenta média e mediana de 3.5, linha do primeiro quartil em 2 e limite de dispersão até o ponto 1 da escala.

No que se refere aos resultados estatísticos, constatamos que, no que tange ao índice de *gentileza*, só houve diferenças significativas na rodada dos julgamentos das participantes mulheres ( $\chi^2 = 10,09$ ,  $p < 0,05$ ), apenas no primeiro experimento. Quanto ao índice *delicadeza*, as diferenças estatisticamente relevantes foram apontadas na rodada geral do primeiro experimento ( $\chi^2 = 7,90$ ,  $p < 0,05$ ).

Considerando a rodada do julgamento das participantes mulheres para o índice *gentileza* no primeiro experimento, verificamos uma comparação estatisticamente significativa: *seu-fem* – *teu-fem* ( $\chi^2 = 2,94$ ,  $p < 0,05$ ). Neste caso, é interessante observar que a diferença envolve as próprias variantes possessivas, já que o falante que locuciona os enunciados, nessas condições, é o mesmo (feminino). Em outras palavras, esse resultado sugere que os participantes cariocas perceberam o possessivo *teu* locucionado por uma mulher (*teu-fem*) como menos *gentil* do que o *seu* locucionado por uma mulher (*seu-fem*), conforme ilustra o gráfico 35, gerado a partir da do julgamento das participantes mulheres:



**Gráfico 35.** Distribuição das notas atribuídas pelas participantes do sexo/gênero feminino através do índice de *gentileza* no contexto *gentil* do primeiro experimento.

Considerando as distribuições observadas no gráfico 35, é possível notar uma diferença mais acentuada entre as condições *seu-fem* e *teu-fem*. A condição *seu-fem* apresenta mediana em 5 e registra média de 4.25. Além disso, a linha do primeiro quartil se encontra no ponto 3 da escala e a linha de terceiro quartil no ponto 5. Já a condição *teu-fem* apresenta mediana em 3 e registra média de 3.32. Esta tem a linha do primeiro quartil entre os pontos 2 e 3 e a linha

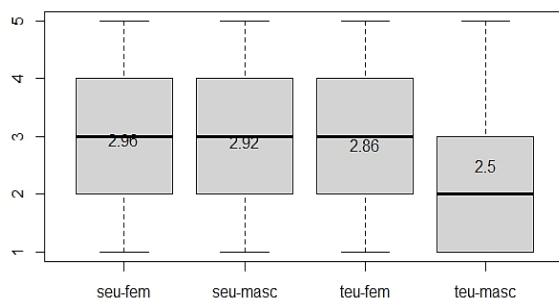
de terceiro quartil entre os pontos 4 e 5 da escala. Cabe destacar, ainda, que esses padrões de julgamento refletem a percepção de participantes mulheres a partir dos estímulos gravados por uma falante do sexo feminino.

No que diz respeito aos resultados estatísticos do índice *delicadeza*, significativos apenas no primeiro experimento, na rodada geral, apenas uma comparação entre condições foi apontada como relevante: *seu-fem – teu-masc* ( $\chi^2 = 2,77$ ,  $p < 0,05$ ). Com isso, é possível dizer que os participantes cariocas perceberam o possessivo *teu*, quando este era locucionado por um homem (*teu-masc*), como menos *delicado* do que o *seu* locucionado por uma mulher (*seu-fem*).

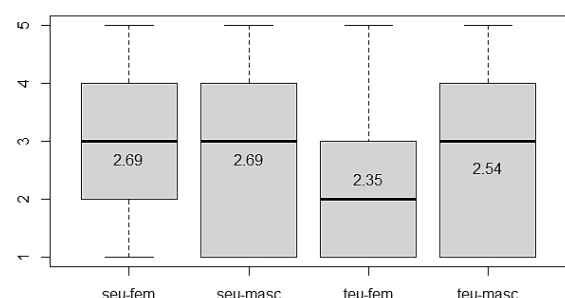
Ao unificar os resultados dos dois índices aqui analisados (*gentileza* e *delicadeza*), é possível concluir que os participantes perceberam, dentro do contexto prosódico *gentil*, a variante *teu*, quando locucionada por uma mulher, como menos *gentil* do que o *seu* também locucionado por uma mulher. Já a variante *teu*, quando locucionada por um homem, foi percebida como menos *delicada* do que *seu* locucionado por uma mulher.

### 5.1.3.3 Índice *formalidade*

Exploraremos, aqui, os julgamentos realizados para o índice de *formalidade*. Nos gráficos 36 e 37, temos a distribuição das notas atribuídas pelos participantes para este índice, a partir dos estímulos auditivos ouvidos com entoação *gentil* nos dois experimentos:



**Gráfico 36.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *formalidade* no contexto *gentil* no primeiro experimento.



**Gráfico 37.** Distribuição das notas atribuídas para o índice *formalidade* no contexto *gentil* no segundo experimento.

Conforme evidenciam os padrões registrados nos gráficos 36 e 37<sup>20</sup>, a condição *teu-masc* mais uma vez teve uma avaliação destacada das demais, tendo sido percebida pelos participantes como a menos *formal* no primeiro experimento, registrando média de 2.5 e

<sup>20</sup> Neste contexto, observamos a diferença das notas atribuídas às condições *teu-fem* e *teu-masc*, visto que no primeiro experimento elas obtiveram as medianas 3 e 2, respectivamente, e no segundo experimento obtiveram as medianas 2 e 3. Sendo assim, é provável que a repetição do pronome dentro desse contexto fez com que a condição *teu-fem* fosse percebida e avaliada como menos formal e a condição *teu-masc* como mais formal.

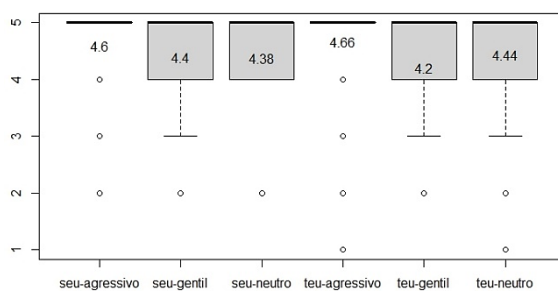
mediana em 2. As demais condições registram mediana em 3 (*seu-fem* (média 2.96), *seu-masc* (média 2.92) e *teu-fem* (média 2.86)). Já no segundo experimento, a condição percebida como menos *formal* foi, curiosamente, *teu-fem*, com média de 2.35 e mediana em 2. As demais condições registram mediana em 3 (*seu-fem* (média 2.96), *seu-masc* (média 2.69) e *teu-masc* (média 2.54)).

Ao verificar se as diferenças observadas entre os padrões de notas são estatisticamente relevantes, através do teste de Kruskal-Wallis, constatamos que não houve significância em nenhuma das comparações, nem no primeiro ( $\chi^2 = 1,66$ ,  $p = 0,19$ ) e nem no segundo experimento ( $\chi^2 = 2,10$ ,  $p = 0,15$ ). Sendo assim, não podemos tirar conclusões confiáveis a partir das distribuições encontradas na estatística descritiva, considerando o contexto prosódico *gentil*, para o índice de *formalidade*.

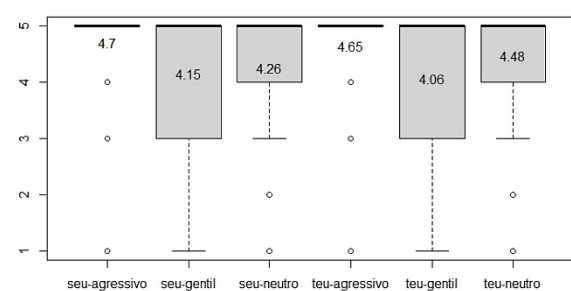
#### 5.1.4 Os índices de *masculinidade* e *feminilidade*

Nesta seção, discorreremos acerca dos resultados obtidos através dos índices *masculinidade* e *feminilidade* nos dois experimentos. Lembramos que estes índices serão comentados de forma destacada porque os seus resultados levam em conta apenas a variável independente *contexto prosódico dos estímulos*. Conforme já mencionamos anteriormente, o índice de *masculinidade* era avaliado somente quando os participantes eram expostos aos estímulos produzidos pelo falante do sexo masculino; do mesmo modo, o índice de *feminilidade* só foi avaliado para os estímulos produzidos pela falante do sexo feminino.

Nos gráficos 38 e 39, temos a distribuição das notas atribuídas para o índice de *masculinidade* em correlação com os contextos prosódicos analisados:



**Gráfico 38.** Notas atribuídas para o índice *masculinidade* no primeiro experimento em correlação com os contextos prosódicos controlados.



**Gráfico 39.** Notas atribuídas para o índice *masculinidade* no segundo experimento em correlação com os contextos prosódicos controlados.

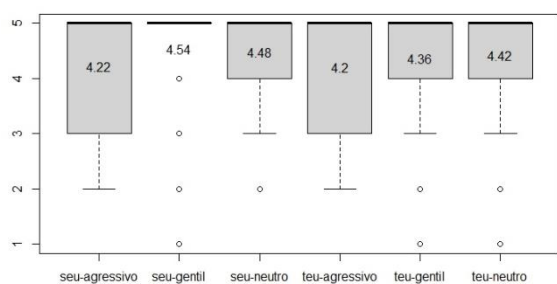
Como podemos observar, os enunciados que traziam os possessivos *seu* e *teu* dentro do contexto prosódico agressivo (*seu-agressivo* e *teu-agressivo*) foram percebidos como os mais masculinos. Nos resultados do primeiro experimento, é possível notar que as condições *seu-*

*agressivo* e *teu-agressivo* obtiveram médias de 4.6 e 4.66, respectivamente, e registram mediana em 5, além de não apresentarem linhas de dispersão. As avaliações dessas duas condições se concentraram no ponto mais elevado da escala, a considerar que tanto as linhas do primeiro quartil quanto as do terceiro quartil se encontram no ponto 5. As demais condições, embora também tenham registrado a mediana em 5, apresentam as linhas do primeiro quartil no ponto 4 da escala e médias numericamente menores: *seu-gentil*, 4.4; *seu-neutro*, 4.38; *teu-gentil*, 4.2; *teu-neutro*, 4.44. Quanto às linhas de dispersão, apenas as condições *seu-gentil*, *teu-gentil* e *teu-neutro* apresentam dispersão inferior até o ponto 3 da escala.

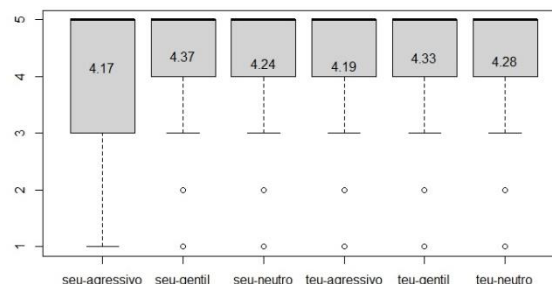
No segundo experimento, observamos um padrão muito similar aos julgamentos encontrados no primeiro, tendo em vista que os enunciados das condições *seu-agressivo* e *teu-agressivo* também foram percebidos como os mais masculinos. Ambas as condições apresentam uma mediana 5 e médias de 4.7 e 4.65, respectivamente, além de não registrarem linhas de dispersão. As outras condições também obtiveram uma mediana 5, mas, novamente, com médias mais baixas: *seu-gentil*, 4.15; *seu-neutro*, 4.26; *teu-gentil*, 4.06; *teu-neutro*, 4.48. Os padrões de distribuição de notas para *seu-gentil* e *teu-gentil* apresentam as linhas do primeiro quartil no ponto 3 da escala e as do terceiro quartil no ponto 5. As condições *seu-neutro* e *teu-neutro*, por sua vez, apresentam as linhas do primeiro quartil no ponto 4 e as do terceiro quartil no ponto 5. No que tange às linhas de dispersão, *seu-gentil* e *teu-gentil* apresentam apenas uma dispersão inferior até o ponto 1, enquanto *seu-neutro* e *teu-neutro* apresentam dispersão inferior até o ponto 3.

Submetendo esses resultados ao teste de Kruskal-Wallis, constatamos que houve diferenças estatisticamente relevantes apenas no segundo experimento ( $\chi^2 = 18,93$ ,  $p < 0,01$ ). Neste, o teste apontou duas comparações entre condições com diferenças significativas: *seu-agressivo* – *teu-gentil* ( $\chi^2 = 3,46$ ,  $p < 0,01$ ) e *teu-agressivo* – *teu-gentil* ( $\chi^2 = 3,08$ ,  $p < 0,05$ ). Com base nesses resultados, podemos afirmar que os participantes cariocas perceberam os enunciados com os possessivos *teu* e *seu*, locucionados com entoação *agressiva*, como mais masculinos do que aqueles em que as mesmas variantes eram locucionadas pelo falante homem com entoação *gentil*. Tal constatação sugere que houve certa interação entre a presença de voz masculina na gravação, a produção dos enunciados de modo agressivo e a percepção de uma maior masculinidade na voz do falante. É interessante observar que essa percepção de masculinidade reduz quando a elocução se dá em um contexto gentil.

Tratemos, a seguir, dos resultados referentes ao índice de *feminilidade*. Nos gráficos 40 e 41, temos a distribuição das notas atribuídas para este índice em correlação com os contextos prosódicos analisados:



**Gráfico 40.** Notas atribuídas para o índice *feminilidade* no primeiro experimento em correlação com os contextos prosódicos controlados.



**Gráfico 41.** Notas atribuídas para o índice *feminilidade* no segundo experimento em correlação com os contextos prosódicos controlados.

Analisando os gráficos, é possível notar que os enunciados que continham a condição *seu-gentil* foram percebidos como os mais *femininos* nos dois experimentos, registrando as médias mais altas dentre todas as condições (1º exp., 4.54; 2º exp., 4.37). No primeiro experimento essa forte associação com o índice de *feminilidade* é mais evidente no padrão de notas presente no gráfico 40. Já no segundo experimento, apesar da média ser a mais alta, o padrão de avaliação da condição *seu-gentil* se assemelha ao das condições *seu-neutro*, *teu-agressivo*, *teu-gentil* e *teu-neutro*: mediana em 5, linha do primeiro quartil no ponto 4 e dispersão inferior até o ponto 3.

É interessante notar que, em ambos os experimentos, encontramos alguma diferença nas médias registradas. No primeiro experimento, os enunciados com contexto prosódico agressivo apresentam as menores médias (*seu-agressivo*, 4.22; *teu-agressivo*, 4.2). O mesmo cenário ocorre no segundo experimento (*seu-agressivo*, 4.17; *teu-agressivo*, 4.19). Mesmo diante de médias distintas, é evidente, através dos padrões de concentração e dispersão, que os participantes avaliaram o índice de forma bastante similar, sem grandes diferenças quanto à utilização da escala numérica. Essa ausência de diferenças notáveis entre as condições foi corroborada pela análise estatística, uma vez que verificamos que não houve nenhuma diferença significativa na comparação entre as condições, em nenhum dos dois experimentos (1º exp.:  $\chi^2 = 3,57$ ,  $p = 0,61$ ; 2º exp.:  $\chi^2 = 1,09$ ,  $p = 0,95$ ). Sendo assim, não é possível dizer, com segurança, que os participantes tenham associado as variantes possessivas *teu* e *seu* ao índice de *feminilidade* em nenhum dos contextos prosódicos.

Percebemos, após analisar os índices *masculinidade* e *feminilidade*, que os participantes, no geral, muitas vezes utilizaram a escala de forma mais taxativa, atribuindo a nota 5 para *masculinidade* ao escutarem uma voz masculina e atribuindo a nota 5 para *feminilidade* toda vez que escutavam uma voz feminina, desconsiderando as possíveis diferenças entre a locução de um estímulo e outro. Tal comportamento, inclusive, pode ser observado a partir dos gráficos

40 e 41 apresentados, tendo em vista que todas as condições, nos dois experimentos, obtiveram uma mediana 5.

Verificamos, ainda, certa relação entre a voz do falante e os aspectos do contexto prosódico. Tendo em vista que, dentro de um contexto *agressivo*, a voz masculina acabava por ser percebida como ainda mais *masculina*. Além disso, também percebemos que houve uma associação do contexto prosódico *gentil* com a voz feminina, tendo em vista que, dentro de um contexto *gentil*, a voz feminina acabava por ser percebida como ainda mais *feminina* (ainda que essa associação não tenha sido apontada como estatisticamente significativa).

Hipotetizamos que tal associação tenha sido criada por conta de questões mais profundas e culturais acerca do estereótipo de *masculinidade* e *feminilidade*, isto é, qual comportamento a sociedade espera dos homens e das mulheres, em geral. Segundo Silva (2008) “na sociedade ocidental esperava-se da mulher atributos ditos ‘naturais’, como maternidade, ternura, compreensão, subjetividade, conciliação etc.; e dos homens, agressividade, ousadia, determinação, objetividade” (Silva, 2008, p.7). Sendo assim, dentro das sociedades ocidentais, de acordo com Silva (2008), é esperado que os homens se portem de maneira mais agressiva, e as mulheres, por outro lado, de maneira mais terna, se aproximando, assim, de uma postura mais gentil. Acreditamos que esses aspectos ajudem a compreender por que os participantes associaram certos contextos prosódicos a um sexo/gênero específico.

Válido mencionar, ainda, que antes da realização dos experimentos não fizemos nenhum comentário ou instrução/explicação a respeito desses índices aos participantes, intencionando não influenciar seus julgamentos perceptivos. Entretanto, considerando os resultados obtidos, notamos que, muito provavelmente, houve um mal entendimento acerca do que estava sendo controlado a partir desses índices. Posto isso, acreditamos que talvez, caso esses experimentos sejam replicados ou esses índices sejam reutilizados em uma nova tarefa experimental, seja necessária uma breve explicação de nossa intenção a partir do controle desses dois índices, considerando toda complexidade envolvida nesses conceitos.

## 5.2. Síntese dos resultados

A fim de elaborar uma síntese dos resultados analisados a partir dos experimentos, apresentamos os quadros 5 e 6, que reúnem os julgamentos que foram estatisticamente significativos. Como o intuito da investigação é observar, em especial, a percepção da variante possessiva *teu* na variedade carioca, a utilizamos como valor de referência para a elaboração dos quadros.

1º Experimento			
ÍNDICES	Contextos prosódicos		
	Agressivo	Neutro	Gentil
[+grosseiro]	teu-masc seu-masc	teu- masc	teu- masc
[-gentil]	teu-masc seu-masc	x	teu- fem
[+masculino]	x	x	x
[+feminino]	x	x	x
[-delicado]	teu-masc seu-masc	teu- masc	teu- masc
[+irritado]	teu-masc seu-masc	teu- masc	teu- masc
[-formal]	teu teu-masc	teu teu- masc	x

**Quadro 5.** Síntese dos resultados estatísticos coletados a partir do primeiro experimento

2º Experimento			
ÍNDICES	Contextos prosódicos		
	Agressivo	Neutro	Gentil
[+grosseiro]	teu-masc seu-masc	teu- masc	x
[-gentil]	teu-masc seu-masc	teu teu- masc	x
[+masculino]	teu seu	x	x
[+feminino]	x	x	x
[-delicado]	teu-masc seu-masc	teu- masc	x
[+irritado]	teu-masc seu-masc	x	x
[-formal]	x	x	x

**Quadro 6.** Síntese dos resultados estatísticos coletados a partir do segundo experimento

Como podemos visualizar, a condição experimental *teu-masc* aparece recorrentemente associada a significados sociais diversos. Além disso, notamos que a estreita interação entre o possessivo *teu* com a voz masculina nos forneceu uma série de aspectos a serem investigados. Acreditamos que essa ênfase na atribuição de julgamentos também se deu por conta dos contextos prosódicos em questão, a considerar que já hipotetizávamos que o contexto entoacional *agressivo* poderia enfatizar a associação de significados às variantes.

Acreditamos, inclusive, que os contextos prosódicos propiciaram a coleta de muitas associações interessantes a respeito das formas possessivas. Considerando os resultados obtidos a partir do contexto prosódico *gentil*, por exemplo, observamos que o uso desse padrão de entoação permitiu captar que os participantes cariocas percebiam a gravação com voz feminina utilizando da variante *teu* de uma forma e a gravação com a mesma voz utilizando *seu* de outra forma. É interessante destacar que, mesmo dentro do contexto prosódico *gentil*, ainda houve uma percepção de menor gentileza quando a variante possessiva empregada era *teu*. Tal evidência, inclusive, vai ao encontro das nossas previsões, já que acreditamos que o possessivo *teu* tende a ser percebido como a estratégia possessiva mais *grosseira* e, concomitantemente a isso, como a menos *gentil*.

Por essa razão, na próxima seção, falaremos um pouco sobre as possíveis correlações entre aspectos suprasegmentais e o fenômeno variável estudado, tendo em vista que os resultados obtidos durante esta investigação têm nos guiado para novos caminhos que precisarão ser devidamente explorados.

### 5.3. Observações gerais acerca dos resultados encontrados

#### 5.3.1. Interação entre percepção e aspectos suprasegmentais

Foi percebida, durante a nossa investigação, uma interação entre os aspectos suprasegmentais e a percepção dos participantes cariocas diante das formas possessivas *teu* e *seu*. Notamos, especificamente, uma estreita relação entre a voz masculina e a presença do possessivo *teu* nos estímulos, a considerar que a condição experimental *teu-masc* foi frequentemente associada a significados sociais distintos. Além disso, percebemos também uma evidente interação entre os aspectos suprasegmentais e a percepção dos participantes cariocas diante das variantes *teu* e *seu*, especialmente no contexto prosódico *agressivo*. Dessa forma, sentimos a necessidade de construir uma breve análise considerando aspectos suprasegmentais, intencionando compreender quais seriam as particularidades das elocuições masculinas e femininas e buscando observar como se deu a interação entre os estímulos auditivos gravados, os contextos prosódicos controlados e os índices utilizados.

Para tanto, apresentaremos as curvas melódicas de alguns dos estímulos auditivos que compuseram o *corpus* de fala gravado para os experimentos. Analisamos essas curvas descritivamente para verificar se e quais aspectos prosódicos podem ter influenciado a percepção dos ouvintes nos experimentos. Serão apresentadas duas curvas entoacionais para cada contexto prosódico em análise, uma delas produzida pela voz masculina e a outra, pela voz feminina. Considerando que, no geral, as elocuições de um mesmo falante dentro de um mesmo contexto prosódico apresentaram curvas bem similares<sup>21</sup>, as análises que serão realizadas, por hipótese, abarcam também aspectos presentes nas curvas melódicas que não serão diretamente representadas.

Segundo Fónagy (1993), a entoação possui diversas funções modais e, para entendê-las, é preciso que haja um entendimento e uma diferenciação do que seriam as expressões prosódicas de atitudes e de emoções. De acordo com o autor, a palavra **atitude** é utilizada para designar um comportamento determinado, consciente, controlado, tendo um componente moral e intelectual, como uma **atitude prosódica** irônica, por exemplo. Já as **emoções**, estariam relacionadas às descargas espontâneas de uma tensão psíquica, como a alegria, a tristeza e a raiva.

Sendo assim, acreditamos que os contextos prosódicos utilizados nesta dissertação (*agressivo*, *neutro* e *gentil*) formam uma espécie de *continuum* prosódico (cf. Aubergé, 2002),

---

<sup>21</sup> Isto é, apresentaram aspectos prosódicos parecidos entre si, como valores de F0 e nível melódico.



em que temos, numa ponta, o contexto *agressivo*, que se relaciona intimamente com aspectos emocionais ligados ao sentimento de raiva. Logo, podemos dizer que este contexto se correlaciona com os aspectos subjetivos mais impulsivos, espontâneos e impensados. No meio, temos o contexto *neutro*, que, em teoria, não pressupõe nenhuma subjetividade, se portando como uma ação/ um ato ilocucionário desprovido de uma intenção específica. Depois, localizado na outra ponta, temos o contexto *gentil*, que se associa aos aspectos subjetivos que são intelectualmente mais elaborados, tendo em vista que seriam mais atitudinais, por envolverem questões de *performance* e *intencionalidade* dos indivíduos. Isto posto, o padrão melódico *agressivo* presumiria questões expressivas impulsivas, correlacionadas à **emoção**; já o padrão melódico *neutro* inferiria justamente o que o próprio nome diz: aspectos sem intenção ilocucionária específica definida; por fim, um padrão melódico *gentil* se relacionaria com aspectos mais ponderativos e **atitudinais**.

Outra maneira de compreender os aspectos apontados é notar que uma exteriorização de uma postura *agressiva* precisaria apenas de um nível mais expressivo por parte do falante, “uma descarga espontânea de uma tensão psíquica” (Fónagy, 1993, p.27), como o uso de uma voz com um nível melódico mais forte, por exemplo. Já para performar uma atitude *neutra*, o falante contaria apenas com o nível linguístico, atenuando esse lado mais expressivo. Por fim, para expressar uma atitude mais *gentil*, o falante precisaria recorrer tanto ao nível linguístico quanto ao expressivo, pois, segundo Fónagy (1993), as atitudes costumam ser conscientes, controladas e intelectuais. Por essa razão, acreditamos que a pessoa demonstraria um cuidado extra para transmitir a sua intenção de gentileza, tanto através de seu próprio corpo, produzindo uma fala com um nível melódico mais baixo, quanto através de sua linguagem, colocando mais pausas em sua fala, por exemplo.

Tal observação, inclusive, pôde ser verificada no momento de gravação dos estímulos, pois percebíamos uma atenção maior ou menor à própria fala e ao próprio corpo a depender do comando recebido. Os falantes, no momento de gravação, aumentavam seu tom de voz e esticavam seu corpo para realizar as elocuições *agressivas*; já para realizar as elocuições *gentis*, diminuíam consideravelmente o seu tom de voz, curvavam mais o corpo e falavam mais pausadamente. Por outro lado, para produzir as elocuições *neutras* eles apenas voltavam a sua atenção para a leitura da frase, sem se preocupar com a sua performance de corpo. Ressaltamos ainda que os contextos prosódicos *agressivo* e *gentil* são considerados, aqui, como os mais marcados, justamente por estarem relacionados a questões mais expressivas, que seriam mais fáceis de serem “percebidas” e “notadas” pelos falantes.

Isto posto, essas características mencionadas nos apontam certas direções a serem esperadas na análise das curvas melódicas. Presumimos que as curvas melódicas *agressivas* serão marcadas por um nível melódico mais alto e uma ausência de pausas, que inferem, inclusive, um estágio de atenção menor à fala. Por outro lado, esperamos que as curvas melódicas *gentis* sejam marcadas por um nível melódico baixo e pela utilização de estratégias de pausa, que infeririam justamente um cuidado a mais que foi realizado até mesmo através da própria fala. Já para o contexto *neutro*, hipotetizamos que este se posiciona no centro desses dois extremos, mantendo um nível melódico médio, podendo ter pausas.

Contudo, como também controlamos outros fatores, a investigação se torna ainda mais complexa, considerando que todos os aspectos já presentes nos contextos prosódicos se cruzam com os aspectos de cada índice controlado, sem contar com a influência da alternância entre as vozes masculinas e femininas utilizadas nos estímulos auditivos. Levando em consideração todos os índices controlados, acreditamos que cada um deles apontaria para uma parte específica deste *continuum*. Os índices de *grosseria* e *irritação*, por exemplo, se aproximariam bastante do contexto prosódico *agressivo*, pressupondo uma questão maior de expressividade, emotividade e impulsividade. Quanto ao índice de *formalidade*, por se tratar de uma questão mais linguística, vinculada aos diferentes registros de linguagem, se posicionaria no centro, próximo ao contexto prosódico *neutro*, que, em tese, não pressuporia níveis de subjetividade. Já os índices *gentileza*, *delicadeza*, *masculinidade* e *feminilidade* se relacionariam aos aspectos intelectualmente mais elaborados, que envolvem uma questão de *performance* do indivíduo; estes seriam os mais difíceis de serem captados por serem, justamente, mais subjetivos. A interação entre os índices e os contextos prosódicos já nos originariam muitas possibilidades; porém, outro fator entra na análise, tornando toda a investigação ainda mais complexa: o sexo/gênero do falante que locucionou os possessivos *teu* e *seu*.

Para adentrarmos nessa discussão, primeiramente precisamos diferenciar as principais características da voz masculina e da voz feminina. De acordo com Barbuio (2016), podemos considerar as vozes que existem dentro de uma faixa mais **aguda** como tendo um *pitch* alto. Sendo assim, as vozes mais **graves** seriam aquelas de *pitch* baixo. As vozes masculinas, como costumam ser mais graves do que as femininas, apresentam menor valor de F0, percebido como *pitch* mais grave, mais baixo. Tal diferença, segundo o autor, se dá por conta de fatores biológicos, tendo em vista que os homens possuem um maior volume em suas pregas vocais, o que faz com que elas vibrem em uma velocidade mais lenta, gerando menos ciclos glóticos por segundo, alcançando um menor valor de F0.

Considerando os aspectos apresentados, citamos também Gussenhoven (2002), que aponta em seu estudo a existência de diversos significados que são associados a uma voz prototipicamente feminina, isto é, a uma voz que possui um *pitch* mais alto. Segundo Gussenhoven (2002), significados como *simpatia* e *polidez* são associados à voz feminina, já que um tom de voz alto geralmente leva a pontuações altas em escalas semânticas para ‘educado’, ‘não agressivo’ e ‘amigável’ nos experimentos com entoação dos estudos de percepção. Isto posto, por lógica, os índices *delicadeza* e *gentileza* seriam naturalmente associados à voz feminina, e seus opostos, como *grosseria* e *irritação*, associados à voz masculina. Seguindo esse mesmo raciocínio, hipotetizamos, para este estudo, que a voz masculina seria a mais marcada por ser, justamente, a voz que é comumente associada aos contextos prosódicos mais marcados e expressivos, como os *agressivos*. Por outro lado, a voz feminina circularia de forma mais fluida entre os diferentes contextos.

Além disso, esperávamos que, quando um índice se aproximasse de aspectos mais linguísticos, como o de *formalidade*, por exemplo, a atenção dos participantes se voltaria mais para a forma pronominal do que para os aspectos suprasegmentais. Porém, quando o índice se aproximasse de questões mais expressivas, como os índices de *grosseria* e *gentileza*, a atenção do falante para as formas pronominais ficaria em segundo plano, enquanto os fatores mais expressivos e suprasegmentais passariam a funcionar como os fatores principais a serem avaliados. Acreditamos, inclusive, que foi justamente isso que aconteceu com os estímulos auditivos do contexto prosódico *agressivo*, pois os falantes realizaram uma associação direta, independentemente do possessivo que estava sendo locucionado, da voz masculina com os índices utilizados.

Assumimos, pois, que os resultados dos experimentos evidenciam esse efeito de interação entre as diferentes variáveis em jogo, algo que ficou mais evidente na interação entre a voz masculina e os índices e contextos prosódicos mais expressivos. Notamos que a condição *teu-masc* foi frequentemente associada a *significados sociais* diversos e o uso do possessivo *teu* pelo falante do sexo masculino acabou por figurar como: o contexto mais *informal* dentre os que foram classificados como *informais*; o mais *grosseiro*, dentre os contextos que foram julgados como *grosseiros*; o menos *gentil*, dentre os contextos que foram julgados como menos *gentis*.

Sendo assim, por diversas vezes, especialmente dentro do contexto prosódico *agressivo*, acreditamos que a percepção dos participantes foi guiada pelas características das vozes dos falantes nas gravações, e não necessariamente (ou exclusivamente) pela variação dos possessivos em si. Isto posto, discorreremos, nas linhas subsequentes, um pouco mais sobre as

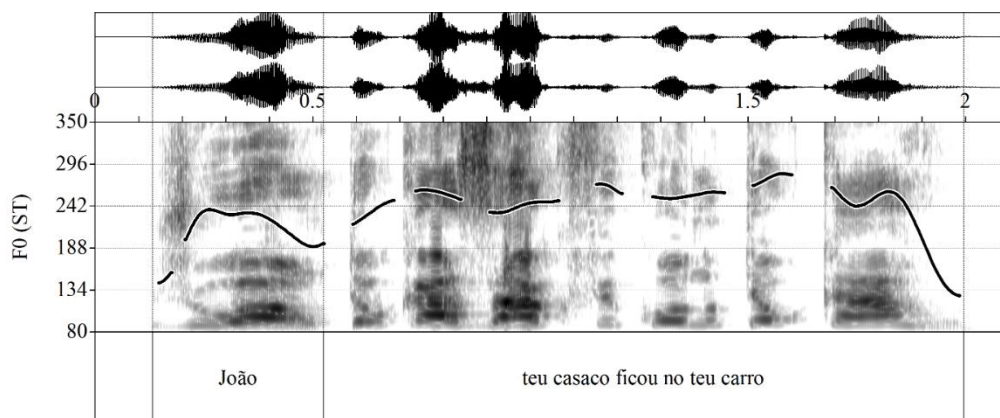
potenciais influências das vozes feminina e masculina sobre a investigação do fenômeno variável em foco.

• **Voz masculina x voz feminina: como podem ter influenciado a percepção dos participantes diante do fenômeno em questão?**

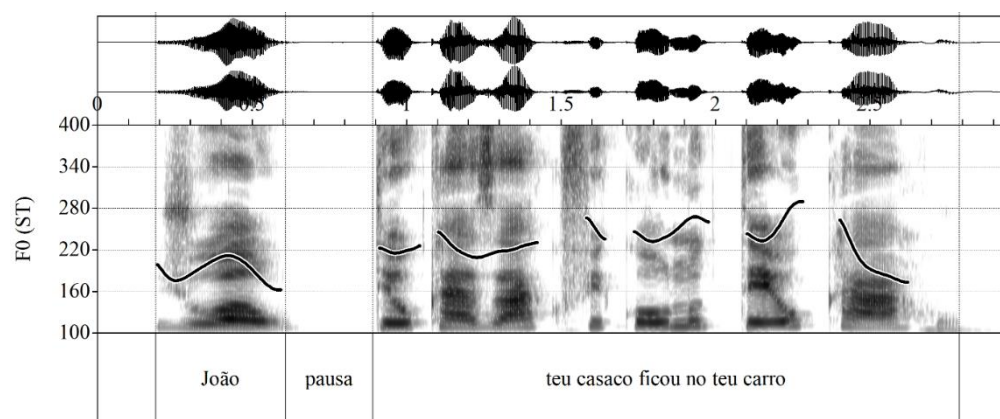
Com o intuito de apontar e discutir acerca das duas vozes utilizadas nos estímulos auditivos dos experimentos, serão colocadas aqui duas figuras com duas curvas melódicas diferentes, uma produzida pelo falante de sexo masculino e outra produzida pela falante do sexo feminino, respectivamente. Estas se referem ao enunciado “João, *teu* casaco ficou no *teu* carro” sendo produzido de forma *agressiva*. Escolhemos para essa análise o contexto prosódico *agressivo*, já que percebemos que, dentro deste contexto, grande parte dos julgamentos realizados se deram sob a influência dos aspectos suprasegmentais. Notamos que, por diversas vezes, os participantes parecem ter avaliado os estímulos auditivos considerando a oposição entre voz masculina e voz feminina, e não necessariamente o contraste entre as variantes possessivas *teu* e *seu*.

A elocução masculina, na maioria dos índices analisados neste contexto, parece ter neutralizado a percepção dos significados sociais que podem ser associados aos pronomes possessivos; a influência do sexo/gênero do falante para o fenômeno era tanta que identificamos que a voz do próprio falante parece ditar a direção dos julgamentos perceptivos. Sendo assim, a partir da análise dos resultados, percebemos que a produção das variantes, *teu* ou *seu*, nos estímulos auditivos parece ter ficado em segundo plano, já que o que determinou o julgamento dos índices mais expressivos (*grosseria, irritação, masculinidade, delicadeza e gentileza*), no contexto *agressivo*, foi o fato de o estímulo auditivo ser locucionado pelo falante do sexo masculino.

A partir dessa análise, pretendemos compreender o porquê de a voz masculina ter se mostrado tão influente neste contexto prosódico em relação à voz feminina, e o porquê de a variável sexo/gênero do falante ter influenciado significativamente na percepção dos participantes. Vejamos as figuras 7 e 8, que representam as duas curvas melódicas mencionadas:



**Figura 7:** Enunciado “João, teu casaco ficou no teu carro” sendo pronunciado com entoação *agressiva* pelo falante do sexo masculino



**Figura 8:** Enunciado “João, teu casaco ficou no teu carro” sendo pronunciado com entoação *agressiva* pela falante do sexo feminino

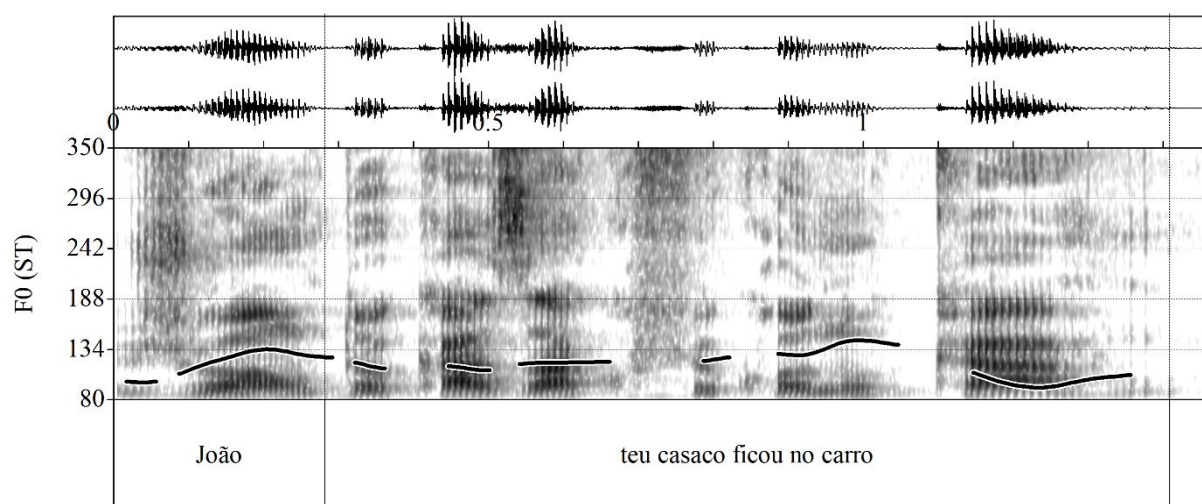
Como pode ser observado, a curva melódica da voz masculina é bem mais robusta e elevada do que a feminina. Por essa razão, acreditamos que as diferenças entre a fala agressiva com voz feminina e a fala agressiva com a voz masculina fizeram com que os participantes utilizassem esse contraste para o julgamento e, de certo modo, percebessem a voz feminina, no geral, como menos agressiva. Além disso, como veremos nas seções subsequentes, não há uma diferenciação muito evidente entre as elocuições femininas nos diferentes contextos prosódicos utilizados. Sendo assim, o alto nível melódico observado na curva melódica da voz masculina pode explicar o porquê de ela ter se mostrado tão influente neste contexto em relação à voz feminina, e o porquê de o sexo/gênero do falante ter influenciado tanto na percepção dos participantes.

- Comentários gerais a respeito do contexto prosódico *neutro*

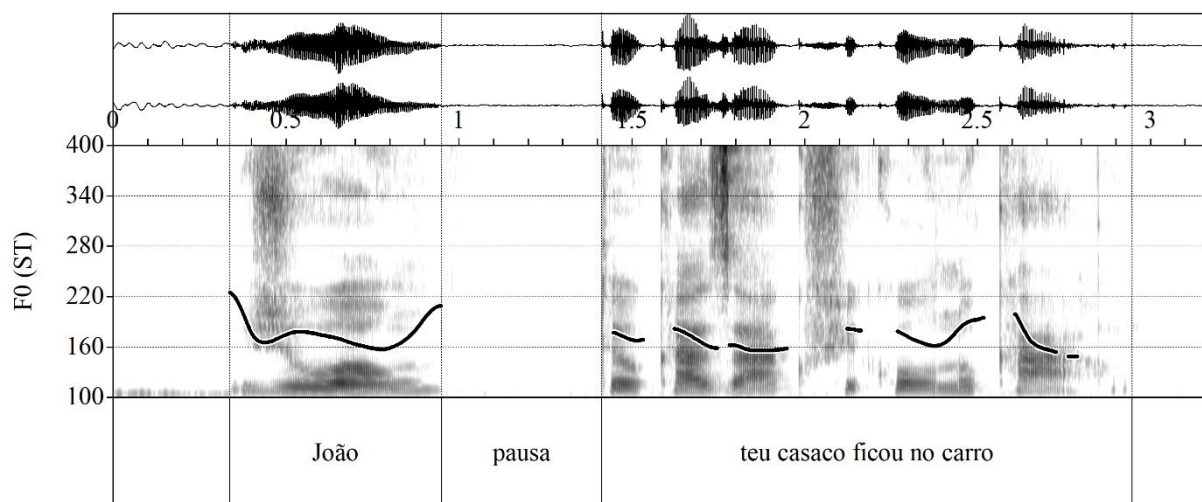
Considerando as curvas entoacionais de todos os contextos prosódicos utilizados, o padrão melódico *neutro* se caracteriza por ser, como o seu próprio nome já denuncia, um padrão melódico mais neutro e central. Sendo assim, esse contexto pressupõe a existência de curvas

melódicas mais lineares, constantes e menos marcadas. No que se refere à entoação neutra, esperávamos encontrar curvas entoacionais que iriam: (i) registrar valores mais baixos de frequência fundamental; (ii) apresentar uma baixa flutuação melódica; (iii) possuir um padrão melódico baixo desde o início da curva entoacional; (iv) apresentar ou não uma pausa entre o vocativo e o restante da frase, a depender da estratégia prosódica de cada falante para a produção de um enunciado prosodicamente *neutra*.

Intencionávamos, a partir da produção de uma elocução *neutra*, captar uma gravação em que o falante não expressisse nenhuma emoção ou atitude através da prosódia de sua fala. Por essa razão, não conseguiríamos prever ou esperar a presença de uma pausa entre o vocativo e o restante da frase. Nas figuras 9 e 10, temos, a título de observação, as curvas entoacionais do estímulo auditivo com a sentença “João, *teu* casaco ficou no carro” sendo produzida com uma entoação *neutra* pelos falantes dos sexos masculino e feminino, respectivamente:



**Figura 9:** Enunciado “João, *teu* casaco ficou no carro” sendo pronunciado com entoação *neutra* pelo falante do sexo masculino



**Figura 10:** Enunciado “João, *teu* casaco ficou no carro” sendo pronunciado

com entoação *neutra* pela falante do sexo feminino

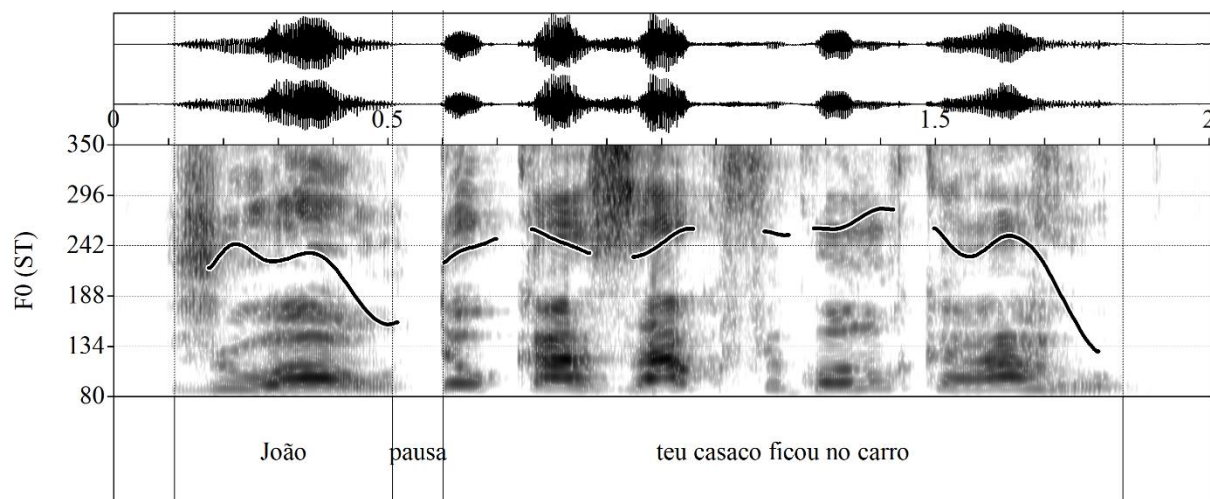
Podemos observar nas figuras 9 e 10 que a curva melódica *neutra* produzida pelo falante do sexo masculino, em oposição à elocução feminina: (i) registra o menor valor de F0, chegando a quase 80 Hz; (ii) apresenta uma menor flutuação melódica; (iii) possui um padrão melódico bem baixo desde o início; (iv) não apresenta uma pausa entre o vocativo e o restante da frase. Por outro lado, a curva melódica *neutra* produzida pela falante do sexo feminino: (i) registra um valor bem maior de F0, partindo de 220 Hz; (ii) se mantém um pouco menos constante, apresentando uma maior flutuação melódica; (iii) apresenta um padrão melódico bem alto no início (220Hz); (iv) registra uma pausa bem maior entre o vocativo e o restante da frase.

Neste contexto, é possível notar que a curva melódica feminina e a curva melódica masculina não se diferenciam tanto. Tal fato, inclusive, pode ser observado de maneira empírica, através da análise dos julgamentos atribuídos aos estímulos auditivos *neutros* pelos participantes, já que, nesse contexto, observamos que não houve uma interação tão intensa entre os aspectos suprasegmentais e o fenômeno analisado. Percebemos que nesse contexto a entoação da voz do produtor do estímulo auditivo não atuou como um fator determinante para a avaliação dos falantes no experimento, e a atenção dos participantes se voltou para as formas possessivas *teu* e *seu*. Além disso, notamos que os índices que foram julgados a partir dos estímulos auditivos de entoação *neutra* receberam notas mais equilibradas e menos categóricas.

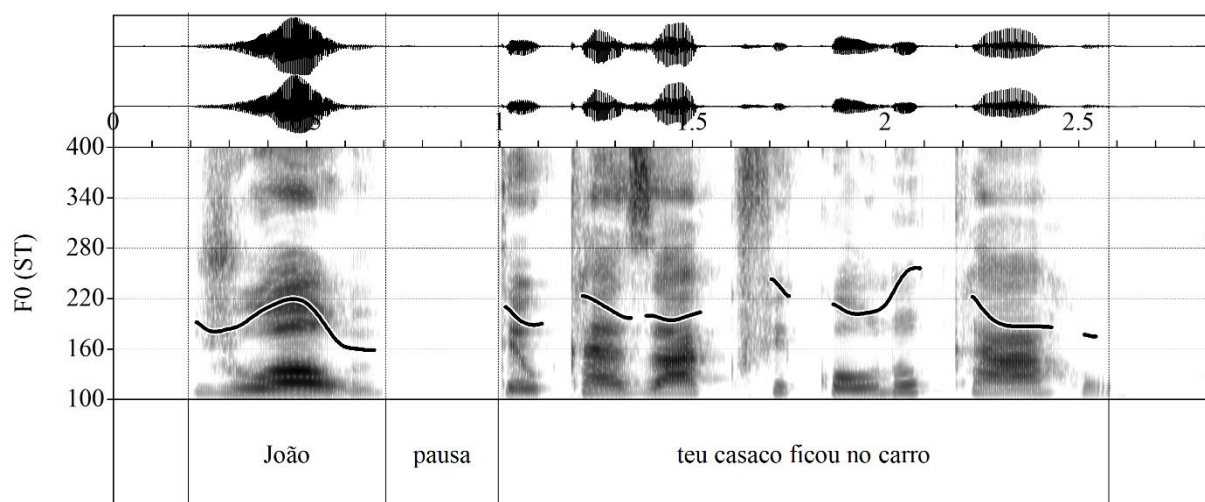
- Comentários gerais a respeito do contexto prosódico *agressivo*

Considerando, agora, as curvas entoacionais do contexto prosódico *agressivo*, podemos dizer que este pressupõe uma série de aspectos entoacionais. Dentre esses aspectos, as curvas entoacionais *agressivas* geralmente: (i) registram níveis mais altos de frequência fundamental (F0); (ii) apresentam maior flutuação melódica, isto é, mais inflexões melódicas; (iii) possuem um padrão melódico alto desde o início, já a partir da pronúncia do vocativo; (iv) exibem uma breve pausa entre o vocativo e o restante da frase.

Observemos então, as figuras 11 e 12, que exibem as curvas entoacionais do estímulo auditivo com a sentença “João, *teu* casaco ficou no carro” sendo produzida com uma entoação *agressiva* pelos falantes que gravaram os estímulos auditivos:



**Figura 11:** Enunciado “João, teu casaco ficou no carro” sendo pronunciado com entoação *agressiva* pelo falante do sexo masculino



**Figura 12:** Enunciado “João, teu casaco ficou no carro” sendo pronunciado com entoação *agressiva* pela falante do sexo feminino

Nas figuras 11 e 12, é possível observar algumas características que mencionamos acerca do padrão entoacional *agressivo*. No geral, o contexto prosódico *agressivo* pressupõe um alto nível de padrão melódico que se inicia já no vocativo. De acordo com Williams & Stevens (1972), a mudança de F0 é um dos principais correlatos para veicular emoções. Podemos notar que na expressão de agressividade houve um aumento na média de F0 em relação à situação *neutra*. Além disso, contrapondo as duas curvas entoacionais em questão, constatamos que a curva melódica *agressiva* produzida pelo falante do sexo masculino, em oposição à elocução feminina: (i) registra o maior valor de F0, chegando a quase 296 Hz; (ii) apresenta uma maior flutuação melódica; (iii) possui um padrão melódico bem alto desde o



início (242Hz); (iv) apresenta uma breve pausa entre o vocativo e o restante da frase, aspecto característico de uma fala *agressiva*<sup>22</sup>.

Por outro lado, a curva melódica *agressiva* produzida pela falante do sexo feminino: (i) registra um valor menor de F0, chegando a, no máximo, quase 280 Hz; (ii) se mantém mais constante, apresentando uma menor flutuação melódica, não sendo possível observar uma diferenciação muito marcada dos níveis melódicos; (iii) possui um padrão melódico não tão alto desde o início, sendo este menor do que 220Hz; (iv) exibe uma pausa maior entre o vocativo e o restante da frase (tal recurso, muito provavelmente, concedeu uma maior suavidade na fala, amenizando, mais uma vez, os traços *agressivos* da elocução).

Como mencionamos, uma das características mais importantes da curva melódica *agressiva* é o aumento da altura do nível melódico, fato já atestado por diversos estudos (Leinonen et alii, 1997; Mozziconacci, 1998; Williams & Stevens, 1972). Vemos que a elocução *agressiva* masculina apresentou um nível melódico muito maior do que a elocução feminina. Os estímulos produzidos pela falante do sexo feminino até exibem um alto nível melódico em alguns momentos da curva, caracterizado pelo número alto de F0; porém, notamos também que esse nível melódico não se mantém constante por toda a frase, ocasionando uma perda dos aspectos melódicos de *agressividade* nas gravações. Ademais, como a sentença selecionada se trata de uma asserção, também é esperado que haja uma descendência da curva melódica ao final (Moraes, 1984), e é bem notável que a curva melódica masculina, por apresentar níveis mais altos de F0, exibe uma descendência muito mais brusca em comparação à curva feminina.

É importante dizer também que a entoação *agressiva* realizada pela falante do sexo feminino é perceptível ao nível de oitivas, isto é, ao escutarmos os estímulos, é possível notar o aumento do nível melódico da elocução para a expressão da *agressividade*. Entretanto, quando colocamos as gravações em oposição (feminina e masculina), é possível entender o porquê de os falantes terem percebido os estímulos auditivos que foram produzidos pelo falante de sexo masculino como consideravelmente mais *agressivos* do que as elocuições *agressivas* femininas.

- Comentários gerais a respeito do contexto prosódico *gentil*

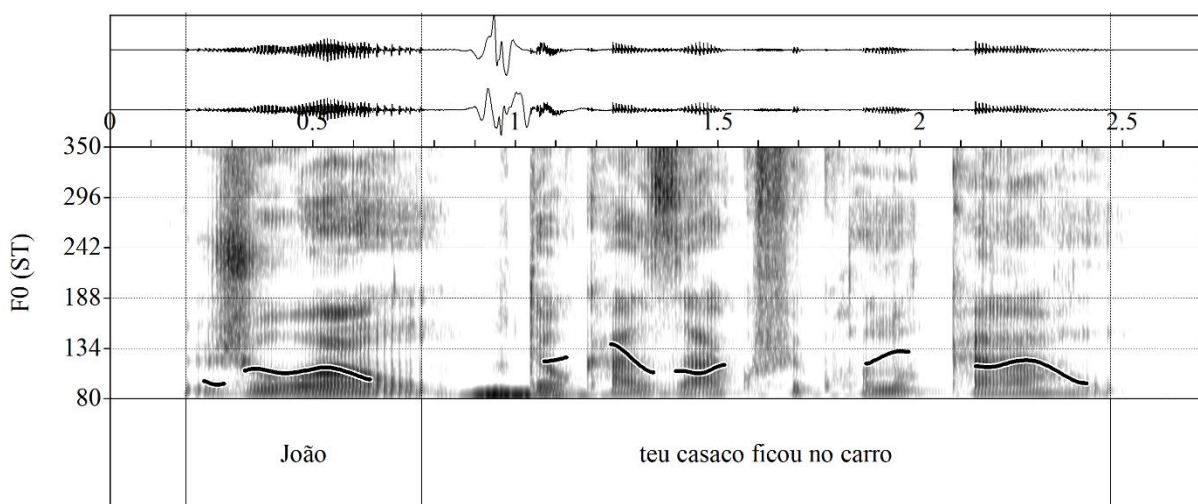
No que se refere ao contexto *gentil*, observamos que este se caracterizou como um contexto prosódico pouco marcado, tendo em vista que este pressupõe pouca flutuação

---

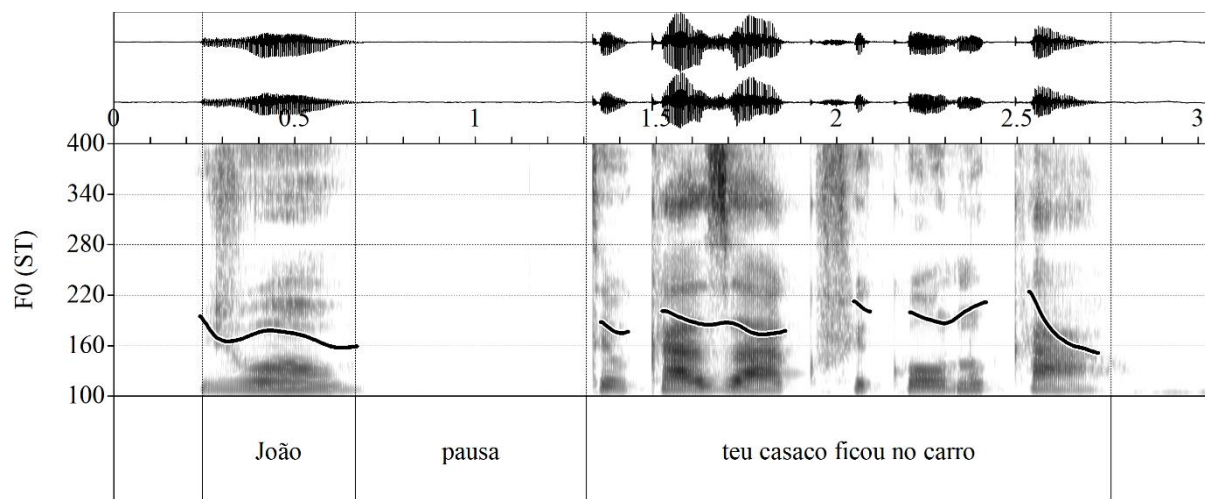
<sup>22</sup> A raiva é descrita por diversos estudos como uma emoção de padrão prosódico marcado pela presença de “poucas pausas longas”. “A categoria da Prosódia, por seu turno, constatou que a Raiva se caracterizou por poucas pausas longas” (Pereira, 2021).

melódica e um baixo nível de frequência fundamental, características opostas ao contexto mais marcado, o *agressivo*. As curvas entoacionais *gentis*, no geral: (i) registraram níveis baixos de frequência fundamental; (ii) apresentaram baixa flutuação melódica; (iii) possuíam um padrão melódico baixo desde o início da curva entoacional; (iv) exibiam uma pausa entre o vocativo e o restante da frase.

O contexto *gentil*, no geral, por possuir aspectos melódicos mais sutis a nível de oitivas, poderia acabar se aproximando bastante do contexto *neutro*, já que os dois contextos pressupõem características muito similares. Porém, o que foi observado é que o contexto prosódico *gentil* amenizou a associação dos significados sociais com as variantes possessivas *teu* e *seu*, enquanto o contexto *neutro* propiciou o surgimento de mais resultados que foram estatisticamente selecionados. Nas figuras 13 e 14, dispostas a seguir, vemos as curvas entoacionais do estímulo auditivo com a sentença “João, *teu* casaco ficou no carro” sendo produzidas com a entoação *gentil* por um homem e por uma mulher, respectivamente:



**Figura 13:** Enunciado “João, *teu* casaco ficou no carro” sendo pronunciado com entoação *gentil* pelo falante do sexo masculino



**Figura 14.** Enunciado “João, teu casaco ficou no carro” sendo pronunciado com entoação *gentil* pela falante do sexo feminino

Como pode ser observado nas figuras 13 e 14, as curvas melódicas *gentis* se aproximam bastante das curvas melódicas do contexto *neutro*. Notamos que uma das estratégias mais evidentes de diferenciação da elocução *neutra* e para elocução *gentil*, adotada pela falante do sexo feminino, foi o prolongamento da pausa entre o vocativo e o restante da frase. Neste contexto, é possível observar uma considerável pausa entre o vocativo e o restante do enunciado, na elocução feminina, posto isso, vemos que essa falante se utilizou dessa pausa como estratégia prosódica para soar mais *gentil*. Evidência que corrobora com os nossos resultados, já que as elocuições femininas foram, de fato, percebidas como mais *gentis* segundo as avaliações dos participantes. Além disso, observamos que a pausa é utilizada como uma estratégia melódica recorrente pela informante feminina, variando a depender do contexto prosódico em voga, ou seja, há um contínuo onde: mais *agressivo* – menor pausa; *neutro* – pausa; *gentil* – maior pausa.

Mencionemos ainda, que é interessante perceber que a informante feminina se utilizou da pausa para parecer *gentil* e o informante masculino não, posto que este adotou uma outra estratégia, o nível melódico baixo. Tal evidência está de acordo com o que foi observado anteriormente – a voz masculina naturalmente é associada a contextos mais agressivos; enquanto a voz feminina é mais fluida, utilizando-se de uma estratégia de outra ordem (a pausa), para diferenciar tais contextos.

Considerando a curva melódica produzida pela voz feminina dentro deste contexto, em especial, é possível notar que o nível prosódico de toda a sua elocução é praticamente o mesmo, não havendo muitas alterações melódicas. Sendo assim, a estratégia mais visível que a falante adotou para soar mais *gentil* e diferenciar seus contornos melódicos já produzidos nos outros contextos, foi fazer uma pausa mais prolongada entre a pronúncia do vocativo e o restante da

frase. Importante mencionar também que a pausa realizada neste contexto praticamente dobra em relação à pausa que a falante havia realizado no contexto prosódico *agressivo*; este foi um recurso linguístico e prosódico pessoal, não instruído.

Quando olhamos para a curva melódica *gentil* produzida pelo falante do sexo masculino, em comparação com a curva feminina, notamos que essa: (i) registra o menor valor de F0, chegando a quase 80 Hz; (ii) apresenta uma menor flutuação melódica; (iii) possui um padrão melódico bem baixo desde o início; (iv) não exhibe uma pausa entre o vocativo e o restante da frase. Mencionamos, ainda, que tal curva se assemelha bastante com a curva produzida no contexto *neutro*, se diferenciando apenas pela pausa entre o vocativo e o restante da sentença. Por outro lado, a curva melódica *gentil* produzida pela falante carioca de sexo feminino: (i) registra um valor maior de F0, partindo de 220 Hz; (ii) se mantém um pouco menos constante, apresentando uma maior flutuação melódica; (iii) apresenta um padrão melódico consideravelmente mais alto no início (quase 220Hz); (iv) exhibe uma pausa bem maior entre o vocativo e o restante da frase.

Para concluir, reiteramos que, ainda que a voz feminina registre um maior valor de F0, esse aspecto não faria com que esse estímulo não fosse percebido pelos falantes como menos *gentil*, pois é natural que as curvas melódicas masculinas possuam valores de F0 menores do que as femininas, tendo em vista que “o F0 da voz feminina é geralmente o dobro da masculina” (Barbuio, 2016, p. 63). Tal aspecto valida o fato de o contexto *agressivo* ser mais marcado, tendo em vista que apenas neste contexto foi possível encontrar a voz masculina registrando uma F0 maior do que a da voz feminina.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação se propôs a analisar a *percepção* e a *avaliação* dos falantes do Português Brasileiro (PB) - naturais da cidade do Rio de Janeiro - diante dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular (2SG) *teu* e *seu*. Para tal, foram investigados, neste estudo, os *significados sociais* indexicalizados a essas variantes, sobretudo a variante *teu*, buscando nos aprofundar em questões mais estilísticas acerca do tema, retomando uma questão já antiga no âmbito da Sociolinguística (Labov, 1963), mas que, por certo tempo, acabou ficando em segundo plano na maior parte dos trabalhos da área. Com o intento de concluir este trabalho, serão retomadas algumas questões e hipóteses que conduziram nossa investigação, buscando confrontá-las com os resultados mais relevantes que foram obtidos através dos experimentos propostos.

No geral, os resultados obtidos a partir dos experimentos forneceram evidências favoráveis às hipóteses em análise<sup>23</sup>. Primeiramente, observamos que os falantes cariocas *percebem* e *avaliam* as formas possessivas *teu* e *seu* como estratégias possessivas dissemelhantes, visto que eles avaliaram os enunciados com os pronomes *teu* e *seu* de maneira distinta, registrando diferentes padrões de notas através da escala de cinco pontos a depender do possessivo que estava sendo avaliado. É válido pontuar, ainda, que isso ocorre independentemente do contexto no qual os possessivos estavam inseridos, isto é, o julgamento dos falantes era diferente para cada uma das formas possessivas, ainda que elas estivessem no mesmo contexto prosódico ou sendo locucionadas pela voz de um mesmo falante.

Além disso, reunimos evidências de que os falantes cariocas são mais sensíveis sociolinguisticamente à presença da forma possessiva *teu*, tendo em vista que foi observado que o possessivo *teu* foi associado a *significados sociais* diversos, podendo envolver tanto uma questão *informalidade*, quanto de *grosseria/irritação*. Por outro lado, constatamos que a percepção do possessivo *seu* se dá de forma mais fluida entre os falantes e não se associa significativamente aos índices controlados. Tal evidência pode ser percebida através de nossos resultados selecionados como estatisticamente relevantes pelo programa *Action Stat*, a considerar que estes, na maioria das vezes, sempre envolviam a variante *teu* em oposição a

---

<sup>23</sup> Importante mencionar que os resultados encontrados nesta análise apresentam evidências que reforçam e demonstram a variabilidade e a sistematicidade da percepção e da avaliação, posto que estas não se dão de forma aleatória, e sim de maneira sistemática e predizível.

outra, ou seja, sempre tínhamos um quadro em que o *teu* estava sendo, necessariamente, contraposto com outro *teu* ou com o possessivo *seu*.

Em contrapartida, a variante *seu* quase nunca era colocada em oposição com outro *seu*, isso só aconteceu no contexto prosódico *agressivo* considerando os índices mais subjetivos (*grosseria/irritação* e *gentileza/delicadeza*), quando a diferença entre a avaliação das condições se deu a partir da influência de aspectos suprasegmentais. Ademais, podemos citar também as entrevistas realizadas na primeira etapa de nossa investigação, visto que a partir dos apontamentos coletados é possível notar que o possessivo *teu* apresenta (figura 2) uma nuvem de palavras bem densa e preenchida, enquanto o possessivo *seu* obteve uma nuvem de palavras (figura 3) bem menos robusta.

Importante dizer também que os resultados de *percepção* aqui encontrados dialogam com os resultados das pesquisas de *produção*, especialmente no que diz respeito ao índice de *formalidade* (Pereira, 2016; Tosi, 2021). Em tais estudos, as autoras perceberam que há, na variedade carioca, uma notável preferência do emprego do possessivo *teu* nos contextos nos quais envolve um maior nível de *intimidade* e *proximidade* entre os interlocutores. Sendo assim, a variante *teu* é geralmente associada aos contextos *informais*. E no que tange à presente investigação, pautada nos aspectos *perceptivos* do fenômeno, percebemos que o possessivo *teu* também foi associado à *informalidade*, sendo *percebido* e *avaliado* pelos falantes como uma estratégia possessiva de 2SG mais *informal* do que a estratégia possessiva *seu*.

Considerando nossos resultados estatísticos, serão apresentados os *significados sociais* que foram atribuídos à variante possessiva *teu* nos experimentos propostos. Para isso, faremos uma divisão considerando cada contexto prosódico, porém a divisão entre as rodadas (*geral, pronomes e julgamento das mulheres*), e a divisão entre experimento 1 e 2 não será realizada, visto que a repetição das variantes em um mesmo enunciado não foi significativa em termos estatísticos e os resultados do segundo experimento (com a repetição dos pronomes possessivos) foram bem similares aos resultados obtidos no primeiro experimento (sem repetição).

A começar pelo contexto prosódico *neutro*, podemos dizer que os falantes cariocas, no geral, associaram o possessivo *teu*, quando locucionado por uma voz masculina, aos índices *grosseria* e *irritação*. Neste contexto, os participantes também associaram o possessivo *teu* à *informalidade*, sendo este locucionado por uma voz masculina ou não (*teu*), e quando, necessariamente, locucionado por uma voz masculina (*teu-masc*). Ademais, o possessivo *teu*, independentemente do sexo/gênero do produtor do estímulo auditivo, também foi avaliado

como o possessivo menos *gentil*. Por fim, ressaltamos que, no contexto *neutro*, a condição *teu-masc* foi *avaliada* como a menos *gentil e delicada* dentre todas as outras.

Neste contexto, notamos dois aspectos muito importantes: (i) os índices receberam notas mais equilibradas e menos categóricas; (ii) a curva melódica feminina e a curva melódica masculina não se diferenciam muito. Tais apontamentos se evidenciam através de nossos resultados, posto que, dentro do contexto prosódico *neutro*, não houve uma interação tão intensa entre os aspectos suprasegmentais e o fenômeno analisado. Percebemos, ainda, que a entoação da voz do produtor do estímulo auditivo não atuou como um fator determinante para a avaliação dos falantes no experimento, então a atenção dos participantes parece ter se voltado para as formas possessivas *teu* e *seu*. Sendo assim, os significados sociais indexados às variantes possessivas foram evidenciados no contexto *neutro*.

No que se refere ao contexto prosódico *agressivo*, notamos que os falantes cariocas, no geral, associaram os possessivos: *teu* e *seu*, quando locucionados por uma voz masculina, aos índices *grosseria, masculinidade e irritação*; e *teu* e *seu*, quando locucionados por uma voz feminina, aos índices *gentileza e delicadeza*. Além disso, os participantes também associaram o possessivo *teu* à *informalidade* em duas situações distintas: (i) independentemente do sexo/gênero do produtor do estímulo auditivo (*teu*) e (ii) quando ele estava sendo locucionado por uma voz masculina (*teu-masc*).

Ainda considerando o contexto *agressivo*, também foi observado uma evidente interação entre os aspectos prosódicos e a percepção dos participantes cariocas diante das variantes *teu* e *seu*. Posto que, dentro deste contexto, notamos que grande parte dos julgamentos realizados se deram sob a influência dos aspectos suprasegmentais, e os participantes pareciam ter avaliado os estímulos auditivos considerando a oposição entre voz masculina e voz feminina, e não necessariamente o contraste entre as variantes possessivas *teu* e *seu*. A elocução masculina, por exemplo, aparentemente neutralizou a percepção dos significados sociais potencialmente associados aos pronomes possessivos. A influência do sexo/gênero do falante para o fenômeno foi tão intensa que observamos que a voz do próprio falante pode ter orientado a direção dos julgamentos perceptivos. Com isso, percebemos que a produção das variantes, *teu* ou *seu*, nos estímulos auditivos ficou em segundo plano, e o que influenciou o julgamento dos índices mais expressivos (*grosseria, irritação, masculinidade, delicadeza e gentileza*), no contexto *agressivo*, foi o fato de o estímulo auditivo ser locucionado pelo falante do sexo masculino.

Como descrito e explicado na seção 5.3, acreditamos que o aumento melódico observado na curva da voz masculina possa ter sido a motivação para que os aspectos

suprasegmentais tenham sido tão influentes neste contexto, e o porquê de o sexo/gênero do falante ter influenciado tanto na percepção dos participantes dentro deste contexto prosódico. Sendo assim, não é possível dizer que os significados sociais indexados às variantes possessivas foram enfatizados no contexto *agressivo*.

Por fim, no contexto prosódico *gentil*, os falantes cariocas, no geral, associaram o possessivo *teu*, quando locucionado por uma voz masculina, aos índices *grosseria* e *irritação*, perceberam a condição *teu-masc* como a menos *gentil* e *delicada* e o possessivo *teu* como o menos *delicado*. Observamos que este se caracterizou como um contexto prosódico pouco marcado, tendo em vista que pressupõe pouca flutuação melódica e um baixo nível de frequência fundamental, características opostas ao contexto mais marcado, o *agressivo*. Além disso, também notamos que poucas condições foram selecionadas como estatisticamente relevantes neste contexto; logo, é possível dizer que alguns significados sociais indexados às variantes possessivas foram neutralizados no contexto *gentil*.

Em resumo, é inegável a influência dos contextos prosódicos na *percepção* e *avaliação* dos falantes diante das formas possessivas *teu* e *seu*. Ao analisar os resultados dos experimentos, foi possível observar a mudança do comportamento dos participantes a depender do contexto prosódico dos estímulos auditivos em voga. Sendo assim, nesta análise, concluímos que os contextos prosódicos podem *reforçar*, *enfatizar* ou *amenizar* os *significados sociais* já associados à essas variantes possessivas, tendo em vista a função expressiva da prosódia (Fónagy, 2003).

Ainda, registramos que julgamos necessária uma análise futura que possa recobrir, de forma adequada, os aspectos prosódicos do fenômeno, considerando que estes não foram devidamente explorados e analisados neste presente estudo. Acreditamos que há a possibilidade de existir um processo de covariação a respeito do fenômeno variável das formas possessivas *teu* e *seu*, isto é, que a variável dependente *tipo de pronome possessivo de 2SG* interaja diretamente com a variável *contexto prosódico*. Sendo assim, reforçamos a necessidade de uma investigação mais aprofundada acerca dos aspectos prosódicos do fenômeno, que se mostraram influentes na percepção dos falantes durante as tarefas experimentais propostas nesta dissertação.

Para finalizar, será exposto aqui um quadro resumitivo contendo todos os resultados que foram encontrados no decorrer dessa presente dissertação, posto que muitas variáveis estavam sendo controladas e diferentes resultados foram encontrados:



<b>Observações gerais da pesquisa (Quadro resumitivo)</b>
Os falantes <b>percebem</b> e <b>avaliam</b> as formas possessivas <i>teu</i> e <i>seu</i> de maneiras distintas.
Os resultados de <b>percepção</b> se <b>assimilam</b> aos resultados das pesquisas <b>de produção</b> (Pereira, 2016; Tosi, 2021) no que diz respeito ao índice de <b>formalidade</b> .
O possessivo <i>teu</i> foi <b>percebido</b> e <b>avaliado</b> como a variante <b>mais informal</b> e a <b>menos gentil</b> ; e quando pronunciado por uma voz masculina ( <b>teu-masc</b> ), foi <b>percebido</b> e <b>avaliado</b> como o <b>mais grosseiro</b> e <b>irritado</b> , e o menos <b>delicado</b> e <b>gentil</b> .
O possessivo <i>seu</i> foi <b>percebido</b> e <b>avaliado</b> de forma mais <b>neutra</b> pelos falantes cariocas, não sendo associado, de forma significativa, aos índices controlados.
Os contextos prosódicos podem <b>reforçar</b> , <b>ênfatisar</b> ou <b>amenizar</b> os <b>significados sociais</b> já associados às variantes possessivas, pois há uma <b>forte interação</b> entre os <b>aspectos suprasegmentais</b> e a <b>percepção/avaliação</b> dos falantes cariocas diante das formas possessivas <i>teu</i> e <i>seu</i> .
A repetição das variantes no mesmo enunciado <b>não salientou seus significados sociais</b> , posto que a maioria dos resultados obtidos a partir do <b>segundo experimento</b> foram bem <b>similares</b> aos resultados obtidos no <b>primeiro experimento</b> .

**Quadro 7:** Síntese dos resultados gerais da investigação

### Referências bibliográficas

AMARAL, Camila Oliveira do. Práticas linguísticas, significados sociais e expressão de identidades: o caso de (-ste). **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 125-149, jan/jun. 2022.

ARDUIN, Joana. **A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil**. Florianópolis, 2005.

AUBERGÉ, V. **A Gestalt Morphology of Prosody Directed by Functions: the Example of a Step Model Developed at ICP**. In: Proceedings of the 1st Conference on Speech Prosody. Aix-en-Provence, 2002. p. 151-155.

BARBOSA, G. M. O. **O uso dos pronomes possessivos teu e seu em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX**. Dissertação. 2018.

BARBUIO, E. **Percepção da orientação sexual de homens gays e heterossexuais por meio de características acústicas da fala**. João Pessoa, 2016.

BECHARA, Evanildo. 1928 – **Moderna gramática portuguesa**. Conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOERSMA, P., & WEENINK, D. (1999-2013). **Praat: Doing phonetics by computer. Software**.

BROWN, Roger & GILMAN, Albert. (1960). The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEEK, T.A. **Style in Language**. Massachusetts: Ed. MIT Press. p. 253-276.

CARVALHO, Bruna Brasil Albuquerque. **“O que você acha do uso de tu?”: a percepção da variação dos pronomes de 2SG na variedade carioca**. Rio de Janeiro, julho de 2019.

CAMPBELL-KIBLER, K. Sociolinguistics and perception. **Language and Linguistics Compass** 4(6). 2010, p. 377-389.

CEZÁRIO, M.M; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7ª ed., reimpr. — Rio de Janeiro. Lexikon, 2017.

DANTAS, Ana Maria Ribeiro. **Gramática e gramaticalização: os possessivos em português**. São Paulo, 2008.

DRAGER, K. Experimental Methods in Sociolinguistics. In: HOLMES, J.; HAZEN, K. (eds.). **Research methods in sociolinguistics: a practical guide**. UK: Wiley Blackwell, 2014, p.58-73.

ECKERT, P. (2000). **Linguistic Variation as a Social Practice**. Hoboken, NJ: Blackwell Publishers Inc.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008

ECKERT, P. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual review of Anthropology**, v. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, P. The limits of meaning: Social indexicality, variation, and the cline of interiority. **Language**, v. 95, n. 4, p. 751-776, 2019.

FARACO, C. A. **The Imperative Sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion**. University of Salford, UK: Tese de Doutorado (1982).

FÓNAGY, I. **As funções modais da entoação**. Universidade de Paris III. Cad. Est. Ling., Campinas, Jul/Dez.1993.

FÓNAGY, I. **Des fonctions de l'intonation: essay de synthèse**. In: Flambeau. Tokyo, n.29, p. 1- 20. 2003.

FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. **Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações**. Alfa: Revista de Linguística, v. 56, n. 3, 2012.

FREITAG, Raquel M. K. **Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro**. Universidade Federal de Sergipe. D.E.L.T.A. , 32.4, 2016 (889-917).

FREITAG, Raquel Meister Ko. **Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva**. Universidade Federal de Sergipe, Brasil, 2018.

GUEDES, Dailane Moreira. **Possessivos simples e perifrásticos no português brasileiro: investigando a 3ª pessoa**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

GUEDES, Dailane M. **As formas possessivas de terceira pessoa no português brasileiro: uma análise experimental de seu versus dele**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, 2017.

GUEDES, Dailane M. **A atuação do tipo de posse na percepção das formas possessivas seu e dele: uma abordagem experimental**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, 2021

GUSSENHOVEN, C. **Intonation and Interpretation: Phonetics and Phonology**. Conference Paper, January, 2002.

HALL-LEW, Lauren; Moore, Emma; Podesva, Robert J. Podesva. **Social Meaning and Linguistic Variation**. Stanford University, August, 2021

HUERTA FLORES, Norohella. Los Posesivos. In: COMPANY COMPANY, Concepción. **Sintaxis Histórica de la Lengua Española. Segunda parte: la frase nominal**. 2009: 611-757.

KATO, Mary A. A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. **D.E.L.T.A.**, Vol. 1, n. 1 e 2, 1985 (107-120)

KENEDY, E. Psicolinguística na descrição gramatical. In: MAIA, M. (org.). **Psicolinguística, psicolinguísticas**. Rio de Janeiro: Contexto, 2015, p.143-156.

KIESLING, Scott F. Constructing Identity. **The Handbook of Language Variation and Change**, Second Edition. Published 2013 by John Wiley & Sons, Inc.

LABOV, W. **The social motivation of a sound change**. *Word*, 19, 1963, p. 273-309

LABOV, W. **The social stratification of English in New York**. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1994

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Social Factors**. Oxford, Blackwell, 2001.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial. 2008 [1972]

LACERDA, Patrícia Fabiane A. da Cunha. A implementação do possessivo 'dele' na língua portuguesa. **Veredas** on line: Juiz de Fora, p. 20-35, 2010.

LEINONEN, Lea et alli. **Expression of emotional-motivational connotations with a one-word utterance**. In: *JASA*, 102 (3), setembro de 1997. p. 1853-1863.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOPES, Célia Regina dos S. Pronomes pessoais. In: Silvia Figueiredo Brandão e Silvia Rodrigues Vieira. (Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

LOPES, C. R. dos S.; DUARTE, M. E. L. **Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX**. In: Jânia M. Ramos e Mônica A. Alkmim (orgs). Para a história do português brasileiro Vol. V Estudos sobre mudança lingüística e história social. 1 ed. Belo Horizonte: Ed. FALE/UFMG, 2007, v. V, p. 28-.

LOPES et al, Célia Regina. A reorganização do sistema pronominal de 2ª pessoa na história do português brasileiro: outras relações gramaticais. Capítulo 2 da coleção **História do Português Brasileiro vol. 4. Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista**. Editora Contexto; 1ª edição, 2018.

LOPES, Célia Regina. GUEDES, Dailane Moreira. **Formas possessivas de terceira pessoa: confrontando seu e dele a partir da abordagem experimental**. N.º 58 – 1º semestre de 2020 – Rio de Janeiro

MACHADO, Ana Carolina Morito. **As formas de tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX**. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ. 2011.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. Formas de tratamento na história do português: composicionalidade pronominal e concordância verbal. **Diadorim** (Rio de Janeiro), v. 14, p. 1-33, 2013.

MELO, Marcelo A. S. Lopes de. **Direcionalidade da mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social**. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2012.

MENDES, Fernanda. **Variação estilística e genericidade: a variação de pronomes possessivos de segunda e terceira pessoa do singular**. Anais do CELSUL, 2008.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. O paulistano no mapa sociolinguístico brasileiro. **Alfa**, v. 56, n. 3, p. 973-1001, 2012.

MENDES, R. B. **Percepção e performance de masculinidades**. 2018. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MENON, O. P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. **Letras**, Curitiba, n. 44, p. 91- 106, 1995b.

MORAES, João. **Recherches sur l'Intonation Modale du Portugais Brésilien Parlé à Rio de Janeiro**. Thèse de Doctorat de Troisième Cycle. Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, 1984.

MOZZICONACCI, Sylvie. **Speech variability and emotion: production and perception**. Doctoral Thesis. Eindhoven, Technische Universiteit Eindhoven, 1998.

OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. Língua e Percepção: **O Processamento dos clíticos com referência ao interlocutor no Português Brasileiro** / Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2018.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. **Estudo da regularidade na variação dos possessivos no Português do Rio de Janeiro**. 1982. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. **Variação no sistema possessivo da terceira pessoa**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 78-79, p. 54-72, 1984.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. **Um caso de definitude**. Organon, Porto Alegre, n. 18, p. 90-108, 1991.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. **Estertores da forma seu na língua oral**. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. de.; SCHERRE, M. M. P. (Ed.). Padrões sociolingüísticos. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo 189 Brasileiro, 1998. p. 171-181.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

OUSHIRO, Livia. **Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na sociolinguística**. No 63, NÚM. ESP.|2019, Salvador: pp. 304-325.

OUSHIRO, Livia. Avaliações e percepções sociolinguísticas. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v 50, n. 1, p. 318 – 336, abr. 2021.

PAREDES SILVA, V. L. 2003. **“O retorno do pronome tu à fala carioca”**. Em: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (eds.). *Português Brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade, história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 160-169.

PEREIRA, Rachel de Oliveira. **Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica**. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2016.

PEREIRA, Murilo Antonio Kühl. Efeito das emoções na linguagem por meio dos enunciados. Trabalho apresentado no XXIX Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP (2021), disponível em <https://proceedings.science/unicamp-pibic/pibic-2021/trabalhos/efeito-das-emocoes-na-linguagem-por-meio-dos-enunciados?lang=pt-br>.

PERINI, Mário A. **O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional**. Universidade Federal de Minas Gerais. D.E.L.T.A., Vol. 1 n. 1 e 2, 1985, (1-16).

RUMEU, M. C. B. **Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas**. Volumes I e II. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

SANKOFF, David, SALI A. TAGLIAMONTE, and SMITH, E. (2005). **Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto.

SBALQUEIRO, A. **A variação dos pronomes possessivos de 2ª e de 3ª pessoas em redações de alunos de uma escola pública de Curitiba**. 2005. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SCHÜTZE, C. T.; SPROUSE, J. Judgement data. In: PODESVA R.; DEVYANI; SHARMA (eds.). **Research methods in linguistics**. New York: Cambridge University Press, 2013.

SILVA, Giselle M. O. **Variação no sistema possessivo da terceira pessoa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

SILVA, Sergio Luiz Baptista. **Masculinidades e Feminilidades dentro dos Manuais do Fle (Francês Língua Estrangeira): das visões sexistas às relações de gênero**. Tese de Doutorado, São Paulo, 2008.

SILVA, Rodrigo Selmo da S. **“Carlinda me falou que tu não falou a sua mãe a respeito disto”: a variação teu/seu no paradigma de segunda pessoa do singular em cartas de amor interioranas do século XX.** Recife, 2023.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **Segunda e Terceira Pessoa – O PRONOME POSSESSIVO EM QUESTÃO: Uma análise variacionista.** Curitiba, 23 de julho de 1999.

SOUZA, Janaina Pedreira Fernandes. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX.** Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 2012.

SQUIRES, L. **Social Differences in the Processing of Grammatical Variation.** U. Penn Working Papers in Linguistics, v. 20.2, p. 179-188, 2014.

TESCH, Leila Maria. **O sotaque capixaba: um estudo de percepção.** Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 16, n. 34, p. 225-242, 2022.

TOSI, Brenda Gonçalves. **O estudo da variação teu/seu: uma análise dos possessivos a partir de esquetes humorísticos.** Monografia. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2021.

VARGAS, Marly Rocha Medeiros de. **Os possessivos de segunda pessoa em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

WEINREICH, Uriel. LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Empirical foundations for a theory of language change.** In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. **Directions for historical linguistics.** University of Texas Press. 1968.

WILLIAMS, Carl & STEVENS, Kenneth. **Emotions and speech: some acoustical correlates.** In: The Journal of the Acoustical Society of America, v. 52, n. 4, parte 2, 1972. p. 1238- 1250.

## ANEXOS

### A. TCLE – Ouvintes

#### REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

##### **Informações aos participantes:**

##### **1) Título do protocolo do estudo:**

Aplicação de teste perceptivo para o estudo “Os significados sociais da variação *teu/seu*: investigando percepções e avaliações sociolinguísticas”

##### **2) Convite**

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “Os significados sociais da variação *teu/seu*: investigando percepções e avaliações sociolinguísticas”. Antes de decidir se participará, é importante que você entenda por que o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Reserve um tempo para ler cuidadosamente as informações a seguir e faça perguntas se algo não estiver claro ou se quiser mais informações. Não tenha pressa de decidir se deseja ou não participar desta pesquisa.

##### **3) O que é o projeto?**

O projeto consiste em um estudo experimental sobre os significados sociais possivelmente associados as estratégias possessivas *teu* e *seu*, fenômeno linguístico variável no Português do Brasil. Por isso, a pesquisa requer que sejam feitas gravações de falantes nativos do Português do Brasil, da variedade do Rio de Janeiro, a fim de analisar, acusticamente e perceptivamente, as estratégias dos falantes na produção do foco. As gravações serão armazenadas em computadores utilizados na pesquisa, a fim de serem recortadas para extrair as frases-chave do experimento, que serão utilizadas para a pesquisa em testes de percepção e para a análise acústica. As gravações serão armazenadas de forma anônima bem como as suas descrições acústicas e perceptivas, restringindo-se a sua divulgação a periódicos e eventos científicos sob a autorização dos envolvidos.

##### **4) Qual é o objetivo do estudo?**

O projeto visa realizar uma análise de percepção e avaliação da variação entre as formas possessivas de segunda pessoa do singular *teu* e *seu* no Português Brasileiro, especialmente na variedade carioca. O estudo investiga, mais especificamente, quais seriam os significados sociais que estão sendo indexicalizados ao uso dessas estratégias possessivas.

##### **5) Por que eu fui escolhido(a)?**

Você foi escolhido por apresentar os seguintes requisitos:



- Ensino superior em andamento, de preferência calouros, devido à menor familiaridade e contato com a metodologia científica da área.
- Falante nativo do Português do Brasil, da variedade do Rio de Janeiro, visto que a pesquisa se desenvolve a partir desta.
- Ser nascido e ser residente da cidade do Rio de Janeiro.

#### **6) Eu tenho que participar?**

Você é quem decide se gostaria de participar ou não desta pesquisa. Se decidir participar do estudo “Os significados sociais da variação *teu/seu*: investigando percepções e avaliações sociolinguísticas”, você receberá uma cópia assinada deste registro para guardar e deverá assinar um termo de consentimento. Mesmo se você decidir participar, você ainda tem a liberdade de se retirar das atividades a qualquer momento, sem qualquer justificativa. Isso não afetará em nada sua participação em demais atividades e não causará nenhum prejuízo.

#### **7) O que acontecerá comigo se eu participar? O que eu tenho que fazer?**

Será solicitado a você que responda um questionário no qual você ouvirá doze áudios diferentes. Então você irá classificá-los a partir de uma escala de cinco pontos, de acordo com as suas impressões, caracterizando socialmente as pessoas dos áudios a partir de suas vozes.

#### **8) O que é exigido de mim nesse estudo além da prática de rotina?**

Não há mais nenhuma exigência. Basta que você demonstre desejo em participar e contribuir com esta pesquisa.

#### **9) Quais são os eventuais riscos ao participar do estudo?**

De acordo com as Resoluções 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde, todas as pesquisas envolvem riscos, ainda que mínimos. Para nossa gravação, os riscos previstos bem como as respectivas medidas preventivas são as seguintes:

- Cansaço da vista. Para evitá-lo, você poderá parar o preenchimento do formulário quando quiser. Além disso, o questionário terá de curta extensão, para que não seja cansativo para os participantes.
- Cansaço da audição. Para evitá-lo, você poderá parar o preenchimento do formulário quando quiser e retirar o fone oferecido para ouvir os enunciados. Além disso, o questionário terá de curta extensão, para que não seja cansativo para os participantes.
- Privacidade e confidencialidade de dados pessoais. Seus dados pessoais serão mantidos em anonimato a todo tempo. Utilizaremos, no desenvolvimento da pesquisa, apenas informações sociodemográficas (sexo, idade e escolaridade).

#### **10) Quais são os possíveis benefícios de participar?**

Os benefícios específicos para participantes são:

- Oportunidade de conhecimento sobre pesquisa realizada no campo de estudo e na instituição (Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro).
- A satisfação de contribuir para o desenvolvimento do conhecimento científico.
- Para a área da Linguística, a pesquisa poderá contribuir para o maior conhecimento sobre o comportamento morfológico do Português do Brasil, em especial da variedade carioca.

#### **11) O que acontece quando o estudo termina?**

Suas respostas ficarão armazenadas para fins de análise de maneira codificada, assegurando seu anonimato. Importante dizer que o controle e análise dos dados demográficos é um procedimento consagrado e tradicional da metodologia da Sociolinguística Variacionista, que comumente analisa categorias macrossociais, tais como o sexo, a idade e a escolaridade dos informantes. A título de exemplificação, ver: Labov, 1972; Soares, 1999; Pereira, 2016; Tosi, 2021. Sendo assim, apenas os dados demográficos informados por você no experimento estarão disponíveis junto aos resultados descritos na Dissertação de Mestrado. Tal dissertação será disponibilizada na página do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (<https://ppglinguistica.lettras.ufrj.br/>).

#### **12) E se algo der errado?**

A pesquisa só será realizada com o consentimento dos envolvidos. Mesmo assim, durante a participação, caso o colaborador não se sinta confortável, poderá se retirar da pesquisa quando desejar, sem qualquer prejuízo ou justificativa; também, depois da gravação, será sempre possível pedir o descarte do material da gravação.

#### **13) Minha participação neste estudo será mantida em sigilo?**

Sim, sua identidade será preservada em todas as fases de desenvolvimento da pesquisa. As possíveis menções à sua participação serão feitas de modo totalmente anônimo e codificado, como, por exemplo: “O experimento foi aplicado presencialmente para um total de 25 participantes, sendo 11 homens e 14 mulheres, entre 18 e 30 anos. Estes, eram necessariamente calouros da faculdade de letras, ou não tinham nenhum conhecimento específico da área”. Por fim, lembramos que você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento, além de poder solicitar o descarte de qualquer uma das gravações realizadas com você (ou, mesmo, de todas). Caso seja essa a sua vontade, os dados fornecidos por você, ou até mesmo parte deles, deixarão de fazer parte da pesquisa imediatamente.

#### **14) Contato para informações adicionais**

Dados da pesquisadora responsável: Brenda Gonçalves Tosi

Contato celular: (21) 98816-8749 – E-mail: [brendatosi@letras.ufrj.br](mailto:brendatosi@letras.ufrj.br)

Dados da Instituição Proponente: Faculdade de Letras – Campus da UFRJ da Ilha do Fundão – Prédio da Faculdade de Letras, 3º andar, Sala F316 – Telefone: (21) 3938-9750 – E-mail: [direcao@letras.ufrj.br](mailto:direcao@letras.ufrj.br).

Dados do CEP: Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH – Campus da UFRJ da Praia Vermelha – Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30 – Telefone: (21) 3938-5167 – E-mail: [cep.cfch@gmail.com](mailto:cep.cfch@gmail.com).

O Comitê de Ética em Pesquisa é um colegiado responsável pelo acompanhamento das ações deste projeto em relação a sua participação, a fim de proteger os direitos dos participantes desta pesquisa e prevenir eventuais riscos.

### **15) Remunerações financeiras**

Nenhum incentivo ou recompensa financeira está previsto pela sua participação nesta pesquisa. Obrigado por ler estas informações. Se deseja participar deste estudo, assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido anexo e devolva-o ao(à) pesquisador(a). Você deve guardar uma cópia destas informações e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para seu próprio registro.

1 – Confirmo que li e entendi a folha de informações para o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Concordo em participar da pesquisa acima.

Nome do participante: \_\_\_\_\_ Sexo  F  M Idade: \_\_\_\_\_ anos

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Data: \_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

## B. TCLE - Falantes

### **REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

#### **Informações aos participantes:**

##### **1) Título do protocolo do estudo:**

Gravação dos enunciados experimentais para o estudo “Os significados sociais da variação *teu/seu*: investigando percepções e avaliações sociolinguísticas”

##### **2) Convite**

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “Os significados sociais da variação *teu/seu*: investigando percepções e avaliações sociolinguísticas”. Antes de decidir se participará, é importante que você entenda por que o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Reserve um tempo para ler cuidadosamente as informações a seguir e faça perguntas se algo não estiver claro ou se quiser mais informações. Não tenha pressa de decidir se deseja ou não participar desta pesquisa.

##### **3) O que é o projeto?**

O projeto consiste em um estudo experimental sobre os significados sociais possivelmente associados as estratégias possessivas *teu* e *seu*, fenômeno linguístico variável no Português do Brasil. Por isso, a pesquisa requer que sejam feitas gravações de falantes nativos do Português do Brasil, da variedade do Rio de Janeiro, a fim de analisar, acusticamente e perceptivamente, as estratégias dos falantes na produção do foco. As gravações serão armazenadas em computadores utilizados na pesquisa, a fim de serem recortadas para extrair as frases-chave do experimento, que serão utilizadas para a pesquisa em testes de percepção e para a análise acústica. As gravações serão armazenadas de forma anônima bem como as suas descrições acústicas e perceptivas, restringindo-se a sua divulgação a periódicos e eventos científicos sob a autorização dos envolvidos.

##### **4) Qual é o objetivo do estudo?**

O projeto visa realizar uma análise de percepção e avaliação da variação entre as formas possessivas de segunda pessoa do singular *teu* e *seu* no Português Brasileiro, especialmente na variedade carioca. O estudo investiga, mais especificamente, quais seriam os significados sociais que estão sendo indexicalizados ao uso dessas estratégias possessivas.

##### **5) Por que eu fui escolhido(a)?**

Você foi escolhido por apresentar os seguintes requisitos:

- Ensino superior completo ou em andamento em Letras, devido à maior familiaridade e contato com a metodologia científica da área.
- Falante nativo do Português do Brasil, da variedade do Rio de Janeiro, visto que a pesquisa se desenvolve a partir desta.
- Ser nascido e ser residente da cidade do Rio de Janeiro.
- Conhecer previamente os conceitos linguísticos utilizados no *corpus*, tornando a tarefa de gravação mais fácil e confortável para você.

#### **6) Eu tenho que participar?**

Você é quem decide se gostaria de participar ou não desta pesquisa. Se decidir participar do estudo “Os significados sociais da variação *teu/seu*: investigando percepções e avaliações sociolinguísticas”, você receberá uma cópia assinada deste registro para guardar e deverá assinar um termo de consentimento. Mesmo se você decidir participar, você ainda tem a liberdade de se retirar das atividades a qualquer momento, sem qualquer justificativa. Isso não afetará em nada sua participação em demais atividades e não causará nenhum prejuízo.

#### **7) O que acontecerá comigo se eu participar? O que eu tenho que fazer?**

Será solicitado a você que produza oralmente enunciados a partir de contextos pragmáticos específicos criados. Apenas a sua voz será gravada.

#### **8) O que é exigido de mim nesse estudo além da prática de rotina?**

Não há mais nenhuma exigência. Basta que você demonstre desejo em participar e contribuir com esta pesquisa.

#### **9) Quais são os eventuais riscos ao participar do estudo?**

De acordo com as Resoluções 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde, todas as pesquisas envolvem riscos, ainda que mínimos. Para nossa gravação, os riscos previstos bem como as respectivas medidas preventivas são as seguintes:

- Cansaço da voz. Para evitá-lo, propomos pausas durante a gravação, a cada 20 minutos e toda vez que for solicitado por você. Também disponibilizaremos água mineral, que estará ao seu alcance durante toda a gravação.
- Inibição/constrangimento diante de um observador, não saber como produzir os enunciados, perda de tempo. Por isso, você pode decidir parar a gravação a qualquer momento — sabendo que a gravação tem duração aproximada de 15 minutos.
- Privacidade e confidencialidade de dados pessoais. Seus dados pessoais serão mantidos em anonimato a todo tempo. Utilizaremos, no desenvolvimento da pesquisa, apenas informações sociodemográficas (sexo, idade e escolaridade).

#### **10) Quais são os possíveis benefícios de participar?**

Os benefícios específicos para participantes são:

- Oportunidade de conhecimento sobre pesquisa realizada no campo de estudo e na instituição (Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro).
- A satisfação de contribuir para o desenvolvimento do conhecimento científico.
- Para a área da Linguística, a pesquisa poderá contribuir para o maior conhecimento sobre o comportamento morfológico do Português do Brasil, em especial da variedade carioca.

### **11) O que acontece quando o estudo termina?**

As gravações serão armazenadas de maneira codificada, a fim de preservar seus dados pessoais. Com isso, realizamos uma separação rigorosa entre dados pessoais, isto é, aqueles que permitem a identificação do indivíduo como ser particular, e os dados demográficos. Importante dizer que o controle e análise de dados demográficos é um procedimento consagrado e tradicional da metodologia da Sociolinguística Variacionista, que comumente analisa categorias macrossociais, tais como o sexo, a idade e a escolaridade dos informantes. A título de exemplificação, ver: Labov, 1972; Soares, 1999; Pereira, 2016; Tosi, 2021. Sendo assim, apenas os dados demográficos estarão disponíveis junto aos resultados descritos na Dissertação de Mestrado da qual esses dados farão parte. Tal dissertação será disponibilizada na página do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (<https://ppglinguistica.letas.ufrj.br/>).

### **12) E se algo der errado?**

A pesquisa só será realizada com o consentimento dos envolvidos. Mesmo assim, durante a participação, caso o colaborador não se sinta confortável, poderá se retirar da pesquisa quando desejar, sem qualquer prejuízo ou justificativa; também, depois da gravação, será sempre possível pedir o descarte do material da gravação.

### **13) Minha participação neste estudo será mantida em sigilo?**

Os estímulos de áudio gravados serão utilizados apenas para fins de pesquisa, com utilização restrita a meios de divulgação científicos. Além das informações demográficas de sexo, escolaridade e idade, não registraremos nenhuma outra informação sobre você. Sua identidade será preservada em todas as fases de desenvolvimento da pesquisa. As possíveis menções à sua participação serão feitas de modo totalmente anônimo e codificado, como, por exemplo: “Foram gravados, para esse experimento, através da técnica de fala atuada, 24 estímulos sonoros, onde 12 foram enunciados por um homem graduando de 26 anos, e 12 foram enunciados por uma mulher graduada de 27 anos”. Ademais, o armazenamento dos estímulos auditivos será realizado a partir de uma codificação, por exemplo, a gravação será registrada como FSN\_01, sendo F para dizer que esta foi uma gravação realizada por uma informante do

sexo feminino, o S para indicar que ela produziu o pronome possessivo seu, o A para indicar que a sua elocução foi realizada de forma neutra, e o 01 para indicar a quantidade de vezes que ela produziu o pronome possessivo. Por fim, lembramos que você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento, além de poder solicitar o descarte de qualquer uma das gravações realizadas com você (ou, mesmo, de todas). Caso seja essa a sua vontade, os dados fornecidos por você, ou até mesmo parte deles, deixarão de fazer parte da pesquisa imediatamente.

#### **14) Contato para informações adicionais**

Dados da pesquisadora responsável: Brenda Gonçalves Tosi

Contato celular: (21) 98816-8749 – E-mail: brendatosi@letras.ufrj.br

Dados da Instituição Proponente: Faculdade de Letras – Campus da UFRJ da Ilha do Fundão. Prédio da Faculdade de Letras, 3º andar, Sala F316 – Telefone: (21) 3938-9750 – E-mail: direcao@letras.ufrj.br.

Dados do CEP: Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH – Campus da UFRJ da Praia Vermelha. Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30 – Telefone: (21) 3938-5167 – E-mail: cep.cfch@gmail.com.

O Comitê de Ética em Pesquisa é um colegiado responsável pelo acompanhamento das ações deste projeto em relação a sua participação, a fim de proteger os direitos dos participantes desta pesquisa e prevenir eventuais riscos.

#### **15) Remunerações financeiras**

Nenhum incentivo ou recompensa financeira está previsto pela sua participação nesta pesquisa. Obrigado por ler estas informações. Se deseja participar deste estudo, assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido anexo e devolva-o ao(à) pesquisador(a). Você deve guardar uma cópia destas informações e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para seu próprio registro.

1 – Confirmo que li e entendi a folha de informações para o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Concordo em participar da pesquisa acima.

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Sexo  F  M Idade: \_\_\_\_ anos

Assinatura do participante: \_\_\_\_\_

Data: \_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_